

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Verônica Martins Hoffmann

**ESCOLA DE PAIS: UM DESAFIO PARA A FORMAÇÃO
DE PROFESSORES**

Sorocaba-SP
2017

Verônica Martins Hoffmann

**ESCOLA DE PAIS: UM DESAFIO PARA A FORMAÇÃO
DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Alzira de Almeida Pimenta

Sorocaba-SP
2017

Ficha Catalográfica

Hoffmann, Verônica Martins

H648e Escola de Pais: um desafio para a formação de professores /
Verônica Martins Hoffmann. -- 2017.
111 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alzira de Almeida Pimenta
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

1. Escola de Pais. 2. Professores - Formação. 3. Psicologia
educacional. 4. Educação para vida familiar. 5. Pais e filhos. I.

Verônica Martins Hoffmann

**ESCOLA DE PAIS: UM DESAFIO PARA A FORMAÇÃO
DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Alzira de Almeida Pimenta

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Maria Alzira de Almeida Pimenta (UNISO)

Prof.^a Dr.^a Vânia Vieira (UNIUBE)

Prof. Dr. Waldemar Marques (UNISO)

Para Wili, Pedro Henrique, Bárbara e Guilherme.

Aos meus pais, que sempre foram presentes e me apoiaram,

Ao corpo docente da Universidade de Sorocaba, que muito me ensinou,

A todas as pessoas que direta ou indiretamente estiveram comigo nesta jornada,

E muito especialmente aos pais participantes da Escola de Pais, que tanto acrescentaram à minha vida profissional, acadêmica e pessoal,

Gratidão!

Entendo o homem como configurando-se em uma atividade transformadora, em uma relação dialética, mutuamente modificante, relação esta que tem como motor a necessidade.

(E. Pichon-Rivière, 1975, p. 206)

RESUMO

A Escola de Pais, objeto desta pesquisa, inserida na linha de pesquisa em Educação Superior, é aqui pensada na perspectiva da relação família-escola. A Escola de Pais surgiu de dificuldades identificadas em pais e responsáveis, quanto a orientação da conduta de seus filhos, sob o ponto de vista de educar com base em valores sociais, definir limites e garantir que fossem respeitados. Esta pesquisa situa-se na interface entre psicologia e educação, além de tratar de situações advindas de múltiplas questões sociais, culturais, econômicas e políticas. Justifica-se por construir subsídios para formação de professores que atuarão na educação infantil e no ensino fundamental, com atenção àquelas questões. O objetivo geral da pesquisa foi apontar um conhecimento, a partir do trabalho realizado, sobre como professores podem atuar na Escola de Pais. Para tanto, buscou-se identificar as competências, habilidades e atitudes de que os professores precisam para atuar na Escola de Pais, considerando a escuta sensível, a comunicação e a argumentação. O conhecimento apontado nesta pesquisa, observado nas vivências da Escola de Pais, pode fazer parte do conteúdo a ser estudado nos cursos de formação de professores: licenciaturas em geral e, mais especialmente, Pedagogia. O desenho metodológico compreendeu a pesquisa-ação, utilizou-se a pesquisa qualitativa, a técnica de Grupos Operativos, autoscopia, avaliação de programa e coleta de dados. Os resultados e conclusões apontam para as formas de se inserir a discussão sobre Escola de Pais nos cursos de formação de professores. Considera-se que os cursos de formação necessitam atender às demandas por práticas pedagógicas e professores que respondam a uma conjuntura dinâmica e bastante específica, que envolve as novas configurações familiares; as relações de gênero; os modos de viver e de trabalhar; e as relações interpessoais.

Palavras-chave: Escola de Pais. Grupos Operativos. Autoscopia. Formação de Professores.

ABSTRACT

Parenting Education, object of this research, inserted in the line of research in Higher Education, is here thought through the perspective of the family-school relation. Parenting Education emerged from difficulties identified in parents and guardians to the orientation of the behavior of minors, from the point of view of developing an education based on social values, setting limits and ensuring that they are respected. This research is located at the interface between psychology and education, as well as dealing with situations arising from multiple social, cultural, economic and political issues. It is justified through the construction of subsidies for the training of teachers who will work in kindergarten and elementary education, with attention to those questions. The general objective of the research was to point out a knowledge, acquired from the accomplished task, about how teachers can work on Parenting Education. To do so, we sought to identify the skills, abilities and attitudes that teachers need to act in Parenting Education, considering sensitive listening, communication and argumentation. The knowledge pointed out in this research, observed in the experiences gathered from the performed Parenting Education program, can be part of the content to be studied in the teacher training courses: bachelor's degree in general and, more specifically, Pedagogy. The methodological design of this study enveloped action research, using qualitative research, the technique of Operative Groups, autoscapy, program evaluation and data collection. The results and conclusions point to ways of inserting the discussion about Parenting Education in teachers' training courses. It is considered that the training courses need to meet the demands for pedagogical practices, and teachers that respond to a dynamic and quite specific environment, which involves new family configurations; gender relations; the ways of living and working; and interpersonal relationships.

Keywords: Parenting Education. Operating Group. Autoscapy. Teachers' Training.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
ECRO	Esquema Conceitual Referencial e Operativo
L A	Liberdade Assistida
ONG	Organização Não Governamental
PUCC	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNISO	Universidade de Sorocaba
USP	Universidade de São Paulo
CSJ	Centro de Justiça Social do Reino Unido

SUMÁRIO

A PESQUISADORA E SEU ENVOLVIMENTO COM A ÁREA.....	10
1 INTRODUÇÃO	14
2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	20
2.1 ESTADO DE CONHECIMENTO	20
2.2 ESCOLA DE PAIS	21
2.3 REFERENCIAL TEÓRICO	26
3 PROCESSO DE PESQUISA: DO GRUPO SÓCIO EDUCATIVO À ESCOLA DE PAIS	40
3.1 DISCUSSÕES E PRODUÇÃO COOPERATIVA	40
3. ESCOLA DE PAIS	41
4 ANALISANDO O PROCESSO NA INSTITUIÇÃO E NA ESCOLA.....	59
4.1 AVALIAÇÃO DO PROJETO CREAS 2015	59
4.2 AVALIAÇÃO DO PROJETO CREAS 2016	63
4.3 AVALIAÇÃO DO PROJETO ESCOLA 2016.....	84
4.4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM PERFIL DE ORIENTADORES	88
4.5 AVALIAÇÃO DE PROGRAMA	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	95
APÊNDICE A - Íntegra das descrições dos pais/responsáveis, acerca das experiências vividas durante da Escola de Pais, em 2015.....	98
APÊNDICE B - Integra das descrições dos pais/responsáveis, acerca das expectativas do início da Escola de Pais, em 2016.....	100
APÊNDICE C – Íntegra da avaliação do Projeto piloto CREAS - 2015.....	102
APÊNDICE D– Carta convite	104
ANEXO A - Autorização para a pesquisa da Secretaria da Educação de Sorocaba.....	108
ANEXO B - Autorização para a pesquisa na Escola Municipal/Sorocaba	109
ANEXO C - Autorização para a pesquisa no CREAS/Itapetininga.....	110

A PESQUISADORA E SEU ENVOLVIMENTO COM A ÁREA

Considerando que este trabalho se fundamenta e se ancora em experiências pessoais (tanto empíricas quanto de fundo científico), ainda que com o valioso suporte de estudiosos, com quem dialogamos ao longo da apresentação e argumentação, parece-nos pertinente apresentar a história pessoal da autora no que se refere à vivência e trânsito no espaço e meios aqui abordados.

Nasci na cidade de São Roque, estado de São Paulo, no ano de 1964. No ano de 1994, além de mãe em tempo integral dos meus três filhos, fazia algumas matérias do curso de Terapia Ocupacional, que havia iniciado na PUC e agora seguia na USP.

Meu marido, meus filhos e eu participávamos de uma comunidade cristã chamada Projeto Raízes, no bairro Pompeia, em São Paulo. Num domingo de janeiro daquele ano, recebemos na comunidade o casal que coordenava um projeto de ressocialização de crianças e adolescentes em situação de rua no centro da cidade. Um casal maravilhoso e com uma disposição incrível. Ela, filha de missionários e ele, um ex-detento. Um grupo de música, formado por jovens ressocializados, os acompanhava e compartilharam conosco suas histórias de vida.

A proposta do casal era fazer parceria com nossa comunidade, não apenas para obter ajuda financeira, mas para despertar pessoas para o trabalho - como aconteceu comigo. Fui visitar o projeto no centro naquele mesmo mês e me dispus a ser voluntária nas minhas manhãs livres, quando os filhos estavam na escola. Minha função era ajudar a captar recursos financeiros para sustentar o projeto "Papo de Resposta" e as casas lares que abrigavam as crianças e os adolescentes que decidiam sair das ruas. Havia uma casa lar para as crianças no bairro de Interlagos e outra para adolescentes no bairro de Pirituba. Com meu trabalho, somado ao da equipe, ampliamos mais duas casas lares no litoral paulista, e com a doação de uma ONG internacional, compramos um sítio na cidade de Vargem Grande Paulista, São Paulo, com cinco alqueires de terra. Saía de Santo Amaro para a praça da Sé alguns dias do mês, sempre acompanhada de pessoas que havia contatado para conhecer o projeto.

As crianças e adolescentes da Sé eram indivíduos que haviam deixado suas casas por razões diversas, entre as quais os maus tratos e o abuso moral e sexual. Sem orientação e sem suporte de um adulto, muitos migravam para as ruas. Pudemos observar que crianças menores, entre 6 e 10 anos, não tinham dificuldades para conseguir alimento, dinheiro, roupas e também a compaixão das pessoas que circulavam pela região central da cidade. Víamos crianças abatidas, maltratadas, mas que sorriam, jogavam bola de meia e corriam soltas, desfrutando de uma falsa liberdade. Esse era o panorama que podia ser visto pelos passantes, caso estivessem atentos, pelo período em que o sol fazia perdurar a claridade do dia. Contudo, com a chegada da noite, a escuridão trazia consigo um clima de tensão e medo. Nos arredores da Praça da Sé, havia muitos adultos que aliciavam essas crianças. Eram conhecidos como “pais de rua”, para quem muitas delas corriam assim que a noite chegava. Eles habitavam os “mocós” (gíria - esconderijos), becos e alguns imóveis abandonados da região. A “liberdade” que alguém poderia admirar na vida solta das crianças correndo pela praça era de fato falsa, pois a “tutela do pai de rua” tinha um preço - parte do que arrecadavam nas ruas era entregue a ele - um preço que pagavam pelo abrigo e “segurança”.

Para os adolescentes, a situação de rua era mais complicada. Já sem a graça e o frescor infantil, o que eles recebiam das pessoas era, na maioria dos casos, desprezo. Pessoalmente ouvi o relato de muitos desses adolescentes moradores de rua, que haviam chegado em tenra idade àquela condição na qual permaneciam indefinidamente.

As drogas, presença marcante e dominadora naquele contexto, cumpriam seu papel ilusório de consoladoras e protetoras, permitindo que as crianças e os adolescentes tragassem melhor a vida que levavam. A cola de sapateiro foi por um tempo a mais acessível e mais barata, mas logo pudemos presenciar a chegada do crack, cujo efeito sobre todo o sistema físico, mental e emocional é devastador.

O espaço que o projeto mantinha no centro da capital, chamado “Papo de Resposta”, recebia crianças e adolescentes para um bate papo e uma refeição. Com o passar dos dias, entre idas e vindas ao projeto, alguns deles decidiam aceitar a ajuda do grupo para ir para uma das casas-lares que o projeto mantinha com a proposta de ressocialização. Parte da equipe que atuava na linha de frente do projeto era formada por pessoas que haviam experimentado as ruas.

Passavam algumas horas do dia caminhando por elas, pelos becos e “mocós”, ouvindo e acolhendo as histórias das crianças e adolescentes e convidando-os para conhecer o espaço, para um “papo”, uma música, uma refeição.

Percorri com essa equipe longos trechos e os acompanhei nas conversas que mantinham com as crianças e adolescentes, um trabalho de muita dedicação, amor pela vida e pelo ser humano. Apesar de não trabalhar na linha de frente e sim no apoio, minha vida foi amplamente modificada. Foram anos de intenso contato com uma realidade que até então passara ao largo da minha vida. Este pequeno relato não abarca todas as experiências vividas naqueles quatro anos, mas quero frisar que aí foi plantada a semente que me move até aqui.

No ano de 1997, senti o desejo de voltar a estudar, iniciar outro curso. O trabalho como voluntária era gratificante, mas queria colocar a “mão na massa”, me inteirar mais das questões sociais. Deixei o projeto no final daquele ano para ingressar no curso de Psicologia. Em 1999, como parte dos meus estudos em psicologia social, voltei a participar de um projeto com o coordenador do Projeto Papo de Resposta, dessa vez no bairro de Guaianazes, São Paulo. Era um projeto financiado por um grupo de empresários autointitulado “Sangue Bom”. Uma escola do bairro abriu espaço para nosso trabalho, que consistia em encontros semanais com os pais de alunos para conversas sobre drogadição.

Em 2003, concluí o curso de psicologia, na cidade de Sorocaba, onde passei a residir. No ano seguinte, iniciei meu trabalho clínico, atendendo adolescentes e adultos. No percurso da minha atuação em psicoterapia, me especializei em Psicanálise e Coordenação de Grupos Operativos.

Em 2006, outro projeto atravessaria minha vida. O Projeto Alegria, inserido em uma comunidade carente há pelo menos 30 anos, localizado entre os municípios de Sorocaba e Votorantim, administrado pela Ordem das Irmãs da Providência¹. Atende crianças e adolescentes entre seis e dezessete anos.

Com estrutura própria, o Projeto Alegria, hoje uma ONG, possui amplo espaço que permite crianças e adolescentes passarem um período, manhã ou tarde, em atividades diversas, recebendo duas refeições completas em cada período. A condição para a inserção no Projeto é que estejam matriculados em

¹ As irmãs da providência declaram-se “uma família religiosa que vive os ideais de São Luis Scrosoppi”. A origem do Instituto das Irmãs da Providência ocorreu em 01 de fevereiro de 1837, o dia em que foi inaugurada na Casa das meninas órfãs e abandonadas em Udine (Itália). (Congregação das Irmãs da providência – Facebook)

uma escola. As atividades consistem em estudos didáticos e reforço escolar, aulas de música, dança, informática, artesanato, esportes, visitas culturais, entre outras.

Durante todo o percurso do projeto, tenho acompanhado as transformações que ocorrem na comunidade onde está inserido. Assisti ao processo de favelização ocorrido em decorrência do aumento populacional local e do consumo e comércio de drogas, o que caracteriza o bairro como um dos mais violentos da cidade, comprometendo a qualidade de vida dos moradores

Por alguns anos desenvolvi um trabalho de grupos operativos com crianças e adolescentes, cuja proposta era resgatar a autoestima. Por meio de temas disparadores e atividades lúdicas, construíamos um espaço possível para que pudessem transitar com suas histórias, sentimentos, ansiedades, angústias, alegrias, tristezas. Foram anos de mútuo aprendizado.

No ano de 2012, recebi um convite para desenvolver um projeto junto ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) da cidade de Itapetininga. Nesse novo projeto eu deveria atender pais/responsáveis cujos filhos estavam cumprindo medida socioeducativa, em regime aberto de liberdade assistida (L.A.) ou em regime fechado, na Fundação Casa.

Desde o início desse trabalho com pais/responsáveis, o desafio tem sido intenso, seja por seu pioneirismo, seja pela temática delicada e exigente de cautela que permeia o grupo. Os pais/responsáveis chegam a nós muitas vezes expressando vergonha e humilhação, com um misto de sentimentos que oscilam entre o ódio e o amor por seus filhos. Aos poucos a identificação com os demais participantes do grupo vai deixando-os mais tranquilos de forma que eles passam a sentir-se mais à vontade para compartilhar suas experiências e sentimentos. A relação que mantive e sigo mantendo nesses anos com os pais/responsáveis dessa Instituição despertou em mim o interesse pela pesquisa. No ano de 2015, retornei ao Projeto Alegria com a Escola de Pais. Atendendo mensalmente os pais/responsáveis participantes do Projeto, venho desenvolvendo nos grupos operativos as temáticas apresentadas em minha pesquisa.

Olhando para minha trajetória, percebo que há anos venho trabalhando em projetos direcionados a compreender e buscar soluções para situações advindas de variadas expressões das mazelas sociais: a miséria, a intolerância e a violência, entre outras.

1 INTRODUÇÃO

Nos anos em que desenvolvemos o projeto Escola de Pais, no Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS), na cidade de Itapetininga, (2012 a 2016), nos deparamos com uma realidade: a cada ano, o número de adolescentes e jovens em medida socioeducativa aumentava. À medida que avançávamos nas conversas durante os encontros organizados pelo projeto, os pais/responsáveis aumentavam sua conscientização sobre a importância do investimento na relação afetiva emocional com seus filhos, sendo que, na maioria dos casos, constatavam que havia fragilidade nos laços afetivos emocionais em seus núcleos familiares.

Essa intervenção familiar, ao agir sobre os pais/responsáveis e os filhos, possibilitava aproximações dentro dos núcleos familiares. Essa aproximação, por sua vez, facilitava uma variável importante no processo de ressocialização e reintegração, tanto no próprio campo familiar quanto no campo social, trazendo benefícios aos indivíduos e à coletividade. Daí a premência de investimentos e ações que promovam a melhoria na qualidade das relações familiares.

Em contraponto ao aumento de casos atendidos a cada ano, vimos no trabalho realizado em conjunto com equipe técnica da Instituição que uma parcela dos adolescentes e jovens atendidos deixou de estar em conflito com a lei. Esses adolescentes puderam ressocializar-se e restabeleceram laços com a família e a sociedade². Diante dessa realidade, cremos ser mister considerar que este trabalho de intervenção promovido pela Escola de Pais tem significativa relevância no processo de reintegração daqueles adolescentes e jovens em seus núcleos familiares.

Na contemporaneidade, a escola passou a exercer maior influência na formação do cidadão, agindo tanto na construção de seus conceitos teóricos e científicos como na formação da personalidade.

Vários estudos, dentre eles os de Freud (1923); Reich (1933); e Winnicott (1983) pontuam que a formação da personalidade é definida na primeira infância, do zero aos cinco anos. Podemos refletir, partindo do fato de que as crianças frequentam a escola desde bem pequenas, que a escola passou a ter um papel

² Dados internos obtidos com a equipe de técnicos que acompanharam os adolescentes durante a medida. Os registros da instituição apontam os casos de reincidentes, em torno de 24% nos anos de 2015 e 2016.

significativo em suas vidas, acompanhando com os pais/responsáveis seu desenvolvimento bio/psico/social.

A Professora Mariza Teresa Chiari Dantas, coordenadora do programa Escola da Família da Escola Estadual Archimedes Aristeu Mendes de Carvalho, no município paulista de São Carlos, docente há 30 anos, afirma que: “Não há como pensar em educação sem o envolvimento da família nesse processo”. Para Mariza “a escola e a comunidade estão diretamente ligadas e que uma educação de qualidade depende da interação entre escola e família”. Afirma ainda, “Educar é sem dúvida um papel que recai sobre a família e a escola. Por isso, quanto mais estreita for essa relação, melhor será o resultado” (SCHENINI, 2017).

Faria Filho (2000, p. 2) indica que estudos têm identificado, a partir do início do século XX, um distanciamento entre família e escola. Esse afastamento, diz o autor, teria sido “resultante em boa parte da ação dos defensores e instituidores da escolarização”. Educadores passaram a reclamar do distanciamento dos pais/responsáveis, do desinteresse observado com relação ao desenvolvimento de seus filhos, “especialmente nas classes mais populares”.

A partir de diagnósticos os mais variados, baseados na premissa de que, embora seja fundamental a participação das famílias na educação dos filhos, estas demonstravam, naquele momento, um profundo desinteresse e despreparo para lidar com o assunto, buscava-se projetar e desenvolver ações que visavam reaproximar a família da escola. No seu conjunto, em suas mais diversas elaborações, estas ações mostram uma intenção colonizadora da escola em relação à família, entendida esta tarefa como um momento fundamental da ação reformista da escola em face da realidade social mais ampla. (FARIA FILHO, 2000. p. 2)

Na atualidade, família e escola compartilham parte significativa da educação das crianças, ou seja, instituições familiares e escolares são coparticipantes do processo de ensino-aprendizagem. Observamos que muitas famílias delegam a formação de seus filhos para a escola, e esta não se propõe a assumir um papel principal, e sim, o de compartilhamento. É importante lembrar que com os avanços na área educacional, o núcleo familiar tem fundamental importância na formação da personalidade da criança. (WINNICOTT, 1983).

Ainda permanece válida a afirmação de Rui Barbosa (1914, p. 86), “família é a célula *mater* da sociedade”; a sociedade constitui-se um organismo vivo no qual nascemos, vivemos e morremos. Por ser vivo, esse organismo sofre

alterações ao longo do tempo, como a própria estrutura familiar vem sofrendo, e cada indivíduo é uma célula desse organismo.

Assim, temos um organismo vivo em constante transformação, composto de células individuais. Nesse cenário, inevitavelmente emergem questões conflituosas, entre as quais aquelas que movem este estudo: a relação entre pais/responsáveis e filhos. Dentre os aspectos concernentes a esse tópico, é possível citar: a dificuldade de diálogo e de afetividade, a qualidade do tempo compartilhado e os conflitos entre gerações, que são resultado das profundas transformações do organismo social como um todo, ou seja, as constantes mudanças ocorridas nas relações humanas e nas áreas culturais e tecnológicas. Necessitamos de um olhar atencioso para a realidade das relações entre pais/responsáveis e filhos e para as possibilidades de ações transformadoras, como se propõe a ser a Escola de Pais.

A escolha do tema Escola de Pais tem como premissa o fato de a escola ser um espaço privilegiado para a ação educativa e preventiva de vários problemas sociais. Surgem diversas indagações quando os pais/responsáveis chegam a um momento, na relação com seus filhos adolescentes e jovens e se perguntam: - Onde foi que eu errei? Onde foi que errei na educação dos meus filhos a ponto de chegarem à medida socioeducativa?

A Escola de Pais, pensada na perspectiva da relação família e escola, enquanto uma possível ação transformadora e objeto desta pesquisa, constitui-se um desafio. Primeiro, por seu pioneirismo e, segundo, pela vulnerabilidade e complexidade que o permeia. Cumpre observar que esta pesquisa se situa na interface entre psicologia e educação, além de tratar de situações advindas de múltiplas questões sociais, culturais, econômicas e políticas. Optamos por inserir no corpo do texto os depoimentos dos pais/responsáveis, por entendermos ser esta uma forma de contemplar sua participação na pesquisa.

As questões norteadoras da análise proposta são:

- A atuação da Escola de Pais
- Os resultados dessa atuação
- Suas implicações para as práticas escolares

Como pedra fundamental deste trabalho, definimos a seguinte questão: Qual o conhecimento específico que poderia ser incorporado à matriz curricular dos cursos superiores de formação de professores para que esses pudessem atuar na Escola de Pais.

O desenvolvimento deste estudo, se justifica pelas observações, experiências e vivências em encontros com pais/responsáveis, inicialmente chamados de grupos socioeducativos. A Escola de Pais germina dessa relação com pais/responsáveis expondo suas dificuldades, inseguranças, dúvidas quanto à educação de seus filhos. Justifica-se no momento em que se propõe a construir subsídios para formação de professores capacitados para atuar preventivamente na educação infantil e no ensino fundamental, vislumbrando a possibilidade de uma intervenção na relação pais/responsáveis e filhos, ainda na fase inicial do desenvolvimento da criança. Enquanto a proposta não sugere que alguém externo ao núcleo familiar de cada criança ou adolescente se propõe a 'ensinar' os pais a serem pais, como se houvesse de fato alguém suficientemente apto a cumprir essa tarefa, a premissa é a de que, se pudermos atender às demandas afetivo-relacionais dos pais/responsáveis enquanto suas crianças são pequenas, talvez possamos diminuir o número de adolescentes e jovens em medida socioeducativa.

O objetivo geral da pesquisa foi apontar um conhecimento que possa subsidiar a atuação de professores na Escola de Pais.

Os objetivos específicos foram:

- Analisar as vivências em um processo de encontros entre pais/responsáveis (Escola de Pais), sob orientação de um profissional da psicologia social;
- Identificar os obstáculos e as potencialidades que surgidos nos encontros como possibilidades de se apontar um conhecimento específico para uma disciplina em cursos superiores de licenciatura e pedagogia;
- Descrever as competências, habilidades e atitudes que envolvem a condução da Escola de Pais, considerando a escuta sensível, a comunicação e a argumentação.

No ano de 1999, foi fundado o Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias, com o apoio da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias (ABRUC) e Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC). Segundo Felipe et al (2013), a criação deste Fórum foi importante para fortalecer:

[...] uma cultura de Extensão, desenvolvida pelas instituições comunitárias, especialmente as atividades voltadas para a eliminação da pobreza, intolerância, violência, analfabetismo, fome, deterioração

do meio ambiente, doenças e, principalmente, por meio de uma perspectiva concreta, interdisciplinar e transdisciplinar que contribua para flexibilizar a produção de solução aplicáveis para problemas e questões da contemporaneidade. (p. 9)

É com o olhar para as observações de Felipe et al (2013), relativas às atividades voltadas para a comunidade, especialmente a mais carente, que trazemos a proposta deste estudo. Os apontamentos aqui registrados poderiam fazer parte do conteúdo a ser estudado nos cursos de formação de professores: licenciaturas e, especialmente, Pedagogia. Esses cursos necessitam atender às demandas por práticas pedagógicas e por professores que respondam a uma conjuntura dinâmica e bastante específica, caracterizada por novas configurações familiares; as relações de gênero; os modos de viver e de trabalhar e as relações interpessoais.

Este trabalho está dividido em cinco partes, além desta Introdução, temos os Capítulos 2, 3 e 4, seguidos das Considerações Finais.

Na Introdução são apresentados o tema e o problema da pesquisa, bem como o contexto em que ela se dá. A justificativa e os objetivos definem o recorte da pesquisa que parte da prática educativa para elaborar subsídios à atuação dos professores.

O Capítulo 2 traz o Referencial Teórico, com a apresentação de resultado de busca por estudos análogos ao nosso projeto de pesquisa, reconhecendo o estado de conhecimento sobre o assunto aqui abordado. Como suporte à argumentação para os temas aqui abordados, dialogamos com: Pichon-Rivière, Bhering e Siraj-Blatchford, Barbier, Gayotto, Lema e outros, abordando aspectos da Formação de Professores, dos Grupos Operativos, Pesquisa-ação, as Unidades de Análise, Autoscopia e Avaliação de Programa.

No Capítulo 3, abordamos o Processo de pesquisa: escola de pais em análise, que discorre sobre o desenvolvimento da Escola de Pais com a Pesquisa-ação, os iniciais grupos socioeducativos que gestaram a Escola de Pais e a descrição de como se deram esses encontros na Instituição (CREAS) e na Escola.

O Capítulo 4, Analisando o processo da Instituição (CREAS) e da Escola, traz a avaliação realizada após os encontros da Escola de Pais no CREAS nos anos 2015 e 2016 e na escola em 2016 e as análises dos resultados dessas avaliações.

Por fim, nas Considerações Finais, discutimos sobre o alcance deste projeto de pesquisa em seus objetivos e, conforme deixamos algumas portas abertas, apontamos possíveis direções para avanços a partir deste trabalho em escolas e instituições.

2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1 Estado de conhecimento

Estado de conhecimento é identificação, registro e classificação que levam à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um espaço de tempo previamente definido, reunindo dissertações, teses, periódicos e livros sobre uma temática específica. (MOROSINI; FERNANDES, 2014. p. 155).

Com o intuito de iniciar as discussões sobre o tema aqui proposto, realizamos uma busca pela identificação do estado de conhecimento sobre o objeto deste estudo “Escola de Pais” e os temas que o integram: “Grupos Operativos” e “Formação de Professores”. Nossa fonte de busca foi, inicialmente, o sistema Google acadêmico Brasil, no qual utilizamos as palavras-chaves “Escola de Pais”, “Grupos Operativos” e “Formação de Professores”, sendo que não localizamos textos cujas especificidades fossem análogas às que aqui abordamos. Em contrapartida, utilizando o sistema simples de busca do Google.br, com as mesmas palavras chaves, encontramos os seguintes trabalhos:

- “Projeto pais e escola: unidos na tarefa de educar” (PEREIRA, 2014). Relatório de um trabalho desenvolvido com pais de alunos na Escola Municipal Professor Leôncio do Carmo Chaves, em Uberlândia/MG, no ano de 2010.
- “Vivência com pais de adolescentes: uma proposta de curso que facilita o relacionamento” (TEIXEIRA, 1996). Relatório de uma experiência na realização de curso de curta duração, na cidade de Goiânia/GO, destinado a pais de adolescentes e profissionais que lidam com essa faixa etária.
- “Projeto Escola para Pais” (VINHA; MENIN, 2008), realizado na Escola Estadual Professor Bento da Silva César, na cidade de São Carlos/SP. Relatório de um curso direcionado aos pais/responsáveis em que são discutidos temas como violência doméstica, gravidez na adolescência, a velhice nos dias atuais, a amamentação e a importância do diálogo familiar.

- “A participação da família na realização das tarefas escolares do 2º e 3º anos do ensino fundamental da Escola Estadual Vinicius de Moraes”, na cidade de Guarantã do Norte/MT (PEREIRA, WEILEVSK; SOUZA, 2016). Levantamento das dificuldades encontradas pela escola nos assuntos referentes à falta de participação dos pais de alunos nos primeiros anos escolares.

Observa-se que o termo Escola de Pais nos textos encontrados refere-se a: projetos de integração de pais com os assuntos da escola (PEREIRA, 2014; PEREIRA, WEILEVSK; SOUZA, 2016), relacionamento e diálogo familiar e questões de violência (TEIXEIRA, 1996; VINHA; MENIN, 2008).

Dentre esses textos, aquele que tem conteúdo mais próximo de nosso questionamento é o trabalho de Teixeira (1996). A autora utilizou como referencial a teoria sistêmica sobre a adolescência, cuja abordagem considera que o sujeito é sempre referido por um sistema e a matriz de sua identificação é a família. Utilizou também a metodologia psicodramática no curso proposto para pais de adolescentes e profissionais que atuam nessa faixa etária. Mesmo apresentando um referencial teórico e metodológico distintos, a temática do curso proposto tem relação com o nosso trabalho na medida em que ambos visam facilitar o relacionamento entre pais e filhos adolescentes.

Segundo Teixeira (1996), os motivos apresentados pelo grupo de mães e profissionais para a participação no curso centraram-se nas dificuldades de relacionamento com seus filhos adolescentes. Essas mães buscavam meios satisfatórios e funcionais para aprimorar as relações. Os integrantes compartilharam suas considerações enquanto expunham suas emoções, que envolviam insegurança e dúvidas frente à tarefa de ser pais e mães de adolescentes. Essa interação permitiu, em ambos os projetos, a construção de novas formas de os pais se perceberem, sentirem e expressarem seus afetos.

2.2 Escola de Pais

As relações familiares e as relações escolares, no contexto brasileiro, têm seus estudos abarcados pela psicologia social, psicologia do desenvolvimento e psicologia escolar, mas a relação entre os dois, a relação família-escola, ainda carece de melhor compreensão. Aspectos que constituem e intervêm nessa relação, sejam barreiras à colaboração ou contribuição para a sua promoção,

ainda não estão suficientemente estabelecidos, como apontam Oliveira e Marinho-Araújo (2010).

De acordo com Becher (1984 apud CAVALCANTE, 1998), quando existe a colaboração entre os pais/responsáveis e a escola, os bons resultados são notáveis. Nesses casos, observam-se postura e ações assertivas dos pais/responsáveis em relação à instituição escolar e mesmo em relação a si mesmos, resultando em efetiva atuação na comunidade e benefícios gerais para todos os envolvidos.

Conforme Comer (1984 apud CAVALCANTE, 1998), o envolvimento de pais/responsáveis com as atividades escolares dos filhos e com a própria escola,

[...] mostra aos alunos que o aprendizado formal e o bom desempenho escolar são importantes, resultando em um ambiente escolar positivo, conduzindo ao aprendizado. Além do mais, com o envolvimento dos pais na escola, os conflitos da escola com os familiares tendem a se reduzir, melhorando ainda mais o ambiente escolar. No entanto, mesmo com evidências positivas sobre os benefícios da colaboração entre escola e pais, pouco se tem feito no meio educacional para que os familiares dos alunos se sintam como parte do processo educacional dos seus filhos. (p. 2).

Considerando que a escola oferece um ambiente propício à educação e a ações preventivas referentes a problemas sociais, faz-se necessário atuar desde o início do processo educacional, antecipando as ações. Para tanto, é preciso investir em um tipo de mobilização que pode ser promovida pela Escola de Pais, na qual questões que envolvem um amplo diagnóstico da sociedade encontram acolhimento.

Para Kaës (1977), as noções de vínculo e de intersubjetividade não se restringem apenas ao espaço intrapsíquico. Abrangem também um campo específico da realidade psíquica no qual se descrevem processos psíquicos formados nas relações inconscientes de vários sujeitos do inconsciente.

A autoanálise possibilita ao sujeito uma tomada de consciência de suas ações. A reflexão sobre os determinantes das ações e o reconhecimento de seus pontos positivos e negativos resultam em um protagonismo e, conseqüentemente, em melhoria nas relações.

Em face de resultados trazidos por recentes pesquisas conduzidas em escolas públicas no estado de São Paulo, alguns autores, como Bhering e Siraj-Blatchford (1999), Cavalcanti (1998) e Oliveira (2010), apontam possibilidades de transformação por meio de algumas iniciativas, entre elas projetos que

envolvam a escola e os pais de alunos, abrindo espaço para a família na vida escolar dos alunos, convocando os pais e mães a participarem mais efetivamente do desenvolvimento educacional de seus filhos.

Bhering e Siraj-Blatchford (1999) assinalam que o envolvimento dos pais na escola é considerado um componente importante para o desempenho desejado pelas escolas e, afirma, esse tema merece uma atenção especial. A abertura da escola pode trazer benefícios para a relação da instituição com os pais e promover melhor comunicação com os alunos, incluindo melhora no rendimento escolar. Esse envolvimento exerce, ainda, ampla contribuição para além do ambiente escolar, estendendo-se ao ambiente familiar, podendo influenciar o curso do desenvolvimento das crianças e dos jovens.

Cavalcante (1998) ressalta a realidade vivida pelas crianças em idade escolar, especialmente das escolas públicas, que atendem em sua maioria crianças de famílias de baixa renda. Associadas à falta de recursos econômicos, estão as condições precárias de moradia e as diferenças culturais originárias da migração de regiões distantes aos grandes centros. A autora aponta ser um grande desafio, nesse complexo contexto, a colaboração entre pais e escola, residindo nessa relação a possibilidade de mudança.

Educação e escola, segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010), têm uma estreita relação, embora não dependentes. Aos pais é dada a tarefa de educar no sentido de assegurar o desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais e morais, entre outras. A escola é a instituição que tem como função a socialização do saber sistematizado. Com a divisão de responsabilidades como pano de fundo, a educação e socialização de crianças e adolescentes e sua relação com as instituições familiares e escolares são objeto de estudo e pesquisa de várias áreas, entre elas, sociologia, psicologia e pedagogia. Contudo como observamos no resultado de busca, essas pesquisas, especificamente no Brasil, apresentam-se carentes de mais amplos estudos por parte da psicologia educacional.

Se por um lado temos, no Brasil, carência de aprofundamento sobre o tema, observamos que em países de primeiro mundo, a relação pais/responsáveis e escola vem sendo investigada, ideias vêm sendo apresentadas e ações efetivadas.

Com relação a pais/responsáveis de crianças e jovens que quebraram regras sociais, estando sob medidas disciplinares impostas pela justiça, ou que

apresentam aspectos (frágeis condições socioeconômicas, por exemplo) que indicam possibilidades de quebras de regras sociais ocorrerem, vemos a seguir alguns aspectos a serem considerados nas relações escola-pais, como escola de pais-pais/responsáveis.

2.2.1 Experiências de acompanhamento de pais/responsáveis fora do Brasil

Em países de primeiro mundo, como Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, orientadores [lá chamados de *providers*], ou seja, pessoas envolvidas com o acompanhamento de pais/responsáveis por jovens sob medidas disciplinares são formadas para tal fim, recebendo instrução específica, com formação teórica e prática, em modelos que atuam, inclusive, fora da escola. Trata-se de atividade aceita por grande parte da sociedade, mas que enfrenta resistência quando apresentada como imposição, sob a forma de “solução ou indicação judicial”.

Alasdair Palmer, editor de política pública do Sunday Telegraph, Reino Unido, escreve sobre crimes, imigração, serviços sociais, justiça e, ainda, a incompetência do Estado e autoridades para lidar com essas questões. Em uma matéria sobre um violento assassinato ocorrido no metrô de Londres, envolvendo menores de idade, o autor questiona o Conselho de Justiça Juvenil e seus gastos com a “reforma de jovens transgressores”. Ele argumenta que, segundo evidências oferecidas pela neurociência há boas razões para que o sistema de “reforma” falhe. “Adolescentes não podem ser corrigidos com tentativas de mudar seu comportamento, o problema está em suas mentes”, diz Palmer.

A ideia de que, se as coisas foram suficientemente erradas em nossa educação inicial, seremos constitucionalmente incapazes de escolher fazer as coisas certas mais tarde, é profundamente perturbadora - em parte porque prejudica nossa crença no livre arbítrio. (PALMER, 2010, tradução nossa)

Segundo o editor, o Centro de Justiça Social do Reino Unido (CSJ), sugere que o Estado foque seus recursos em programas destinados à garantia de que bebês sejam adequadamente cuidados por seus pais.

Membros do CSJ alegam que a melhoria nos cuidados oferecidos pelos pais ou responsáveis pode se resumir à garantia de que crianças em seus primeiros anos terão a oportunidade de se sentirem seguras e compreendidas, e que isso representará “uma significativa diferença na mente dessas crianças

em desenvolvimento, representando a diferença entre uma criança normal, completamente socializada, e um bandido sem controle”, diz Palmer (2010, tradução nossa).

Judith Aldridge et al (2009), também do Reino Unido, aborda a questão dos pais/responsáveis de adolescentes, quando expostos à condição de compulsórios “aprendizes de pais”.

Julgados e sentenciados pela sociedade à qual pertencem, pais/responsáveis de adolescentes em cumprimento de medidas legais trazem o estigma de ‘maus pais’. As autoras apresentam em seus estudos, o seguinte depoimento:

Ir à delegacia a cada cinco minutos ou sentar-se na gelada corte de manhã até a noite, ou a polícia subindo e descendo na minha casa [...] ou correndo até a prisão a cada cinco minutos, é degradante, as pessoas olhando como se eu fosse um pedaço de merda [...] Eu não sei, estava falando com uma vizinha outro dia e ela disse: “Oh, você não deveria se sentir assim, a polícia sempre está na casa de alguém por aqui”, e eu pensei, quando eu me afastar, é isso o que ela dirá à próxima vizinha: “Oh, você viu a polícia indo à casa dela?” Sabe, as pessoas são assim. (ALDRIDGE et al, 2009, p.4, tradução nossa)

Os pais, dizem Aldridge et al (2009), se opõem à intervenção, alguns veementemente, exatamente porque têm medo da acusação e da rejeição. A ideia de que devem ser ensinados a serem melhores pais lhes parece incorreta, uma vez que percebem estar nos filhos a necessidade de ajuda.

As autoras apontam para a necessidade de um longo trabalho preparatório anterior às intervenções familiares, havendo a possibilidade de se ter de convencer os pais de que a intervenção é positiva.

Em seu trabalho, as autoras indicam alguns pontos importantes nesse trabalho de persuasão, os quais apresentamos a seguir:

- Os pais devem ter a certeza de que a intervenção visa apoiá-los e não os julgar.
- A intervenção deve ser apresentada como reconhecendo que a parentalidade é apenas um fator na compreensão do envolvimento de jovens com a criminalidade.
- O medo dos pais de que seus filhos possam ser levados aos cuidados do Estado precisa ser abordado antecipadamente.
- Os pais são sensíveis ao estigma.
- As intervenções são susceptíveis de serem destinadas a pais que já tiveram um envolvimento considerável com as agências reguladoras através do "gerenciamento" de seus filhos via sistema de justiça criminal (HOLT, 2009, p.334), e muitos irão criticar essas agências.

- Aqueles que procuram intervir precisam antecipar que os pais podem estar em guarda. O fato de os pais terem relatado lidar com uma variedade de funcionários da agência que eles perceberam estar descomprometidos e despreocupados sugere que uma intervenção com os pais será mais palatável, quando os funcionários são altamente treinados e percebidos pelos pais como comprometidos, motivados e "do seu lado". (ALDRIDGE et al, 2009, p.6, tradução nossa)

Como percebemos, assim como apresentamos também em falas de pais/responsáveis presentes em nossos encontros da Escola de Pais, a vergonha perante o outro, o lugar social de “mau pai” ou “pai incompetente” em que se encontram deixa-os bastante vulneráveis, daí a necessidade de formação do profissional que trabalhará com esses indivíduos.

Há que desenvolver, em cursos específicos ou dentro das licenciaturas e cursos de psicologia, como propomos, habilidades, competências e atitudes específicas para o trato com pais/responsáveis. Não se trata de ensinar pais a serem pais, mas de aconselhar, apoiar, orientar pais/responsáveis no trato com seus filhos, crianças e adolescentes, utilizando a psicologia como base. E esse processo, se iniciado no período dos primeiros anos escolares da criança, como medida preventiva, em longo prazo apresentará resultados positivos para os diversos núcleos sociais: família, escola, comunidade, nação.

Vimos que, por um lado, a presença de pais/responsáveis amorosos, dedicados e que possam dar bons exemplos é essencial para a formação de crianças sadias que se tornarão bons cidadãos; por outro lado, para que pais/responsáveis cujas histórias de vida sejam envoltas em carência e violência e cujas estruturas familiares desde a infância sejam frágeis possam ser pais amorosos e exemplares é essencial que tenham o apoio e orientação de profissionais capacitados.

Nesta pesquisa, a intersecção das várias áreas de estudo se faz necessária, sendo a psicologia social um elo entre a pesquisa de campo e a elaboração teórica.

2.3 Referencial teórico

Para o desenvolvimento do tema , dialogamos com Saviani (2009) e Soares e Cunha (2010) - que analisam aspectos históricos da formação e desenvolvimento de professores formadores; Pichon-Rivière (1975; 1998; 2000) - no trato da interface entre educação e psicologia social e da utilização de

técnicas específicas de grupos operativos); Sadalla e Larocca (2004) - abordando a autoscopia como técnica de pesquisa, aprendizagem e formação); Trevisan e VanBellen (2008), Costa e Castanhar (2003), entre outros – na discussão sobre avaliação de programas, teoria e prática.

Iniciando a argumentação, apresentamos uma breve discussão sobre aspectos da formação de professores.

2.3.1 Formação de professores

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Educação, o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores foi provavelmente instituído em Reims, França, por São João Batista de La Salle, com o nome de Seminário dos Mestres, no ano de 1684 (DUARTE, 1986, p. 65-66 apud SAVIANI, 2009, p. 143).

Contudo, foi apenas no século XVIII, após a Revolução Francesa, quando se cogitou a questão relativa à instrução popular, que a formação docente exigiu a criação de uma instituição com essa finalidade. Desse processo, iniciou-se a criação de Escolas Normais, responsáveis pela preparação de professores. “A primeira instituição com o nome Escola Normal foi proposta em 1794 e instalada em Paris em 1795” (SAVIANI, 2009, p. 143).

O autor aponta que desde esse momento já se distinguia a Escola Normal Superior, que formava professores de nível secundário, da Escola Normal Primária, para professores do ensino primário. Após a independência do Brasil, quando surge aqui a questão da instrução popular, emerge de forma explícita a organização de instituições para a formação de professores.

Examinando o processo histórico da formação docente em sua articulação com o desenvolvimento social brasileiro, salientamos os seguintes períodos:

- 1827-1890: Lei das escolas de primeiras letras – obrigava o professor a se instruir, as suas próprias custas, no método de ensino mútuo. Prevalece o modelo de Escolas normais.
- 1890-1932: A Reforma paulista da Escola normal é um marco inicial na expansão das Escolas Normais.
- 1932-1939: As reformas de Anísio Teixeira (Brasília, 1932) e de Fernando de Azevedo (São Paulo, 1933) marcam a organização dos Institutos de Educação.

- 1936-1971: Cursos de Pedagogia e Licenciatura são implantados, consolidando o modelo das Escola Normais.
- 1971-1996) O Magistério substitui a Escola Normal.
- 1996-2006: Surgem os Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia. (SAVIANI, 2009, p. 143-144)

Soares e Cunha (2010, p. 30) pontuam que:

Formação é um fenômeno complexo sobre o qual existe pouco consenso no que concerne tanto às teorias quanto às dimensões mais relevantes para sua análise. A formação não deve ser confundida com outros conceitos, como educação, ensino, treino etc., pois envolve, necessariamente, uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global.

Ressaltamos que o sujeito deve ser responsável por sua formação, de modo que professores, enquanto sujeitos em formação, devem buscar seu aperfeiçoamento, ter metas para seu próprio desenvolvimento. Na formação do professor é de fundamental importância a coerência entre o conhecimento didático do conteúdo, o conhecimento pedagógico transmitido e a forma como esse conhecimento adquirido será trabalhado no período da formação.

Soares e Cunha (2010, p. 33) indicam que a formação do profissional da educação considera a individualização como um componente do processo de ensinar e aprender

[...] o que implica a necessidade de conhecer as características pessoais, cognitivas, contextuais, reacionais de cada professor em formação e conhecer as necessidades e expectativas desses sujeitos como pessoas e como profissionais. Busca facilitar a interação do grupo em que se desenvolve o processo formativo, entendendo que as relações interpessoais amistosas e de confiança facilitam o crescimento individual e contribuem para a formação de profissionais capazes de trabalhar de forma colaborativa em torno de projetos curriculares na escola. Possibilita, aos professores em formação, o questionamento em relação às suas próprias crenças e práticas, a crítica propositiva em relação às orientações institucionais e, enfim, o seu crescimento intelectual, social, emocional e profissional.

Gadotti (2003) declara que o professor é um articulador, nutridor, mediador, problematizador na relação do aluno com o objeto de conhecimento. É de fundamental importância que nessa empreitada seja um indivíduo reflexivo, crítico, atuante, em constante diálogo com o cotidiano que o cerca.

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade, professores constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e, buscam juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. O professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o fazer de seus alunos, deve ser um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador e, sobretudo um organizador da aprendizagem. A educação não é só ciência, mas é também arte. O ato de ensinar é complexo. O êxito do ensino não depende só do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem. (GADOTTI, 2003, p. 11)

Pichon-Rivière (2000) também se dedicou à formação de professores, trazendo contribuições significativas para esse campo. Os grupos operativos, por exemplo, fundamentam-se numa concepção de aprendizagem, apropriação crítica e criativa da realidade, uma constante investigação. Os elementos organizadores que compõem os grupos operativos são tarefa e vínculo, e é importante que representem um foco de análise e reflexão por parte do educador. Cabe ressaltar que toda tarefa mobiliza uma dinâmica visível (explícita - o fazer conjunto) e uma dinâmica invisível (implícita - os afetos, os vínculos estabelecidos, os não ditos e ruídos de comunicação). Gayotto (1998) assinala que a tarefa decorre de um conjunto de experiências, afetos e conhecimentos, com os quais os integrantes de um grupo, pensam, sentem e agem em nível individual e grupal. A tarefa envolve criação, aprendizagem, operação e mudança.

Aprender em grupo significa que na ação educativa, formadora, não estamos apenas preocupados com o produto da aprendizagem, mas com o processo que possibilitou a mudança dos sujeitos. Aprender, para Pichon-Rivière, é sempre uma mudança de comportamento. É uma ação do sujeito para a vida, capacidade de compreensão e de ação transformadora da realidade.

Pichon-Rivière e Quiroga (2012, p. 15-16) indagam sobre a configuração do sujeito, a partir do interjogo entre necessidade e satisfação, entre sujeito e contexto. Os autores falam sobre como realizar a crítica da cotidianidade

Em primeiro lugar experienciando-a, vivenciando e entendendo que a prática se constitui como primeiro momento de todo processo de conhecimento. Em segundo lugar estabelecendo uma ruptura com a familiaridade acrítica, com o mito do óbvio e natural, com o sistema de representações que mostra o real e o auto evidente. A partir da psicologia social, a crítica da vida cotidiana implica no estudo de cada formação social concreta, a emergência e a codificação das necessidades, dos homens, da organização e das modalidades de

resposta social e vincular a essas necessidades em cada estrutura interacional (Tradução nossa)

Dentro do processo de formação, o indivíduo é visto como um resultante dinâmico no interjogo estabelecido entre o sujeito e os objetos internos e externos, e sua interação dialética através de uma estrutura dinâmica é denominada vínculo. Pichon-Rivière (1998) define vínculo como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem.

2.3.2 Pichon-Rivière e os Grupos Operativos

O processo desta pesquisa oportunizou uma reflexão sobre assuntos do cotidiano, revelando estratégias de ação para avaliarmos contradições e conflitos, do ponto de vista da abordagem da relação família e escola, trazendo à tona questões que se encontravam submersas nas relações interpessoais.

Gayotto (1998) ressalta que na psicologia social pichoniana, a técnica de grupos operativos se fundamenta em uma concepção de aprendizagem, na qual a inter-relação dos sujeitos traz a valorização desse interjogo, cuja unidade básica de interação é o grupo. A aprendizagem, para Pichon-Rivière (apud GAYOTTO, 1998), resulta numa leitura crítica da realidade, uma apropriação ativa, uma constante investigação em que a resposta conquistada já se constitui em princípio de nova pergunta.

Ao indagarmos sobre como se constrói um grupo, buscamos saber de um movimento que vai da serialidade à grupalidade. Gayotto (1998) ressalta que serialidade é um grupo com objetivos comuns, em que cada indivíduo permanece centrado em suas próprias necessidades. Na grupalidade, essas necessidades tornam-se comuns e assim os objetivos se concretizam na articulação entre os indivíduos. Essa passagem da serialidade para a grupalidade ocorre em torno da tarefa (ação) desenvolvida conjuntamente no grupo, instalando um vínculo de intensa reciprocidade entre seus integrantes.

Para Pichon-Rivière (apud VIEIRA, 2003), um grupo é “um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes [que] se reúnem em torno de uma tarefa específica”.

Vieira (2003) esclarece que grupo não é um simples aglomerado de pessoas desempenhando tarefas, mas, antes, um número de indivíduos reunidos com um objetivo comum a todos, ainda que

[...] cada participante exercite sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seus pontos de vista, descobrindo que mesmo tendo um objetivo mútuo, cada participante é diferente, tem sua identidade. Nesse exercício de diferenciação, construindo sua identidade, cada indivíduo vai introjetando o outro dentro de si. Portanto, a identidade do sujeito é um produto das relações com os outros. (p. 127)

Madalena Freire et al. (apud VIEIRA, 2003, p.127) diz que “todo indivíduo está povoado de outros grupos internos da sua história”. Ao longo do processo de nosso desenvolvimento, recebemos influências das pessoas ao nosso redor, formando assim um arcabouço de representações internas que nos ajudam a nos percebermos e nos sentirmos como somos.

Para Pichon-Rivière (2000), no trabalho grupal existe a necessidade de esclarecimento das ansiedades básicas, da aprendizagem, da comunicação, para que se crie assim um novo esquema referencial. Gayotto (2003) aborda o conceito de vínculo como uma estrutura complexa de relações interpessoais. Complexidade essa que envolve comunicação e aprendizagem em suas vivências externas e suas representações no mundo interno. Pichon-Rivière (1998) assinala que a noção de vínculo inclui a mútua representação interna, supondo uma relação intersubjetiva, incluindo também a conduta e a relação com o mundo externo.

A grande contribuição da Psicanálise nos atendimentos dos Grupos Operativos deu-se por Pichon Riviere, que criou uma técnica de atendimento grupal fundamentado em duas vertentes teóricas – a Psicanálise e a Psicologia Social (Dinâmica de Grupo). Sobre isso vale lembrar alguns conceitos referentes aos Grupos Operativos:

Para Pichon-Rivière, a tarefa do grupo [...] supõe sempre duas ansiedades de base que perturbam a aprendizagem e a comunicação e são a base do que ele chama de "resistência à mudança". A primeira é "o medo da perda" das estruturas existentes (em relação com a ansiedade depressiva); a segunda é "o medo de ser atacado" (ansiedade paranoide) na nova situação de formação que produz insegurança. Encontramos aqui uma proximidade com Melanie Klein e Bion. O papel do "coordenador" consiste então em ajudar o grupo a pensar, "abordando o obstáculo epistemológico constituído pelas ansiedades de base" (Pichon-Rivière, 2004, p. 29), e a tarefa central seria elaborar essas duas ansiedades. (AMADO, 2014, p. 102).

A escolha pela psicologia social de Pichon-Rivière vai ao encontro das questões relacionais entre pais/responsáveis e seus filhos que foram observadas e identificadas nos relatos dos primeiros grupos socioeducativos, quais sejam: a preocupação de como educar, colocar limites e sentirem-se respeitados.

No formato proposto pela Escola de Pais, os grupos operativos apresentam a possibilidade de acolhimento, instigando a autorreflexão através do diálogo, na grupalidade, sem o intuito de substituir uma análise individual.

Nessa perspectiva de grupos operativos,

[...] deve ficar claro que a psicologia social não coloca sua ênfase na família, coloca-a sobre a interação entre a família e a sociedade. Parte de um fato: que a família é o núcleo da estrutura social, e procura investigar a interação entre o centro e o conjunto social. E o esquema, sempre em espiral, se completa com o indivíduo, que integra de forma dinâmica a família e a sociedade. Não há nada rígido. Se a família se modifica, modificam-se a sociedade e o indivíduo. E se este se modifica haverá uma mudança na família e na sociedade. Mas a ênfase insisto, é colocada sobre a interação do núcleo com a sua estrutura. (LEMA,1995, p. 4).

A psicologia social pichoniana tem como principal tarefa o aprender a pensar. Esse aprendizado se entende como a construção do Esquema Conceitual Referencial e Operativo (ECRO): uma dialética entre instrumento e objeto de conhecimento. O que define o ECRO é um conjunto organizado de conceitos teóricos em um determinado universo do discurso observado. Estão em foco as relações cotidianas, suas configurações, contradições, permitindo assim a compreensão do sistema social e do sujeito inserido na sociedade.

Essa práxis permite analisar fatos elementares e ou peculiares das relações cotidianas da sociedade, sejam as relações da natureza, do sujeito ou da sociedade denominada espiral do conhecimento.

Lema (1995, p. 5) indica que a psicologia social postulada por Pichon-Rivière “tem como objetivo estudar o desenvolvimento e a transformação de uma realidade dialética entre a formação ou estrutura social e fantasia inconsciente do sujeito, assentada em suas relações de necessidade”.

Para Pichon-Rivière, pontua Lema (1995), o indivíduo tem suas necessidades socialmente satisfeitas através das relações que o particularizam, ou seja, o indivíduo humano é tão somente o resultado de sua interação com outros indivíduos, grupos e classes.

2.3.3 A pesquisa-ação

O processo de pesquisa que embasa este trabalho consistiu na busca por uma metodologia que abarcasse a prática nela contida: o trabalho com os grupos operativos na instituição CREAS, a proposta de inserção na escola e a atuação na formação de professores.

Essa busca nos direcionou para a pesquisa-ação e para a escolha de uma pesquisa do tipo qualitativa que tem seu foco na subjetividade do objeto analisado e em suas particularidades e experiências individuais.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa interpretativa que abarca um processo metodológico empírico. Compreende a identificação do problema dentro de um contexto social e/ou institucional, o levantamento de dados relativos ao problema, a análise e significação dos dados levantados pelos participantes, a identificação da necessidade de mudança, o levantamento de possíveis soluções e por fim, a intervenção e/ou ação propriamente dita no sentido de aliar pesquisa e ação, simultaneamente. (KOERICH, 2009, p. 717)

Pesquisa e ação necessariamente caminham juntas. Franco (2005, p. 490) destaca que a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação serão o eixo da caracterização e da abordagem da pesquisa-ação.

Desde sua origem, a pesquisa-ação assume uma postura diferenciada diante do conhecimento, uma vez que busca, ao mesmo tempo, conhecer e intervir na realidade que pesquisa. Essa imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado, o que, de alguma forma, anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias de pesquisa.

Franco (2005, p.485) aponta que uma pesquisa-ação é aquela que no decorrer da pesquisa vai assumindo um caráter de criticidade. A condição para ser pesquisa-ação crítica, afirma a autora, “é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo”.

Segundo Koerich (2009), a pesquisa-ação crítica, como ferramenta metodológica, atende à demanda participativa e de compartilhamento dos grupos operativos, além de tecer uma estrutura relacional de confiança e comprometimento com os sujeitos que integram a realidade a ser transformada

Há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação. Sob esse enfoque, a pesquisa não se limita a uma forma de ação, mas, visa aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o nível de consciência das pessoas/grupos envolvidos. (KOERICH, 2009, p. 722)

2.3.4 A unidade de análise

Tendo sido o objetivo desta pesquisa apontar um conhecimento sobre como professores podem atuar na Escola de Pais, buscamos identificar as

competências, habilidades e atitudes que os professores precisam desenvolver, considerando a escuta sensível, a comunicação e a argumentação. Nossa proposta é que o conhecimento evidenciado neste estudo, a partir de vivências da Escola de Pais, possa fazer parte do conteúdo abordado nos cursos de formação de professores: licenciaturas e, especialmente, Pedagogia. Para demonstrar a pertinência dessa proposta, coletamos e analisamos falas de pais/responsáveis que frequentaram os encontros da Escola de Pais.

Dentre as unidades de análise, optamos por trabalhar com Tema, como unidade de registro. Considerando que:

O tema é a asserção sobre determinado assunto. Pode ser simples sentença (sujeito e predicado), um conjunto delas ou um parágrafo. Uma questão temática incorpora, em maior ou menor intensidade, o aspecto pessoal atribuído pelo respondente acerca do significado de uma palavra e/ou conotações atribuídas a um conceito. (FRANCO, 2012, p. 44-45)

Segundo a autora, em se tratando de análise de conteúdo, o Tema é considerado como a unidade de registro mais útil. Essa opção de análise, diz ela, é “indispensável” em estudos sobre representações sociais, entre outros.

2.3.5 Autoscopia

A palavra “autoscopia” é composta pelos termos “auto” e “scopia”. O primeiro trata de uma ação realizada pelo próprio sujeito e o segundo refere-se a escopo (do grego *skoppós* e latim *scopu*), que quer dizer objetivo, finalidade, meta, alvo ou mira. A ideia de autoscopia diz respeito, portanto, a uma ação de objetivar-se, na qual o eu se analisa em torno de uma finalidade. (SADALLA; LAROCCA, 2004, p. 419)

Sadalla e Larocca (2004) apontam dois momentos essenciais para a utilização da técnica da autoscopia: o conteúdo de videogravação da situação a ser analisada e as sessões de análise e reflexão. O sujeito é o próprio objeto de *feedback* visual ao se deparar com a imagem de seu corpo, as apreensões, pela memória de sua representação e aparência, afirmam as autoras. A utilização da palavra pode se dar tanto em situações de pesquisa como em situações de aprendizagem e formação de diversos profissionais.

Em nossa pesquisa, através do conteúdo das videogravações, buscávamos num primeiro momento apreender as ações grupais disparadas em torno de um tema. E, num segundo momento, o grupo realizava a análise e reflexão do conteúdo. A ideia consistia em propiciar, por meio da autoanálise, que cada membro do grupo reconhecesse e identificasse suas ações quanto ao

tema proposto no encontro, sendo então, instigado pela observação de suas ações a um conhecimento de si. Como é possível observar nos relatos de pais/responsáveis, após assistirem a uma videogravação:

Quando a gente fala de sentimentos, de experiências a gente não consegue planejar certinho o que a gente vai falar, vai saindo coisa da nossa boca e depois a gente vê o vídeo, não lembra de ter falado aquilo, ou daquela forma, faz a gente refletir. (E.)³

Tem uma questão que é bem isso, a gente não consegue se desprender da imagem mesmo, de se olhar, de se ver, dessa coisa da voz e tudo mais. Você se ouvindo, vendo como você se constrói, como você está se construindo aqui, o seu olhar sobre o cuidado, de abraçar todas as coisas e às vezes precisa ter mais cuidado. Acho que isso seja uma questão para se pensar. (V.)

Na interação entre as videogravações, o sujeito telespectador ativo, sendo ele próprio protagonista das cenas gravadas em vídeos, promove um diálogo acerca de seus comentários, proporcionando a ele próprio e ao grupo momentos de reflexão.

Sadalla e Larocca (2004) indicam que a técnica da autoscopia considera a imagem projetada na tela como categoria intermediária entre o aspecto exterior objetivo e a visão interna subjetiva, não pretendendo senão ocupar-se dos produtos que resultam dessa interação. Importando para nós, sobretudo, a análise que o sujeito realiza ao confrontar-se com a imagem de si na tela.

Pichon-Rivière (2000, p. 131) explica que fundamentalmente devemos equiparar “o ato de ensinar e aprender com o ato de inquirir, indagar ou investigar”. A unidade de “ensinar e aprender”, diz o autor, deve ser mantida como uma experiência de aprendizagem espiral, contínua e dialética. Nessa espiral, os indivíduos aprendem e se ensinam uns aos outros, em um processo de descobertas e redescobertas.

Valorizando esses aspectos levantados pelo autor, os diálogos propostos pela autoscopia desenvolvem as unidades do aprender e do ensinar, oportunizando a exploração do discurso por meio da avaliação e análise da forma como os indivíduos sentem e como comunicam suas questões internas.

Nesse processo, cabe ao condutor das atividades, no nosso caso o professor, dominar as habilidades, competências e atitudes referentes à condução da autoscopia, de modo a obter, com sensibilidade, respeito e

³ Para a indicação dos autores das falas apresentadas como relatos, utilizamos a primeira inicial do primeiro nome dos participantes dos grupos.

profissionalismo, o resultado esperado de cada encontro, ou seja, a auto percepção, por parte dos pais/responsáveis, de suas ações e reações frente à realidade e às dificuldades.

2.3.6 Avaliação de Programa

Os encontros que ocorreram no âmbito desta pesquisa aconteceram como parte de um programa e, nessa condição, entendemos que seria imprescindível que sua efetividade fosse sistematicamente avaliada. A literatura sobre o tema Avaliação de Programa nos propiciou subsídios para essa finalidade.

Quando, em 2012, a coordenação do CREAS Itapetininga e a equipe de técnicos que atuava com os adolescentes e jovens em medidas socioeducativas nos convidou para pensarmos juntos alguma possibilidade de auxílio às famílias, e apoio aos pais/responsáveis daqueles adolescentes e jovens, desenvolvemos e iniciamos um programa que inicialmente chamamos de Grupo Socioeducativo.

O convite para pensarmos o projeto veio da demanda crescente de atendimentos a adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, tanto de liberdade assistida quanto de internação na Fundação Casa. O programa consistiu na realização de dez encontros quinzenais com os pais/responsáveis, com duração de duas horas cada, por um período de cinco meses.

Iniciamos esse programa sem uma referência para nos basearmos, pois não encontramos projeto semelhante. Desenvolvemos o programa juntamente com a equipe técnica que realizava os atendimentos aos adolescentes e jovens em medida socioeducativa. Uma das queixas da equipe técnica era a reincidência desses adolescentes e jovens e o crescente aumento dos casos a serem atendidos.

Costa e Castanhar (2003) apontam para o fato de, historicamente, não haver preocupação da administração pública brasileira em realizar esquemas de avaliação de programas sociais, por estar mais voltada à formulação do que à implementação e avaliação. Entretanto, afirmam os autores, desde meados dos anos 1980, vem ocorrendo um gradativo aumento de interesse, movido pelas transformações sociais ocorridas desde as reformas estruturais dos anos 1990 até anos recentes. Os autores descrevem as mudanças na seguinte passagem:

A conjuntura econômica desfavorável provocou um crescimento da demanda por ações e serviços sociais, especialmente os de natureza compensatória. Na contramão dessa demanda crescente, verificou-se ainda um agravamento da crise fiscal, ampliando ainda mais a crônica escassez de recursos do setor público, justamente num momento em que se torna essencial e inadiável a sua intervenção para atender à população mais necessitada. A intervenção governamental nessas circunstâncias é essencial, tanto pelo imperativo moral a ela inerente, quanto por questões de estratégia econômica, pois já se sabe que a pobreza representa um sério obstáculo ao desenvolvimento sustentável (COSTA; CASTANHAR, 2003, p. 971).

Na literatura atual, afirma Cunha (2006), há quase um consenso de que as razões para a realização de estudos de avaliação de políticas e programas públicos estão relacionadas à transformação da administração pública em uma administração mais moderna e eficiente.

É possível realizar uma avaliação de diversas formas. A autora indica uma maneira como sendo mais formal, acadêmica, com interesse no estudo da efetividade das políticas, seus impactos e benefícios; e outro tipo de avaliação com foco na análise de sua eficiência e eficácia, utilizada durante o período de implementação das políticas e dos programas governamentais.

Segundo Ala-Harja e Helgason (2000, p. 5), “a avaliação de programa pode ser definida como uma análise sistemática de aspectos importantes de um programa e seu valor, visando fornecer resultados confiáveis e utilizáveis”.

Trata-se de um mecanismo, declaram as autoras, que visa à melhoria do processo, de modo que governantes possam ter acesso a informações e, assim, tomar as decisões sobre bases sólidas e prestar contas sobre as políticas e programas públicos em andamento ou em planejamento.

Para se medir o desempenho de programas, os critérios de avaliação definem parâmetros para aferição do resultado obtido. Os critérios de avaliação mais comuns, segundo o manual da Unicef (1990⁴ apud COSTA; CASTANHAR, 2003, p. 973) são:

- Eficiência — termo originado nas ciências econômicas que significa a menor relação custo/benefício possível para o alcance dos objetivos estabelecidos no programa;
- Eficácia — medida do grau em que o programa atinge os seus objetivos e metas;
- Impacto (ou efetividade) — indica se o projeto tem efeitos (positivos) no ambiente externo em que interveio, em termos

⁴ UNICEF. Guide for monitoring and evaluation. New York: Unicef, 1990 .

- técnicos, econômicos, socioculturais, institucionais e ambientais;
- Sustentabilidade — mede a capacidade de continuidade dos efeitos benéficos alcançados através do programa social, após o seu término;
 - Análise custo-efetividade — similar à ideia de custo de oportunidade e ao conceito de pertinência; é feita a comparação de formas alternativas da ação social para a obtenção de determinados impactos, para ser selecionada aquela atividade/projeto que atenda os objetivos com o menor custo;
 - Satisfação do beneficiário — avalia a atitude do usuário em relação à qualidade do atendimento que está obtendo do programa;
 - Equidade — procura avaliar o grau em que os benefícios de um programa estão sendo distribuídos de maneira justa e compatível com as necessidades do usuário.

Existem várias maneiras para a aplicação desses critérios, que requerem formas específicas de operacionalização. Costa e Castanhar (2003) apontam para que, sendo medidas indiretas, sejam calculadas a partir da identificação e quantificação dos resultados, denominando essa categoria medidas de indicadores.

Faz-se necessário definir padrões de referência para julgar a avaliação de desempenho. Segundo os autores, esses padrões podem ser:

- Absolutos: as metas estabelecidas por um programa são consideradas como o padrão a ser alcançado e os desvios devem ser registrados e analisados;
- Históricos: comparam resultados de um período com o obtido em períodos anteriores;
- Normativos: comparam o desempenho de um programa com outros similares ou com programas semelhantes realizados em outros níveis de governo, região, ou no exterior;
- Teóricos: são os estabelecidos na própria elaboração do programa, sob a hipótese da obtenção dos resultados esperados, dado os recursos disponíveis;
- Negociados ou de compromisso: são aqueles que se baseiam em algum procedimento específico para sua fixação, geralmente decorrente de acordo entre as partes envolvidas na gestão de programa e os formuladores. (COSTA; CASTANHAR, 2003, p. 975)

Segundo os autores, a definição prévia da matriz lógica do programa permite que a avaliação do programa público prove a sua consistência. Essa construção, afirmam, se inicia pela identificação dos objetivos gerais e específicos do programa, bem como indicadores de desempenho, pelos quais o programa será avaliado e a indicação de fonte de dados que serão usadas para

as mensurações, comparações e análises necessárias à compreensão da avaliação. A metodologia da matriz lógica volta-se, num segundo momento, para a identificação dos recursos (financeiros, humanos e de infraestrutura), destinados ao programa.

Neste capítulo, percorremos os fundamentos teóricos que ancoram esta dissertação, da prática dos grupos socioeducativos ao nascimento do projeto Escola de Pais. A psicologia social de Pichon-Rivière (2000), interlocutora no diálogo com a educação, inspira-nos a prosseguir, como bem pontua Lema (1995), a democratizar a psicanálise na exata medida em que proporciona uma ação mais útil e eficaz para a sociedade. Assim, a importância da instituição formadora e o investimento na formação do professor formam a base para uma ação transformadora da relação escola-pais.

3 PROCESSO DE PESQUISA: DO GRUPO SÓCIO EDUCATIVO À ESCOLA DE PAIS

A Escola de Pais nasce de um trabalho inicial com os grupos socioeducativos, realizado no CREAS, nos anos de 2012 a 2014, e se desenvolve, como descreveremos neste capítulo, nos encontros com pais/responsáveis nos anos de 2015 e 2016.

3.1 Discussões e produção cooperativa

A Escola de pais, desde o início dos trabalhos, proporcionou uma autoavaliação crítica tanto individual quanto coletiva, envolvendo os integrantes do grupo e levando-os a possibilidades de emancipação e à consciência da necessidade de transformação de suas situações opressivas, o que lhes foi oportunizado a partir da própria reflexão e do diálogo coletivo, que os levou a uma compreensão de sua realidade.

Essa tomada de consciência se deu pela autoscopia, seguida de diálogos grupais. Os questionários propostos ao fim de cada conjunto de encontros trouxeram ainda uma nova oportunidade de autoavaliação e percepção individual das mudanças ocorridas no âmbito pessoal e familiar, assumindo um caráter emancipatório dos membros do grupo, possibilitando-lhes a libertação de preconceitos que normalmente envolvem pais/responsáveis, neste caso, especificamente em relação a si mesmo e a seus filhos, como observamos no exemplo abaixo.

Cheguei para a primeira reunião bastante contrariado. Trabalho muito, sou autônomo, não posso perder esse tempo, eu pensei. E ainda mais para ouvir abobrinha. Mas eu fiquei, participei, até brinquei um pouco com os colegas.

Fui ouvindo outros pais, com histórias semelhantes à minha. Voltei, acho que participei de quase todas as reuniões e posso dizer que hoje sou um pai diferente, o grupo me ajudou muito.

Por trabalhar demais não parava para conversar, ouvir, saber das necessidades deles. Meus dois filhos mais velhos, do meu primeiro casamento foram os mais prejudicados, tanto que meu filho estava na medida socioeducativa.

Passados os seis meses da medida ele está estudando, trabalhando com o avô e também arrumou uma namorada. Hoje conversamos bastante, falo com ele sobre as coisas que eu fiz de errado, que eu fiz certo, tento ajudá-lo e me aproximo dele como não fazia antes.

Meu pai trabalhava demais, trabalha até hoje. Digo para ele: pai você já pode diminuir o ritmo, parar de trabalhar. Cresci vendo meu pai trabalhar, não tivemos tempo para nós, tanto que achei que era o normal e agi assim por anos.

Hoje procuro dividir meu tempo. Tenho um filho caçula, de cinco anos, e tenho aprendido muitas coisas com ele. Hoje ele me chama para brincar e eu vou. Ele gosta de pipa, eu aprendi a gostar. M. A., CREAS 2015.

A potência e a força da pesquisa/intervenção, ou seja, pesquisa-ação (BARBIER, 2002), está na dinâmica entre a vida individual, a coletiva e a intergeracional. Um importante procedimento desta pesquisa foi acompanhar e descrever as experiências nos encontros dos pais/responsáveis, sob a orientação de um profissional da psicologia social. Nesses encontros cada um dos segmentos sociais - a família, a escola e o CREAS - puderam ser observados em suas articulações nas relações afetivo-emocionais de pais/responsáveis e seus filhos. Destacamos que todos os atendimentos foram realizados por meio de Grupos Operativos.

Fez parte do desenho desta pesquisa-ação a utilização das técnicas de Grupos Operativos (PICHON-RIVIÈRE, 2000), a Autoscopia e, ao final do projeto, a Avaliação do programa que, no caso, foi aplicada em dois grupos distintos de pais/responsáveis: um grupo formado por pais/responsáveis que frequentavam o CREAS, em Itapetininga, cujos filhos estavam em medidas socioeducativas (2015-2016), outro grupo formado por pais/responsáveis da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental I, Profa. Maria Domingas Tótora de Góes, em Sorocaba (2016).

A prática e suas especificidades estão detalhadas nos subitens subsequentes.

3.2 Escola de Pais

A escolha do primeiro grupo se deu em razão de que já havia no CREAS, Itapetininga, a experiência bem-sucedida de um grupo socioeducativo, datado de 2012. O diretor da escola em Sorocaba, tendo acolhido o projeto desta pesquisa, possibilitou-nos desenvolver ali a Escola de Pais. Os pais/responsáveis, sujeitos da pesquisa, foram convidados a participar dos encontros promovidos pelo CREAS e pela escola, respectivamente.

No primeiro encontro deu-se a apresentação da equipe de trabalho, dos pais/responsáveis. Nos nove encontros seguintes, cada um com duração de duas horas, foram desenvolvidos temas que visavam percorrer a história de vida dos pais/responsáveis. Esses foram os temas que subsidiaram os grupos Operativos.

- A criança/adolescente que fui um dia; A educação que recebi dos meus pais;
- Os pais como referência interna para a vida - o que herdamos; Como adaptar a educação que tive aos dias atuais;
- Aprendendo a lidar com as emoções; Tornando viável a comunicação entre gerações;
- Descrevendo meu filho – suas características e necessidades;
- O que são limites; Para quem são os limites; Atitude dos pais e dos filhos – como lidar com limites;
- Choque de valores socioculturais entre pais e filhos;
- Família ideal e família real.
- Meu percurso no grupo: como cheguei o que estou levando
- Devolutiva ao grupo

Na troca de experiências, encontro após encontro, objetivou-se oferecer aos pais/responsáveis a oportunidade de atentarem com um olhar diferente do habitual para a realidade de suas relações, para que, a partir desse olhar, de seu próprio desenvolvimento, pudessem refletir sobre o relacionamento com seus filhos.

3.2.1 Os Encontros no CREAS

No ano de 2015, de agosto a dezembro, e no ano de 2016, de maio a setembro, foram realizados dez encontros no CREAS da cidade de Itapetininga. Buscamos, por meio do relacionamento das pessoas do grupo, mediar a compreensão da realidade, dos acontecimentos, dos conflitos que emergiram em decorrência da aplicação das medidas socioeducativas ou que, em parte, estavam submersos, instalados nas relações afetivo-emocionais entre os pais/responsáveis e seus filhos, desde antes do início da aplicação das medidas.

A pedido da coordenação do CREAS, elaboramos o planejamento das reuniões, indicando as atividades e tarefas propostas para facilitar a interação dos pais /responsáveis nos grupos operativos.

O planejamento trazia os seguintes tópicos:

Tempo de duração do projeto: 20 horas de reuniões em grupos operativos, gravadas em áudio e vídeo (material em arquivo pessoal).

Primeiro encontro: apresentação da equipe (dois estagiários do curso de psicologia da Universidade de Sorocaba e um colaborador para a realização das

gravações em vídeo e as edições do mesmo); apresentação da organização dos encontros futuros: tema inicial e tarefas objetivando a interação do grupo com o tema, ora realizadas individualmente, ora em pequenos grupos; finalização com troca de experiências pessoais. A partir do terceiro encontro, inícios da autoscopia, abrindo todas as todas as reuniões seguintes: apresentação do vídeo gravado na reunião anterior (e editado, com 10 minutos de extensão), oferecendo a oportunidade de apreensão de sentimentos emergentes a partir da observação das ações grupais sobre o tema; realização de análise e reflexão do conteúdo do vídeo. O objetivo dessa atividade é propiciar, por meio da autoanálise, que cada membro do grupo reconheça e identifique suas ações e emoções relacionadas ao tema proposto gerando possibilidade de autoconhecimento, reconhecimento do outro e transformação.

No decorrer do projeto, com base nas condições apresentadas pelos indivíduos do grupo, a condução das reuniões era alterada, tornando-se uma resposta eficaz à demanda do momento.

O número de pais/responsáveis presentes variou de um encontro ao outro. Assim, tínhamos sempre um ponto de partida, um tema disparador, mas ao iniciar o grupo, o percurso das duas horas de trabalho em grupo era determinado pela reunião, sendo, portanto, algo único a cada encontro.

Destacamos os aspectos básicos na construção do planejamento dos encontros realizados:

- Quanto ao tema, ele foi o norteador dos encontros. Cada um deles levava o grupo a uma reflexão, partindo de um entendimento de si, em direção ao entendimento do outro, na busca por uma maior compreensão das relações afetivo-emocionais com seus filhos.
- As tarefas foram desenvolvidas para que os participantes do grupo interagissem, se movimentassem, explorassem os materiais oferecidos, pois entendemos que no desenvolvimento das tarefas os pais/responsáveis trocavam experiências entre si e nessas trocas se estabelecia o vínculo dando o suporte para que todos os membros do grupo se sentissem pertencentes.
- Nos encontros, em média, compareceram 30 pais/responsáveis, que participaram dos grupos operativos. Alguns deles haviam participado de grupos anteriores e retornaram, uma vez que seus filhos continuavam em cumprimento da medida socioeducativa. O

número de adolescentes e jovens atendidos nesse projeto continuava alto, mostra disso era o aumento crescente de pais/responsáveis aos quais estávamos atendendo.

- Iniciamos a autoscopia a partir do terceiro encontro do grupo, possibilitando aos pais/responsáveis uma reflexão sobre as atividades realizadas nos encontros anteriores.

I ENCONTRO

Tema: Apresentação da equipe de trabalho e apresentação pessoal dos pais/responsáveis.

Tarefa: Pedimos aos pais/responsáveis que escrevessem algumas linhas sobre suas expectativas quanto aos encontros.

Desenvolvimento: Nesta reunião inicial, houve muita tensão, tanto por parte dos pais/responsáveis quanto da equipe. O primeiro encontro guarda muitas expectativas, principalmente sobre a adesão dos pais/responsáveis à convocação de participarem de um grupo socioeducativo, por serem eles o centro da atenção e não os filhos, como de costume. Era perceptível o descontentamento; sentimos fortemente que ali seria o último lugar que cada um deles escolheria estar. Ao se apresentarem, pontuaram em suas falas sentimentos de vergonha, culpa, medo, raiva e, em sua maioria, ao se colocarem, nos questionavam sobre “onde teriam errado”, o que teria faltado de tudo que já haviam feito por seus filhos.

Alguns dos pais/responsáveis se posicionaram contrários à obrigatoriedade da presença no grupo, questionando também a efetividade do resultado realizado pelo CREAS no acompanhamento dos seus filhos, dizendo não verem melhora na postura deles. Por outro lado, uma grande parte se mostrou interessada em conhecer e participar do trabalho, depositando um voto de confiança na equipe, o que para nós foi ao mesmo tempo gratificante e desafiador.

Resultado: Em média são atendidos no programa do CREAS cerca de cem adolescentes e jovens ao mês. Nesse primeiro encontro compareceram em torno de oitenta pais/responsáveis e, ao serem esclarecidos as razões dos encontros, pudemos prever que parte deles não retornaria (como não retornaram).

II ENCONTRO

Tema: A criança/adolescente que fui um dia /A educação que recebi dos meus pais.

Tarefa: Experienciar as atividades lúdicas: corda, peão, peteca, vaivém, cubo mágico, ioiô, ludo, palito, resta um, memória.

Desenvolvimento: Nesta tarefa os pais/responsáveis puderam resgatar suas memórias da infância e da adolescência, desde as brincadeiras até os brinquedos que fizeram parte da história de cada um. Inevitavelmente surgiram as lembranças de seus pais, avós, tios, primos. Lembranças da cidade, do campo, as diferenças entre as gerações. Como primeira tarefa que realizamos, nossa proposta foi também promover um entrosamento entre os pais/responsáveis.

Resultado: Recebemos novos pais/responsáveis, vindos pela primeira vez, acentuando nosso esforço, encontro a encontro, de integrar os novos pais/responsáveis que chegavam ao grupo. O grupo não poderia ser fechado, os pais/responsáveis poderiam ingressar nele a qualquer momento, isso porque as medidas socioeducativas iniciavam e terminavam em tempos distintos; conforme iam sendo emitidas, os pais/responsáveis iam sendo chamados. Estimulávamos o grupo a retornar, acolhendo e respeitando as necessidades de cada um. Boa parte dos pais/responsáveis participaram dos encontros, em média trinta deles.

No início, havia uma perceptível atmosfera de tensão permeando o grupo. Os pais/responsáveis aparentavam estar com seus sentimentos confusos, polarizados, ora se apresentavam com amor, ora com ódio com relação aos seus filhos. Inicialmente os culpabilizando, sentiam-se humilhados e envergonhados, talvez por estarem tão expostos, pelas falhas dos filhos e pela própria condição da medida socioeducativa, enfim, sentimentos, ambivalentes. Esses momentos, de estarem diante de outros pais/responsáveis, com as mesmas angústias possibilitava, encontro após encontro, a identificação grupal, que auxiliava nesse enfrentamento.

O contato com alguns brinquedos e brincadeiras da infância no decorrer da tarefa, trouxe leveza e sorrisos ao grupo, voltaram a ser

crianças/adolescentes por alguns instantes, o que reavivou a memória e puderam compartilhar suas experiências.

Uma característica positiva que observamos nesse grupo, foi que os pais/responsáveis foram participativos, o que gerou um rápido entrosamento entre eles. Normalmente, são necessários vários encontros para que eles se soltem, fiquem mais à vontade para falar e compartilhar, pois chegam bastante acanhados.

III ENCONTRO

Tema: Os pais como referência interna para a vida: o que herdamos / Como adaptar a educação que tive para os dias atuais.

Tarefa: Resgatar a herança dos pais e a história de vida com os pais, recordar um momento significativo vivido com os pais na infância/adolescência e expressá-lo através da escrita/recorte/desenho/colagem.

Desenvolvimento: A partir dessa tarefa, propusemos que pensassem quais as vivências estabelecidas com seus filhos, os pais/responsáveis entendiam como nutridora da relação que estabeleciam com eles.

Resultado: Essa tarefa trouxe emoção ao grupo. As lembranças dos pais e familiares, a história de vida, a relação que se estabelecia entre eles. Inevitável que o grupo trouxesse o enfrentamento que viveram e sentiram em relação aos seus filhos, como um tempo que teria sido diferente para eles e a urgência por uma adaptação nos dias atuais.

IV ENCONTRO

Tema: Aprendendo a lidar com as emoções / Tornando viável a comunicação entre gerações.

Tarefa: Manusear argila

Desenvolvimento: O manuseio da argila trouxe uma experiência de introspecção: Os pais/responsáveis foram convidados a expressar seus sentimentos e quais emergiram no seu manuseio: alegria/tristeza, amor/raiva, medo/coragem, vazio/preenchido. A associação da tarefa com a comunicação, expressão, trouxeram lembranças que foram compartilhadas e muitas elaborações emergiram desse momento.

Resultado: Para alguns pais/responsáveis esse foi um momento inédito, pois nunca haviam experimentado o contato com a argila. Alguns dos pais/responsáveis do grupo cresceram em ambiente rural, em sítio, relataram trabalhar bastante e que tiveram pouco tempo para brincar, se divertir.

Pudemos observar, que os trabalhos produzidos, trouxeram à tona sentimentos ligados ao ambiente familiar, a infância de cada um, como por exemplo: forno de barro, utensílios domésticos, cestos de pães, de ovos, sofás, camas, televisão, poltrona, mesas e cadeiras.

V ENCONTRO

Tema: Descrevendo meu filho / Entendendo meu filho: suas características e necessidades.

Tarefa: Utilizando recurso de escrita/desenho/colagem/recorte, representar os seus filhos (as) através de imagens e descrever suas características.

Desenvolvimento: Esse tema marcou uma passagem importante do grupo de pais/responsáveis, que vinham de uma reflexão sobre si mesmos, sua família de origem, sua infância e adolescência e, chegando a esse quinto encontro, se depararam com a proposta de descreverem seus filhos, características físicas como traços, gestos e psíquicas como humor, temperamento e as necessidades manifestas e seus sentimentos.

Resultado: Essa tarefa colocou o grupo de pais/responsáveis frente a frente com seus filhos. Pensaram suas características e necessidades, desvelaram suas próprias dificuldades nessas relações: aceitar os filhos como são, lidar com as divergências e ter que colocar limites.

Nesse momento o grupo se aquietou, ficou pensativo, pois foi necessário que descrevessem seus filhos a partir das reflexões grupais, dos temas dos encontros anteriores. Caminharam em direção a algumas mudanças, uma delas sobre não se sentirem mais sozinhos naquela situação, as trocas entre os pais/responsáveis permitiram iniciar uma elaboração dos acontecimentos de uma maneira mais abrangente.

Os relatos sobre os filhos, apresentados pelos pais/responsáveis incorporavam afetividade, elemento importante para a transformação das relações familiares.

VI ENCONTRO

Tema: O que são limites? Para quem são os limites? / Atitudes dos pais e dos filhos, como lidar com limite.

Tarefa: Produção de painéis.

Desenvolvimento: Dividimos os participantes em pequenos grupos de cinco a seis pessoas, para a produção de painéis. Utilizando recursos de escrita/desenho/colagem/recorte, desenvolveram o tema proposto para num momento seguinte fazerem a apresentação para a discussão grupal.

Resultado: Tema de muita relevância para o grupo. Pudemos perceber, nas discussões dos pequenos grupos, a dificuldade em relatar situações e questões em que o limite estivesse como foco. Propusemos dividir ao meio o painel de papel: Em um lado relataram quais limites são para os filhos e, no outro lado, quais limites os pais sentem serem para si próprios. Durante a apresentação dos grupos, cada um contribuiu com situações distintas, experiências pessoais e familiares.

VII ENCONTRO

Tema: Choque de valores socioculturais entre pais e filhos.

Tarefa: Produção de painéis.

Desenvolvimento: Foram formados pequenos grupos para construção de painéis em papel kraft, utilizando recorte, colagem, desenho e escrita. Propusemos dividir o painel de papel ao meio: de um lado os valores socioculturais dos pais/responsáveis e do outro os valores socioculturais dos filhos. Como tarefa nos pequenos grupos, pais/responsáveis pensaram em possibilidades de harmonizar esses valores na relação com os filhos.

Resultado: Através da produção dos painéis, os grupos puderam trocar ideias, falar um pouco de si e dos seus valores. Em meio à descontração, os painéis, construídos em grupo, representavam parte do mundo interno de cada um. A polarização inicial dos sentimentos (a ambivalência) abriu espaço para a reflexão. O exercício focado foi o da aceitação do conflito para a posterior superação.

VIII ENCONTRO

Tema: Família ideal e família real.

Tarefa: Montagem de painel.

Desenvolvimento: Divididos em grupos e utilizando recurso de escrita, recorte e colagem, descreveram como percebiam, como eram suas experiências enquanto uma família real, em contrapartida de uma família idealizada.

Resultado: Pensar na família ideal e na família real não foi uma tarefa fácil, pois o grupo precisou dos laços de confiança que desenvolveu para expressar o desejo e a realidade das suas próprias configurações familiares, trocando entre si as experiências vivenciadas em suas relações afetivo-emocionais. O momento de introspecção e interação do grupo na tarefa facilitou a socialização de seus desejos e concepções. É frequente a idealização de pessoas e com isso o surgimento de conflitos, quando deparados com a realidade. Essa proposta exercitou o enfrentamento das situações e relações idealizadas, os pais/responsáveis trouxeram para o grupo falas de sua experiência pessoal, situações vividas na infância com seus pais e a idealização destes, hoje afetando diretamente seus relacionamentos conjugais e a relação com seus filhos.

IX ENCONTRO

Tema: Meu percurso no grupo: como cheguei e o que estou levando.

Tarefa: Produção de escrita individual / Avaliação do pertencimento ao grupo

Desenvolvimento: Cada membro do grupo relatou, através da escrita, o seu percurso no grupo, contando em algumas palavras como chegou e o que estava levando dos encontros.

Resultado: Nesse momento o grupo silenciou. Individualmente realizaram suas escritas, descrevendo como vivenciaram os encontros, o que aprenderam com o grupo, encontro após encontro. No momento de compartilhar com os demais pais/responsáveis, a partir da frase: “como cheguei e o que estou levando”, cada um expressou de maneira singular seus sentimentos.

Conforme os pais/responsáveis iam se manifestando, cada um a seu tempo e a seu modo, víamos passar como um filme os encontros, pois cada um

comentava aquilo que havia calado mais fundo, que havia provocado alguma mudança, que teve algum significado importante, que fez sentido e que foi tocado.

X ENCONTRO

Autoscopia: Nesse último encontro, diferentemente dos encontros anteriores, apresentamos um vídeo de 35 minutos, com o percurso do grupo, passando por todos os temas abordados. Depois de assistir ao vídeo, cada um dos pais/responsáveis compartilhou sua experiência.

Tema: Devolutiva ao grupo do percurso realizado.

Tarefa: Preenchimento do questionário para a avaliação.

Desenvolvimento: Iniciamos o último encontro apresentando o vídeo de 35 minutos, abrimos espaço para que compartilhassem suas impressões, fizemos nossa devolutiva com apontamentos para o grupo. Os pais/responsáveis responderam o questionário de avaliação e em seguida foi oferecido, pela equipe de técnicos do CREAS, um lanche especial e um presente para cada um dos participantes.

Resultado: Nossa devolutiva parte inicialmente de um agradecimento à equipe de técnicos do CREAS, pela parceria que estabelecemos no período em que trabalhamos juntos e aos pais/responsáveis pela participação, pelo desprendimento que mostraram em todos os encontros, por compartilharem um pouco de suas vidas conosco nesse tempo que passamos juntos. Para nós, equipe, foi um trabalho que realizamos com muita satisfação. Com os pais/responsáveis experimentamos transformações internas, também fomos afetados por cada encontro que realizamos. Deixamos parte de nós com o grupo e levamos conosco parte de cada um dos pais/responsáveis.

Tomando por base as palavras de Pichon-Rivière (2000, p. 80), avaliamos os encontros como sendo positivos, pois, de acordo com os resultados obtidos (expressos em depoimentos e refletidos nas mudanças ocorridas com os indivíduos já durante o processo), tratou-se de “[...] um grupo sadio, verdadeiramente operativo” [...] aberto à comunicação, em pleno processo de aprendizagem social, em relação dialética com o meio.

[...] um grupo obtém uma adaptação ativa à realidade quando adquire insight, quando se torna consciente de certos aspectos de sua estrutura e dinâmica, quando torna adequado seu nível de aspiração a seu status real, determinante de suas possibilidades (PICHON-RIVIÈRE, 2000, p. 80)

Após a realização dos encontros de cada ano, aplicamos um questionário para avaliar a efetividade da Escola de Pais.

O objetivo dos questionários foi avaliar o quanto os encontros grupais e suas discussões podem alterar a forma dos pais/responsáveis lidarem com os conflitos entre eles e seus filhos. As respostas a esses questionários, que trazem cargas emotivas, questões psicológicas e fatos das diversas realidades vividas por pais/responsáveis, constituem valiosa fonte de estudos futuros para a elaboração de planejamento de uma disciplina voltada à formação de educadores preparados para desenvolver a Escola de Pais em suas instituições.

3.2.2 Os Encontros na Escola

Iniciamos a Escola de Pais em uma das escolas da rede municipal de Sorocaba, após contarmos a Secretaria de Educação. Apresentamos o projeto e a secretaria nos autorizou a realização da pesquisa (Anexo A). A direção da Escola Municipal Profa. Maria Domingas Tótora de Góes cedeu espaço para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. (Anexo B)

Em acordo com a direção da escola, os pais/responsáveis receberam uma carta convite (Apêndice E) explicando o que seria a Escola de Pais e solicitando que os interessados se inscrevessem para participar. Foram oferecidos dois horários, um diurno e um noturno, com a intenção de ampliar as possibilidades de participação.

A Escola Municipal Profa. Maria Domingas Tótora de Góes está localizada à Rua Laurindo De Brito, 136, Vila Carol, na cidade de Sorocaba. A escola da rede municipal tinha, à época, 834 alunos. Ensino Infantil com 183 alunos e Ensino Fundamental I com 651 alunos.⁵

A proposta inicial foi realizar dez encontros quinzenais, no período de março a julho de 2016, dois grupos às quartas-feiras, das 8h às 10h e 19h às 21h. A direção da escola nos disponibilizou duas salas, uma para o período da manhã e uma para a noite, equipadas com carteiras, lousa, projetor e computador.

⁵ Fonte: Censo Escolar INEP 2016.

Contamos com a colaboração de estagiários, estudantes de psicologia da UNISO, responsáveis pelo registro e transcrição dos encontros gravados em áudio. Para o registro das imagens e a produção dos vídeos, utilizados na autoscopia a partir do terceiro encontro, contamos com um colaborador.

Iniciamos os dois grupos, conforme indicado a seguir.

I ENCONTRO

Tema: Apresentação da equipe de trabalho e apresentação pessoal dos pais/responsáveis.

Tarefa: Pedimos aos pais/responsáveis que escrevessem algumas linhas sobre suas expectativas quanto aos encontros.

Participantes: O primeiro encontro foi realizado no período da manhã e da noite, contamos com a presença de 10 pais/responsáveis pela manhã e 25 no período da noite.

Desenvolvimento: Demos as boas-vindas aos grupos, apresentamos o Projeto de Pesquisa e a equipe de trabalho. Tratamos das questões operacionais, comumente chamadas nos Grupos Operativos de objetivo/contrato: horário, quem poderia participar, frequência/datas, atividades, temas e sigilo grupal. Na apresentação pessoal dos pais/responsáveis pedimos que compartilhassem suas expectativas com relação aos encontros grupais, e em seguida pedimos que fizessem um registro escrito dessas expectativas (por questões éticas, as gravações em vídeo estão sob guarda da autora).

Resultado: A proposta do projeto Escola de Pais foi bem recebida pelos dois grupos de pais /responsáveis. Ambos os grupos consideraram importante a aproximação com a escola, pela possibilidade da troca de experiências com os outros pais/responsáveis e no aprendizado de como conduzir a educação de seus filhos. Alguns pais/responsáveis pontuaram também a importância do grupo no enfrentamento das questões afetivo-emocionais, de como lidar com suas próprias questões e assim ter uma melhor relação com seus filhos.

II ENCONTRO

Por motivos alheios à nossa vontade não pudemos realizar os grupos operativos, manhã e noite, pois os professores da escola aderiram à greve dos professores municipais. As atividades da escola ficaram suspensas até o término da greve.

III ENCONTRO

As atividades da escola foram canceladas neste dia para a realização da dedetização que ocorre anualmente, seguindo um calendário da Secretaria da Educação. Não fomos comunicados anteriormente da realização da dedetização, assim não tivemos tempo hábil para comunicar os pais/responsáveis para uma possível alteração da data.

IV ENCONTRO – 13/04/2016

Toda a equipe esperava ansiosa pelo retorno das atividades da Escola de Pais. Ao chegarmos na escola municipal para o início do grupo da manhã, às 8h00, nos deparamos com a presença de apenas 3 pais/responsáveis. Estes que compareceram, vieram para grupo pela primeira vez, não estiveram conosco no primeiro encontro do dia 9 de março. Comunicaram que souberam da reunião pela indicação de outros pais/responsáveis e por indicação das professoras da sala de aula de seus filhos, que os convidaram a participar.

Inicialmente nos apresentamos, também à equipe e o projeto de pesquisa. Cada um dos pais/responsáveis se apresentou falando sobre suas expectativas para a participação no grupo. Como o pequeno grupo presente estava iniciando, o tempo de atividades foi tomado pelas apresentações e expectativas, assim, decidimos não realizar a tarefa proposta para este dia. Outra decisão que tomamos em grupo foi contatar os outros pais/responsáveis que haviam estado conosco no primeiro encontro, para que assim pudessemos retomar as atividades da Escola de Pais.

Retornamos para a escola municipal para o encontro com o grupo da noite. Para nossa surpresa apenas 3 pais/responsáveis, que haviam estado no primeiro grupo, compareceram ao encontro.

Conversamos um pouco sobre os fatos ocorridos, e que em nossa perspectiva estes fatos teriam afetado a vinculação do grupo. Surgiu então uma sugestão de um dos pais/responsáveis, a de enviar uma nova carta convite para que pudéssemos retomar os encontros. Combinamos também que faríamos o contato telefônico com os pais/responsáveis que haviam comparecido ao primeiro encontro. Nos despedimos com a esperança de que na próxima quinzena retomáramos as atividades da Escola de Pais.

V ENCONTRO

Temas: A criança / adolescente que fui um dia / A educação que recebi dos meus pais.

Os pais como referência interna para a vida: o que herdamos / Como adaptar a educação que tive para os dias atuais.

Tarefa: A partir dos temas indicados reconstruíram com a escrita, com recorte e colagens de revistas, situações que foram vivenciadas na infância e adolescência.

Participantes: O grupo contou com a presença de 7 pais/responsáveis.

Desenvolvimento: Num primeiro momento desenvolveram o tema da criança e adolescente que foram um dia e a educação que receberam de seus pais. Compartilhamos as experiências e o segundo momento foi marcado pela reflexão de situações relacionadas aos pais e as heranças que receberam deles. A partir das considerações que trouxeram falaram da relação com seus filhos nos dias atuais.

Resultado: A partir deste quinto encontro seguimos apenas com o grupo da noite. Nossos esforços como equipe não foram suficientes para que o grupo de pais da manhã retornasse para os encontros. Assim, adaptamos os encontros para o grupo de pais/responsáveis do período da noite. Como o número de pais/responsáveis permaneceu pequeno, aglutinamos vários temas por encontro, para que todos fossem experienciados e vivenciados.

VI ENCONTRO

Tema: Descrevendo a mim mesmo.

Descrevendo meu filho / Entendendo meu filho: suas características e necessidades

Tarefa: Através de recursos de escrita, desenho, recorte de revistas e colagens, sugerimos que descrevessem a si mesmos, depois que descrevessem seus filhos, características e necessidades.

Participantes: Participaram deste encontro 4 pais/responsáveis.

Desenvolvimento: Na apresentação do vídeo os pais tiveram uma boa receptividade, foi a partir de seus comentários que sugeri primeiramente que descrevessem a si mesmos. Depois de compartilharem as percepções de si, descreveram e refletiram sobre seus filhos, trazendo para o grupo a leitura de suas características e necessidades. Necessidades estas na relação com eles (pais/responsáveis) e com o mundo que os cerca (família/escola).

Resultado: O número de pais/responsáveis participantes diminuiu, tornando o grupo mais próximo e íntimo. Coordenar o grupo pequeno exigiu um pouco mais de atenção, pois os pais/responsáveis presentes tinham mais tempo para suas falas e considerações, assim o cuidado esteve em manter o foco no grupo e não na individualidade. Os conteúdos pessoais trazidos eram colocados em discussão na relação com o grupo, onde se identificavam questões semelhantes entre eles, possibilitando a troca de experiências e aprendizado.

VII ENCONTRO

Tema: Aprendendo a lidar com as emoções / Tornando viável a comunicação entre gerações.

Tarefa: Expressar verbalmente a maneira como lidam e expressam as emoções e a comunicação delas com os filhos.

Participantes: Neste encontro participaram 2 pais/responsáveis.

Desenvolvimento: Após a autoscopia os pais/responsáveis presentes fizeram considerações significativas sobre o encontro anterior. A descrição de si mesmos e dos filhos gerou, segundo os participantes, muitas reflexões. Caminhamos para o tema, lidando com as emoções, que se conectava com o tema anterior, possibilitando assim maior ampliação das questões relacionais entre pais-filhos.

Resultado: Os pais/responsáveis que permaneceram no grupo se mostraram envolvidos e preocupados em se conhecer melhor. Em nossa percepção, a autoscopia os motivou, pois, ouvindo a si mesmos, refletiram sobre suas ações e foram mobilizados para possíveis mudanças. O tema proposto para

esse encontro, lidando com as emoções, trouxe momentos de profunda reflexão. Com o número reduzido de participantes, o tema pode ser mais explorado pelos pais/responsáveis.

VIII ENCONTRO

Neste dia, os pais/responsáveis que estavam participando nos comunicaram que não poderiam vir para o encontro.

IX ENCONTRO

Tema: O que são limites? Para quem são os limites? / Atitudes dos pais e dos filhos, como lidar com limite.

Tarefa: Compartilhar experiências relativas ao tema.

Participantes: Participaram deste encontro dois pais/responsáveis.

Desenvolvimento: Primeiramente buscaram em suas memórias lembranças de sua infância e adolescência. Como relacionavam-se com seus pais frente aos limites impostos por eles. A partir de suas lembranças e troca de experiências, refletiram sobre o que são limites, para que servem os limites, na relação com seus filhos.

Resultado: Na busca por memórias, lembranças da infância e adolescência, revelaram-se alguns elementos da relação afetivo-emocional dos participantes do grupo com suas famílias de origem. A partir do tema proposto, os pais/responsáveis presentes trouxeram suas histórias pessoais, primeiramente na relação com seus pais, em que, segundo seus relatos, havia uma mais clara definição sobre os seus limites, bastando apenas um olhar ou uma palavra, para que obedecessem. Com histórias bem distintas os pais/responsáveis compartilharam entre si suas memórias e num segundo momento trouxeram suas experiências com os próprios filhos, indicando que nessas relações com os filhos encontravam dificuldade em estabelecer os limites. Na percepção dos pais/responsáveis, a linha entre o limite e a permissividade é muito tênue. A troca de experiências entre os pais/responsáveis possibilitou um olhar para suas ações na relação com seus filhos.

X ENCONTRO

Tema: Família ideal e família real.

Meu percurso no grupo: como cheguei e o que estou levando.

Tarefa: Utilizando folhas de papel sulfite, canetas, revistas, cola, representaram suas famílias, a ideal e a real.

Participantes: Participaram do encerramento do grupo dois pais/responsáveis.

Desenvolvimento: Em duas folhas de papel sulfite os pais/responsáveis apresentaram suas famílias. Em uma folha a família idealizada, e em outra a família real. Num segundo momento, realizamos uma avaliação dos encontros, cada um dos pais/responsáveis descreveu como foi seu percurso.

Resultado: Este encontro foi bastante significativo, o tema levou os pais/responsáveis a pensarem sobre a diferenciação entre a família ideal e a família real. Família idealizada, a família de um sonho, que se alimentava de expectativas, muitas vezes gerando frustrações. Em contraponto com a família idealizada estava a família real, a família de todos os dias, com as questões conflituosas que se apresentavam. Pensarmos a família real é pensarmos nos desafios diários das relações afetivo emocionais. Num segundo momento, os pais/responsáveis compartilharam aspectos relativos ao percurso individual nos encontros, descrevendo suas experiências e aprendizados adquiridos no processo grupal.

Conforme observa Gayotto (2003, p. 79), resultante de “uma articulação em torno de um produzir e de não produzir em conjunto”, surgem, no campo em que se ligam os membros de um grupo, processos psíquicos inéditos. As resistências coletivas, surgidas das relações mútuas entre os integrantes do grupo, estruturam-se entre a individualidade e a constituição da grupalidade.

A estruturação dos encontros dos grupos operativos perpassa, como observado acima, na instituição CREAS e na Escola Municipal, um conhecimento prévio de seu funcionamento. Temos na teoria de Pichon-Rivière (2000) o embasamento necessário para seu desenvolvimento e aplicabilidade.

Cabe-nos observar que o formato desenvolvido para os dois grupos desta pesquisa pode fazer parte da formação e capacitação de professores nas

licenciaturas ou em cursos específicos para a as ações com pais/responsáveis nas escolas.

Algumas habilidades e atitudes são necessárias para a organização dos encontros dos grupos operativos: selecionar os temas de acordo com as necessidades do grupo a ser trabalhado, preparar as tarefas e materiais a serem utilizados, ouvir e argumentar sem juízo prévio, capacidade de avaliação e análise, empatia e criatividade, entre outras.

4 ANALISANDO O PROCESSO NA INSTITUIÇÃO E NA ESCOLA

Este capítulo trata da análise do processo da Escola de Pais, na Instituição e na Escola. Apresenta a reflexão sobre as possibilidades de continuidade, ou não, da necessidade de redimensionamento, de adequação de planejamento e da efetividade de suas ações. Obtidos os resultados, procedeu-se à análise das falas dos pais, registradas nos questionários de avaliação por eles respondidos.

As metas iniciais do projeto que atenderam aos primeiros grupos socioeducativos de pais/responsáveis foram desenvolvidas a partir das necessidades apontadas pela equipe multidisciplinar do CREAS na cidade de Itapetininga, SP. Relacionadas aos atendimentos a pais/responsáveis de adolescentes e jovens em medida socioeducativa, as metas visavam: acolhimento, suporte, apoio e orientação aos pais/responsáveis no relacionamento com seus filhos, sob o regime de medidas socioeducativas, aplicadas com duração de seis meses, quando em liberdade assistida, e de até vinte e quatro meses, quando em internação na Fundação Casa.

4.1 Avaliação do projeto CREAS 2015

A chegada dos pais às reuniões era concomitante à aplicação da medida socioeducativa, fazendo com que o grupo observasse entradas e saídas irregulares durante todo o projeto. Além disso, movidos por situações diversas, muitos pais/responsáveis não voltavam depois da primeira reunião. Um aspecto a ser salientado é que a vergonha frente ao grupo, à sociedade, era um dos motivos para a não permanência de alguns pais/responsáveis no grupo. Esta afirmativa baseada em atitudes e falas dos próprios pais/responsáveis, muitas das quais estão registradas em vídeo, áudio e por escrito nos questionários de avaliação)

O projeto Escola de Pais conta com o apoio de uma equipe de assistentes sociais do CREAS/Itapetininga, que faz o levantamento das famílias atendidas na medida socioeducativa, atualiza sistematicamente a convocação para a participação, auxilia com a entrega de passes de ônibus e emite justificativa de falta para os pais/responsáveis que precisarem se ausentar do trabalho. Quanto ao perfil social dos pais/responsáveis não cabia à Escola de Pais levantar os dados, tais informações eram coletadas pelo CREAS, após avaliação da equipe

técnica eram encaminhados para participarem da Escola de Pais. Fatores como origem os outros aspectos socioeconômicos não eram pertinentes ao andamento das reuniões, não coletamos esses dados de modo formal. Cabe, contudo, dizer que observamos que grande parte dos pais/responsáveis presentes à Escola de Pais, no CREAS, era oriunda da zona rural.

Para realizarmos a avaliação do programa desenvolvido no período de agosto a dezembro de 2015, contatamos por telefone 15 pais/responsáveis; nem todos puderam aceitar o convite para a participação por diversas razões, entre elas, questões com o trabalho e apenas seis efetivamente compareceram. Aplicamos um questionário com oito perguntas, cujos objetivos estão definidos no Quadro 1. Embora alguns dos pais/responsáveis, analfabetos funcionais, tivessem recorrido ao apoio de estagiários assistentes para preencher o questionário, o processo não se caracterizou como entrevista – tendo os assistentes se limitado a transcrever as falas dos respondentes.

QUADRO 1. QUESTIONÁRIO AVALIATIVO

QUESTIONÁRIO		OBJETIVO
1.	Como você chegou para o grupo de pais?	Embora tivessem sido oficialmente convocados a comparecer, buscamos identificar as condições que levaram a cada um deles à busca pelo apoio especializado
2.	Quais eram seus sentimentos e expectativas?	Identificar os sentimentos e as expectativas que pudessem ajudar na formulação dos temas dos encontros.
3.	Quais mudanças ocorreram com você no decorrer dos encontros?	Promover a autoavaliação, avaliar o que mudou. Abrir espaço para o reconhecimento do grupo sobre as questões que foram trabalhadas nos encontros que poderiam contribuir na escolha e indicação de novos temas a serem abordados nos encontros futuros.
4.	Quais mudanças você sentiu na relação com seu filho?	Observar de maneira mais específica os sentimentos que surgiram nas relações entre pais/responsáveis, seus filhos e familiares durante os encontros.
5.	O que você achou dos encontros? Os temas? A maneira como foram abordados?	Avaliar as vivências, aproximar os pais/responsáveis dos sentimentos mais específicos vivenciados na relação com seus filhos.
6.	O que você achou do desempenho da equipe de trabalho?	Avaliar o trabalho da equipe e possíveis mudanças que se fizeram necessárias.
7.	Você indicaria a continuidade deste programa?	Conhecer a opinião visando a continuidade do trabalho realizado junto aos pais/responsáveis.
8.	Você teria alguma sugestão para a melhoria deste programa?	Conhecer as demandas, as indicações de novos temas e Tarefa para futuros encontros, visando o aperfeiçoamento do programa a partir do diálogo entre pais/responsáveis e a equipe.

Fonte: Avaliação do Projeto Piloto CREAS 2015 (Apêndice C).

QUADRO 2 – CATEGORIZAÇÃO DO DISCURSO DE PAIS/RESPONSÁVEIS – PROJETO PILOTO CREAS, 2015

Nº DA QUESTÃO	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADES DE SENTIDO	CATEGORIA	FREQUÊNCIA
2 - Quais eram seus sentimentos e expectativas?	Sentimentos e expectativas (na chegada à escola de pais) Triste, desorientada, sem rumo. Desanimada e triste	Tristeza Desorientação	Desamparo	2
		Mudança	Esperança	3
3 - Quais mudanças ocorreram com você no decorrer dos encontros?	Mudanças (ocorridas no decorrer dos encontros) Fiquei mais calma. Estou sabendo lidar com meus filhos Fiquei mais despreocupada Aprendi a ouvir e falar baixo	Calma Despreocupação	Calma	3
4 - Quais mudanças você sentiu na relação com seu filho?	Comecei a dar mais atenção, escutar mais Conseguir ser mais amorosa, mais atenciosa Dar atenção e carinho ao filho Mais amor e compreensão	Mais atenção Mais amor	Afetividade	4
		Mais diálogo	Diálogo	3
5 - O que você achou dos encontros? Os temas? A maneira como foram abordados?	Avaliação (dos encontros) Ótimo. Gostei das tarefas me ajudaram muito Me ajudou bastante Eu gostei, aprendi muito. Parei de gritar e aprendi a dizer "te amo". Bom, aprendi a visualizar as coisas Superlegal. Aprendemos muito com os testemunhos	Apoio Ajuda Aprendizado	Aprendizado	5
6 - O que você achou do desempenho da equipe de trabalho?	Conceito (da equipe) Muito maravilhosa Está de parabéns Achei muito importante Me ajudaram muito Muito eficiente	Importante Ajuda Eficiência	Eficácia	5

Fonte: Elaboração própria a partir da Íntegra da Avaliação do Projeto Piloto CREAS 2015 (Apêndice C)

4.1.1 Análise dos resultados da avaliação

A avaliação (Quadro 2) contou com a participação de um número reduzido de pais/responsáveis, em comparação ao número de participantes do projeto.

As respostas à primeira pergunta destacam os filhos e alguns problemas pontuais como as razões que levaram os pais/responsáveis a participar do projeto. Sobre a segunda pergunta, relativa aos sentimentos e expectativas dos pais, as respostas indicam que os pais se encontravam, quando da entrada no grupo, desolados, desorientados, envergonhados e suas expectativas voltadas às possibilidades de um melhor relacionamento com os filhos.

Em relação à questão número 3, sobre as mudanças observadas pelos pais/responsáveis, as respostas apontam um resultado positivo. Todos os seis pais relataram um estado mais tranquilo e melhor capacidade de lidar com seus filhos.

Essa avaliação nos ajuda, evidenciando e documentando o que observamos empiricamente no comportamento e nas falas dos pais/responsáveis, conforme avançavam as reuniões. Essas mudanças eram evidenciadas nos encontros através dos discursos, das atitudes e da disposição em compartilhar.

Especificamente com relação ao contato com os filhos, questão número 4, o relato dos pais/responsáveis expressa um sentimento de amorosidade, carinho e mais disposição em conversar com os filhos. No início dos encontros, dizemos aos pais/responsáveis que um dos objetivos da Escola de Pais era aproximá-los de seus filhos, mas esclarecemos que isso apenas ocorreria a partir de mudanças que aconteceriam neles próprios. Observamos nas respostas a essa questão, que esse movimento poderia ocorrer com a utilização das ferramentas corretas de orientação, escuta e apoio.

A resposta dos pais/responsáveis expressa no questionário demonstra que os temas e as tarefas foram facilitadores na interação do grupo e entre eles e suas famílias, atingindo, portanto, seu objetivo. Em resposta ao questionamento, os pais/responsáveis deixam claros seu apreço pelo que foi conquistado durante o processo e o reconhecimento pela força obtida através do grupo – o partilhar mostrou-se fundamental.

As respostas à questão número 6, sobre o desempenho da equipe, refletem e avaliam qualitativamente a relação do beneficiário do programa com

o projeto desenvolvido. A avaliação do critério de sustentabilidade (UNICEF, 1990 apud COSTA; CASTANHAR, 2003, p. 973) evidencia, na razão de 100%, o apoio à continuidade do projeto Escola de Pais.

Notamos ser uma característica inicial desses pais/responsáveis, a timidez, a desconfiança, certa desesperança. Pertencentes a um segmento social que tem sido assolado pelo tráfico de drogas, os pais/responsáveis temem perder seus filhos para o crime. Itapetininga é uma típica cidade do interior de São Paulo, que, como tantas outras, tem vivido essa realidade de ver o tráfico “empregar” os seus adolescentes e jovens, acenando com a possibilidade de ganho fácil e rápido de dinheiro. Vítimas de uma situação social precária, de uma educação deficitária, que não contempla a construção de uma subjetividade, muitos adolescentes e jovens não vislumbram construir um futuro através da educação formal, provavelmente por não se apoderarem dos conhecimentos, não se sentirem pertencentes, tornando-se alvos fáceis de aliciadores.

De acordo com as respostas à última questão, os pais/responsáveis sentiram-se confiantes no projeto Escola de Pais e, além de apoiarem sua continuidade, concluíram que a equipe estava preparada para desempenhar o papel o qual se propôs.

Como resultado da autoscopia realizada nos encontros do projeto piloto 2015, apresentamos um vídeo para os pais/responsáveis ao final dos encontros, contando a trajetória do grupo.

No projeto de 2016, realizamos as sessões de autoscopia por encontro. O vídeo final do projeto 2016 acompanha esta dissertação (APÊNDICE G). Os temas e tarefas seguiram os mesmos, para os dois grupos, como descritos, mas cada grupo tem suas características, o que faz com que os resultados apresentem variações.

4.2 Avaliação do Projeto CREAS 2016

4.2.1 Análise de conteúdo dos encontros

Esta análise foi realizada a partir do relato dos pais/responsáveis, de maio a setembro de 2016, quanto às expectativas em relação aos encontros da Escola de Pais (Apêndice B). São nove relatos de seis mulheres e três homens, cujos filhos cumpriam medida socioeducativa.

Utilizando a unidade de registro/tema (FRANCO, 2012) encontramos nos depoimentos, a frequente expressão de sentimentos negativos manifestados

pelos pais/responsáveis ao serem confrontados com o comportamento delituoso de seus filhos. O sofrimento, o sentimento de culpa, a humilhação a que foram expostos e a não aceitação da crítica de parentes e pessoas próximas.

Eu acho boa a reunião porque às vezes a gente precisa de opinião, porque críticas sempre tem, mas para ajudar são poucos. D.

Eu quero participar do grupo para aprender como lidar com meu filho e para mim não passar por mais essa coisa tão chata e humilhante que todas nós mãe passa nesse mundo que estamos vivendo hoje. S.

A fragilidade desses pais/responsáveis diante da surpresa do delito cometido pelos filhos gerou insegurança e um profundo sentimento de perda. O desconhecimento de como agir, como se relacionar com seu filho, como ajudá-los nesse processo pesava sobre cada um deles.

Nós pais passamos por tudo isso pelo amor que temos neles, eles sofrem lá dentro e as nossas lágrimas caem aqui fora, é uma pena tantos filhos se perdendo no mundo não sabemos nem para onde corremos mais. Eu mãe, estou sofrendo até hoje pela dor que já passei e pelos traumas que ficou aqui dentro, preciso muito de ajuda e muito obrigada, espero ajuda de todos vocês, sou uma mãe. S.

Os pais/responsáveis, constataram a falta de diálogo entre eles e seus filhos, a pouca escuta por parte deles aos seus conselhos, uma conseqüente desobediência por parte dos filhos e um questionamento, dos pais/responsáveis sobre a necessidade de repreensão. Esses sentimentos somados, em alguma medida, desembocaram em impotência diante da problemática que se estabeleceu para os pais/responsáveis.

Meu filho está em L.A por tráfico de drogas, único caso que pegou de surpresa eu e toda família. Por trabalhar a noite eu e meu filho tínhamos pouco diálogo, talvez esse motivo levou ele a ir a esse caminho. J.

A participação grupal surgiu como possibilidade de aprendizado, os pais/responsáveis se mostraram dispostos a aprender, desejando ser compreendidos e aceitos nesse momento em que seus sentimentos estão expostos.

Apesar de todo sofrimento pelo qual passamos, devido a este fato nós nos aproximamos mais, pois percebemos que não existe nada mais importante que família. E tudo que pudermos fazer para melhorarmos nosso relacionamento nós faremos. F.

Quero adquirir experiência de como lidar com ele e com os outros netos. D.

Nessa proposta, ancorada pela teoria de grupos operativos a tarefa central do grupo foi analisar as contradições no aqui e agora da situação grupal, por meio de um processo dialético, no qual contínuos movimentos de estruturação, desestruturação e reestruturação ocorreram. Como afirma Gayotto (1998) a técnica de grupos operativos se fundamenta em uma concepção de aprendizagem tendo a inter-relação dos sujeitos e o grupo como unidade básica.

Os pais/responsáveis percorreram um caminho nos grupos, partindo de “um reconhecimento de si mesmo”, “compreensão do meu funcionamento interno”, “valores pessoais”, “em busca de uma compreensão do meu filho”, tentando compreender as ambivalências presentes nas relações interpessoais. Caminharam inicialmente na serialidade, centrados em suas necessidades individuais, indo para a grupalidade, em que vivenciaram a concretização dos objetivos comuns entre eles, e questões como as afetivo-emocionais entre os pais/responsáveis e seus filhos puderam ser exploradas.

Nas imagens captadas a cada encontro e condensadas para apresentação do encontro seguinte, pudemos acompanhar o desenvolvimento do grupo. O uso da autoscopia (SADALLA; LAROCCA, 2004) trouxe esse diferencial, possibilitando a percepção pessoal. Cada integrante do grupo se reconhecia no vídeo, fazia associações, comentava alguma mudança ocorrida no intervalo entre os encontros. O grupo se beneficiou, uma vez que com a chegada de novos pais/responsáveis a cada encontro, o momento da autoscopia os integrava naturalmente. Outro benefício no uso da autoscopia foi da ligação proporcionada de um encontro ao outro quanto ao tema. Os pais/responsáveis revisavam o encontro anterior e em seus comentários elaboravam conteúdos que percebiam em suas falas na gravação. Um tema se ligando ao outro a cada encontro.

Nos encontros da Escola de Pais que foram realizados, observamos, como assinala Gayotto (1998), a influência das relações interpessoais que ocorrem nos grupos operativos e no desenvolvimento afetivo emocional dos pais/responsáveis, como podemos ver nos relatos (de P/R1 a P/R5) que seguem.

Esse grupo me fez ver que não é só eu que tenho esse tipo de problema, e que infelizmente tem pior do que o da gente, e que um dá força para o outro. Hoje eu tenho força e muita esperança de melhoras na minha vida e também na do meu filho, aprendi como ser forte para poder ajudar ele. Foi muito boa a convivência com todos hoje estou muito bem. (P/R1)

Como aponta Kaës (1987), sobre as noções de vínculo e de intersubjetividade não se restringirem apenas ao espaço intrapsíquico, como vemos no depoimento do pai/responsável 2:

Eu cheguei ao grupo através do meu filho. No encontro, o assunto é exatamente o que acontece na minha vida e da família, o que precisamos melhorar para educar o nosso filho, lidar com o adolescente. (P/R2)

Bhering e Siraj-Blatchford (1999); Cavalcanti (1998) e Oliveira (2010) apontam para a possibilidade de transformações através de iniciativas que convoquem os pais/responsáveis para uma efetiva participação, uma dessas iniciativas é a Escola de Pais, como relatado abaixo pelo pai/responsável 3:

Estou aqui nesse projeto de pais para aprender a ter novas experiências em relação com os outros pais e pedir ajuda na educação e aprendizado de minhas filhas e principalmente na família e contribuir em casa. (P/R3)

Componente importante, como aponta Bhering (1999), é o envolvimento dos pais/responsáveis, conforme observado pelo pai/responsável 4:

Quando recebi o convite desses encontros, achei de grande importância essa aproximação de pais (mãe e pai) junto à escola, para poder identificar onde podemos melhorar na formação de nossos filhos. Iniciativas como esta ajudam na convivência familiar, escolar, trazendo benefícios em nossa sociedade. (P/R4)

Cavalcanti (1998) ressalta que apesar de a colaboração entre pais e escola representar um grande desafio, é nessa relação que reside a possibilidade de mudança, como vemos na fala do pai/responsável 5:

Me interessei pelo projeto, pela oportunidade de aprender, compartilhar e saber lidar com a educação de meu filho. Também porque acho importante a relação dos pais com a escola. Acredito que tendo a orientação de um profissional e experiência de outras pessoas, fica mais fácil delimitar e conduzir a criação. (P/R5)

4.2.2 Análise de conteúdo da avaliação feita a partir das respostas do questionário realizado ao final dos encontros

Ao final dos dez encontros, em setembro de 2016, oferecemos aos pais/responsáveis um questionário com oito perguntas, cujo objetivo era obter deles uma avaliação do projeto, suas expectativas iniciais, perspectivas e impressões gerais. Participaram, espontaneamente, dezoito pais/responsáveis

De posse dessa avaliação, buscamos identificar as principais questões que apresentam os aspectos mais relevantes abordados pelos

pais/responsáveis. Buscamos, ainda, detectar elementos que pudessem dar suporte à continuidade do trabalho, fortalecendo o ponto de vista que o identificava como uma necessidade e indicando possíveis necessidades de mudanças ou adaptações. Os encontros ocorreram no período de maio a setembro de 2016.

Esses dois anos, 2015 e 2016, em que o trabalho do grupo foi permeado pela pesquisa-ação (BARBIER, 2002), observou-se uma melhora na qualidade dos encontros, evidenciada na atitude dos pais/responsáveis e nas respostas a cada nova proposta apresentada, além evidentemente, da melhora na qualidade dos relacionamentos, conforme descrito pelos participantes. Assim, apesar de já ancorarmos anteriormente esse trabalho na teoria de grupos operativos, com a pesquisa, pudemos aprofundar os conhecimentos e práticas propostos por Pichon-Rivière (2000).

A seguir, apresentamos o questionário e suas respectivas respostas por ordem numérica. Mantemos aqui como unidade de análise, a unidade de registro – Tema (FRANCO, 2012).⁶

1. COMO VOCÊ CHEGOU PARA O GRUPO DE PAIS?	
Pai/Resp.	Respostas
A.	Através da Fundação Casa.
B.	Através do meu filho Vinícius.
C.	Cheguei sem rumo na verdade, desanimada de tudo, até da vida. Hoje parece que estou tendo um pouco de perspectiva.
D.	Bom, eu vim pra cá por causa do meu filho que passou pela Fundação e ficou lá, mais graças a Deus ele já está aqui fora.
E.	Eu cheguei para o grupo abatida, triste, sem esperança de alcançar mais nada, isso foi antes de conhecer o grupo, depois adorei muito porque me trouxe paz.
F.	Bem, cheguei muito triste, arrasada, sem vontade pra nada e sem nenhuma esperança.
G.	Eu cheguei meio desanimada sem saber o que eu ia fazer aqui.
H.	Com muita curiosidade, triste, sem noção do que iria acontecer com meu filho e comigo.
I.	Como tudo, a primeira vez, a gente vem pela curiosidade. A gente percebe que não é só nós que temos problemas, tem pessoas com problemas maiores.
J.	Quando eu cheguei aqui, estava me sentindo sem rumo, não sabia como agir, como conversar com meu filho. Eu achava que era uma situação pela qual eu jamais passaria, mas com o tempo fui percebendo que eu não era a única e fui aprendendo a lidar com a situação e a interagir com meu filho.
K.	Eu cheguei mal, mais com o passar do tempo eu melhorei.

⁶ O quadro “Unidades de Registro – categorização do discurso” encontra-se no fim desta análise. Considerando que, embora prático e academicamente correto, o quadro não apresenta a oportunidade da demonstração da riqueza do conteúdo analisado, optamos por manter o presente formato por questão de clareza no entendimento de como se caracterizam as falas.

L.	Muito triste.
M.	Através do CREAS.
N.	Quando cheguei aqui não sabia como agir, como falar com ela. A R. era superagressiva comigo e eu com ela.
O.	Quando eu cheguei até aqui eu estava muito triste. Mais depois eu fui me acostumando a conviver com o grupo e aprendi muitas coisas boas.
P.	Sentindo vergonha, não falava muito, porque não gosto de falar o que aconteceu na minha família.
Q.	Cheguei deprimida, sem auto estima, agora estou com esperança.
R.	Cheguei feliz por achar importante o grupo. Para mim e para todos que participaram.

Observamos, em princípio que quatro dos respondentes (A, B, D, M) não compreenderam o sentido da pergunta, tendo indicado não seu estado de espírito, mas o que (que lei, que filho ou que razão) os levou à Escola de Pais. Dois dos respondentes (I, J) declaram ter problemas, mas assumem uma postura de autodefesa “existe gente pior que a gente” e se confortam nessa posição.

Uma respondente (N) compartilha a responsabilidade do problema com sua filha “A R. era superagressiva comigo e eu com ela”. Não assumindo sozinha a responsabilidade, declara-se perdida, não sabendo como agir. Uma respondente (R) declara estar feliz por ver o grupo como algo importante, demonstrando esperança e confiança no trabalho.

Os demais respondentes se dividem em dois grupos. Um descreve seu estado com palavras de tristeza, desânimo, vergonha e limitam-se a essa descrição (F, G, H, L, P), outro grupo reconhece aquelas mesmas sensações, porém declaram-se ‘melhores’ ou com melhores perspectivas agora que estão no grupo (C, E, K, O, Q)

Temos então, que treze dos respondentes (72%) reconhecem ter problemas e estar em más condições emocionais, incapazes de agir sozinhos perante a situação presente.

2. QUAIS ERAM SEUS SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS?	
Pai/Resp.	Respostas
A.	Muito nervosismo, medo, aflição, expectativa de como encontrar com pessoas diferentes e me expor a todos. Os sentimentos e as situações sobre meus filhos.
B.	No primeiro dia antes de vim até aqui de manhã ficava pensando o que eu ia falar, como ia ser até mesmo com um pouco de vergonha pela situação que tive que participar.
C.	Sentimento de tristeza e decepção muito grande. Hoje as expectativas são de melhora, de mudança, espero que pra melhor.
D.	Bom, com muita vergonha, meio nervosa, meio perdida com coisas e contando para que tudo desse certo nas nossas vidas. Que ele venha ficar mais perto da família.

E.	Meu sentimento e expectativa era alguém me ajudar a sair dessa situação e que me ajudasse a entender o porquê estava passando por tudo isso.
F.	Na verdade, eu não tinha esperança, eu achava que não iria resolver nada eu aqui, Depois no decorrer dos encontros comecei a sentir que iria me ajudar muito. Vi que estava errada e foi bom pra mim.
G.	Me sentia culpada do que tinha acontecido.
H.	Muitas melhoras para com meu filho e para mim. Esse grupo foi um grande ensino para mim, me ajudou muito não só com o meu filho e também com todos da minha casa. Estamos a cada dia aprendendo mais.
I.	Como já disse, a gente fica curiosa. Quanto ao sentimento é de querer encontrar solução, pois a gente sabe que sozinhos não conseguimos, mas juntos somos mais.
J.	Eu me sentia derrotada, comecei a me perguntar onde eu havia errado, porque comigo.
K.	Eu espero que tudo passe.
L.	Muito melhor.
M.	Decepção, culpa, sofrimento de ver as coisas não saindo do jeito que eu imaginei.
N.	Meus sentimentos eram de raiva e vontade de bater nela, mas hoje não sinto mais aquela raiva, mas sim dó.
O.	Quando eu cheguei até aqui eu me sentia um pouco triste, até mesmo eu chorava. Mais valeu a pena eu passar por tudo isso, porque eu aprendi.
P.	Meus sentimentos eram só tristeza, mais as minhas expectativas são de melhora.
Q.	Estava sofrendo por ela estar na fundação.
R.	Tinha muita tristeza porque não era uma coisa normal para mim. Minha expectativa é que poderá melhorar.

Observamos que três dos respondentes (H, K, L) não compreenderam o teor da pergunta.

Três deles (A, B, D) estão declaradamente preocupados com o outro, a opinião do outro, expressando sua vergonha. A culpa é declarada direta ou indiretamente por quatro respondentes (E, G, J, M).

Dor e sofrimento são expressos por todos os respondentes, salvo aqueles que não compreenderam a pergunta. Dentre os quinze respondentes, dez (66%) declarou ter esperanças no trabalho do grupo

Essa questão nos possibilitou verificar a identificação dos pais/responsáveis com questões comuns e a partir daí o grupo se reconheceu e pode compreender melhor suas potencialidades de ação e compreensão das questões enfrentadas.

3. O QUE VOCÊ ACHOU DOS ENCONTROS? OS TEMAS? A MANEIRA COMO FORAM ABORDADOS?	
Pais/Resp.	Respostas
A.	Os encontros foram maravilhosos, os temas bem elaborados nas situações de cada um. Muito bem apresentado por cada um.
B.	Muito bom, os temas me ajudaram muito.
C.	Pra falar a verdade achei que não ia ajudar muito em alguma coisa. Mas depois continuei frequentando e percebi que os temas postos em pauta foram bons.
D.	Bom, eu achei bom, gostei muito os temas me ajudaram muito e aprendi bastante com todos aqui.

E.	Em primeiro lugar eu cheguei muito triste como eu falei no começo da folha. Hoje não, me sinto uma pessoa realizada e contente e alegre.
F.	Tudo que falamos, como trabalhamos juntos. Achei que foi tudo ótimo, por que perdi a vergonha, aprendi a lidar com os meus filhos e me abrir mais com as pessoas. Para mim está sendo ótimo.
G.	Achei muito bom, gostei muito.
H.	Muito bons porque cada um dos temas abordados, por não termos mais lembranças do que fomos e do que somos hoje.
I.	Foi bom, você me pegou de surpresa, pois não pensei na hipótese de novos temas.
J.	Superou minhas expectativas. Porque achei que seria tudo muito repetitivo, mas não. A cada encontro um tema diferente, um aprendizado diferente, histórias reais semelhantes as nossas, mas a cada história, percebemos que a luta é a mesma.
K.	Muito bom.
L.	Eu gostei muito dos encontros. Os temas também são muito bons. Eu gostei muito como foi abordado.
M.	Eu gostei muito, no começo fiquei meio irritada de eu ter que vir. Mas como tenho muitas coisas para aprender, resolvi vir. E vi que meus problemas perto de outros são poucos.
N.	Achei muito bom, os temas foram ótimos e a maneira como foram abordados, e tratados aqui.
O.	Eu gostei muito de ter participado com este encontro estou muito feliz.
P.	Achei que foi legal os temas.
Q.	Achei muito bom o encontro os assuntos.
R.	Bons quanto aos temas, fiquei feliz por participar.

Observa-se que não há muita desenvoltura na expressão escrita dos respondentes; na maioria, limitaram-se a abordar a questão dos temas, sem que qualquer um deles sugerisse novas abordagens. Ainda assim, como vemos nos depoimentos, os temas propostos foram ao encontro das expectativas do grupo. Embora houvesse uma confessa resistência e incredulidade inicial por parte de alguns dos pais/responsáveis (C, I, J, M), 100% dos respondentes mostram-se contentes com os resultados obtidos; ainda que um respondente não tenha sido claro (H), infere-se que há uma expressão de satisfação em sua resposta. Alguns dos respondentes (33%) reconhecem a eficiência dos encontros através da expressão direta dos termos “ajuda” (B, C, D) e “aprendizado” (F, J, M), o que denota um resultado positivo frente às expectativas dos proponentes do grupo. Nota-se, ainda, na relação de respostas, que o grupo em si tem significado perceptível para os indivíduos (39%), que abordam o tema utilizando-se de palavras ou expressões como: trabalharmos juntos, grupo, encontros, histórias reais (A, F, J, L, M, O, Q). Outro aspecto evidenciado por respondentes (16%) foi o fato de o grupo ter oportunizado a comparação. Observamos que nesse caso a comparação pode ser positiva, uma vez o indivíduo olha outro e percebe-se “semelhante” (A, J, M).

4. QUAIS MUDANÇAS OCORRERAM COM VOCÊ NO DECORRER DOS ENCONTROS?	
Pais/Resp.	Respostas
A.	Muitas mudanças boas, mas aprendi muito a compartilhar minha vida e a passar para as pessoas momentos bons e como lidar com minha família, tudo o que aprendi aqui nos encontros.
B.	Meu comportamento com os meus filhos. Antes eu era muito irritada. Tudo era motivo de crítica, agora penso mais antes de criticar.
C.	Algumas coisas boas, comecei a ver o problema de outra forma. Vendo que não só eu passo por essa situação. Me sinto um pouco fortalecida.
D.	Bom, eu me aproximei mais dos meus filhos, ficamos amigos, estamos mais próximos.
E.	Mudou muito até mesmo o comportamento do filho e eu como tratar ele, está muito bom e gostoso.
F.	Bem comigo, achei que tive uma ótima mudança em tudo, como já citei aprendi a lidar com os problemas, aprendi ouvir meus filhos novamente graças a Deus, me ajudou muito.
G.	Fiquei menos tímida de falar dos meus problemas.
H.	Vários. Observar mais as nossas atitudes no que falamos, como agirmos ao falar com os nossos filhos.
I.	Fiquei menos ansiosa e me deu novo ânimo, pois não estou sozinha.
J.	No decorrer do tempo aprendi a dialogar com meu filho. Éramos muito unidos antes do ocorrido, nos afastamos um pouco, mas com a vinda aos encontros percebi que eu deveria trazê-lo novamente para mim, porque conversar é melhor do que julgar.
K.	Eu melhorei muito, fiquei mais calma. Porque eu vi que não foi só comigo.
L.	Eu aprendi a ouvir antes de falar e também eu vi que tem muitas mães passando por isso.
M.	Eu me acusava, onde foi que eu errei, então vi que talvez errei muito, mas fiz o que estava no meu alcance para cuidar do meu filho.
N.	Muitas coisas mudaram, fiquei mais paciente com ela e ela comigo.
O.	Eu me sentia mais calma porque a equipe me ajudou muito.
P.	Estou com muita esperança, sei que meus filhos mais cedo ou mais tarde vão estar de volta, pra minha casa.
Q.	Senti que mudou tudo que aconteceu. Os dois estão melhores, tanto A. como o E.

A pergunta 4 foi específica ao indicar “que mudanças ocorreram com você” e os pais/responsáveis (58%) falam diretamente de sua relação com os filhos (B, D, E, F, H, J, M, N, P, Q), indicando que essa melhorou muito. Os pais/responsáveis declaram-se mais pacientes, mais felizes e mais capazes de ouvir e de conversar com os filhos. Cinco dos respondentes (30%) voltam a usar a comparação e o apoio do grupo como elemento de satisfação e fortalecimento – “não só eu passo por essa situação”, “não estou sozinha”, “não foi só comigo”,

“muitas mães passam por isso”, “a equipe me ajudou muito”. Esse último parece-nos ser um dado muito relevante – até porque é recorrente. A equipe, o trabalho grupal é muito importante na geração de pessoas mais firmes em suas emoções e atitudes com relação a si mesmos e os filhos, e mais flexíveis em relação à realidade, tendo 100% dos respondentes demonstrado ter mais confiança em si após o término dos encontros.

5. QUAIS MUDANÇAS VOCÊ SENTIU NA RELAÇÃO COM SEU FILHO (A)?	
Pais/Resp.	Respostas
A.	A dialogar mais, ouvir o que ele sente, as expectativas, e também a seguir em frente com a vida em harmonia, entendimento, alegria.
B.	Ele também aprendeu muito aqui. Ele comenta tudo o que fala com M., trocamos assuntos sobre o que acontece comigo e o que acontece com ele.
C.	Um pouco melhor hoje, nós conversamos mais um com o outro, deu uma pequena melhora.
D.	Ele está mais próximo de mim, dos irmãos dele, mais amigo, família reunida.
E.	Eu me senti uma mãe realizada com ele, vindo para o grupo eu senti muitas mudanças, uma mãe realizada e ele também como um filho.
F.	Tudo hoje a gente senta e conversa novamente, a gente brinca, sorri mais, a gente se abraça, estamos voltando a dizer eu te amo. Nossa relação graças a Deus e a vocês, mudou muito.
G.	Comecei a entender melhor os meus filhos.
H.	Está mais calmo, mais atencioso.
I.	Consegui conversar mais abertamente sobre as coisas, sem medo.
J.	Ele voltou a me ouvir, a sorrir comigo, fazer palhaçadas. O que o mundo tirou de mim e dele que era o fato dele ver em mim uma confidente, com a vinda e os ensinamentos dos encontros eu estou reavendo ele aos poucos.
K.	A mudança foi melhor, eu e o meu filho nós conversamos mais.
L.	Tudo melhorou com a minha filha hoje. Nós conversamos mais, ela fala de tudo comigo.
M.	Infelizmente nenhuma.
N.	A minha neta mudou bastante hoje ela obedece, me ouve quando falo com ela.
O.	Nossa, com o meu filho S., eu já era muito carinhosa com ele, pois agora eu sou ainda mais.
P.	E o que ele está melhor é que está estudando.
Q.	Sinto que o grupo me ajudou e ajudou eles também.

A questão 5 fala agora das mudanças observadas nos filhos e os pais/responsáveis (88%) se voltam totalmente para eles com um olhar bastante positivo e esperançoso. Dois dos pais falam de si e de seus próprios estados de autoconfiança e afetividade (I, O). Um dos respondentes demonstra insatisfação com o resultado, não tendo percebido qualquer mudança no filho (M) – observamos pelas respostas anteriores e as a seguir que, neste caso específico, há um forte componente de autoculpabilidade que poderia ter sido trabalhado com mais intensidade. O elemento “conversa” foi o mais destacado entre os

respondentes (53%), demonstrando que os pais/responsáveis chegaram à compreensão de que o diálogo é um fator importante, senão fundamental, para o melhor desempenho e maior alegria dos filhos e de si mesmos (A, B, C, F, L, J, K, L, N).

6. O QUE VOCÊ ACHOU DO DESEMPENHO DA EQUIPE DE TRABALHO?	
Pais/Resp.	Respostas
A.	Muito bom, excelente, parabéns.
B.	Nota 1000, vocês são ótimos, só Deus para pagar tudo que faz por nós pais nessas horas difíceis, se tornaram grandes amigos.
C.	O desempenho da equipe foi muito bom, desempenharam bem o que eles passaram.
D.	Bom, muito bom uma equipe que ajuda a gente e a orientação tem nos ajudado muito.
E.	Eu achei uma equipe muito boa, que realizou todos os problemas e ensinou nos amarmos um aos outros, muito contente.
F.	A equipe só tenho a agradecer por tudo, pela paciência, ensina muito, pela compreensão A equipe trabalha muito bem em tudo, nos ensinaram o que é a realidade da vida, mais sempre com muito amor. Obrigada.
G.	Ótimo.
H.	Muito ótimo, não precisamos nada de mudança.
I.	Bom, porque creio que como eu tive e criei expectativas, o grupo também digo (a equipe).
J.	A equipe em geral está de total parabéns. São profissionais excelentes, mais o mais importante é que passam pra gente a segurança que precisamos pra superar nossos problemas e vencer os obstáculos.
K.	Eu gostei, estão de parabéns.
L.	Eu achei todos muito bons, vocês são muito carinhosos com todos nós. Vocês têm paciência para ouvir todas nós, tudo que a gente fala vocês se importam.
M.	Bom, a pessoa tem boa vontade.
N.	A equipe foi ótima o desempenho muito bom também.
O.	Eu gostei muito mesmo da equipe, pois juntos eu aprendi mais coisas.
P.	Achei legal o desempenho da equipe.
Q.	Achei bom.

Esta questão foi formulada com o intuito de receber um *feedback* sobre o desempenho da equipe atuante, composta, em grande parte, por estagiários do curso de Psicologia e um profissional responsável pela captação de imagens. Como na expressão popular “dar a cara a bater”, o propositor de um questionário, quando indaga do nível de satisfação com o seu trabalho, deve estar aberto tanto a sugestões quanto a críticas. Contudo, concluímos que a formulação desta pergunta pode ter dificultado a livre expressão de manifestações críticas, de modo que temos já registrada a necessidade de reformulação da mesma. Por ora, analisamos com cautela os dados deste item. Não obstante, levando em consideração o nível social dos pais/responsáveis e o conjunto das respostas,

chegamos à conclusão de que, à parte os excessos, como “nota 1000” e “muito ótimo”, o resultado dessa questão demonstra que os participantes do grupo não apenas elogiam a equipe, mas fazem agradecimentos e demonstram reconhecimento – mesmo o respondente (M) que “não obteve nenhum resultado” reconhece “algum esforço” por parte da equipe.

7. VOCÊ INDICARIA A CONTINUIDADE DESSE PROGRAMA?	
Pais/Resp.	Respostas
A.	Com certeza sim.
B.	Sim, muito, preciso aprender mais.
C.	Sim.
D.	Parabéns. Bom.
E.	Sim com certeza um grupo muito bom que ensinou a nós muitas coisas, que nós não sabíamos lidar, concordo que continue sim e cada vez melhor.
F.	Sim, sempre indico e recomendo, esse programa não pode parar, faz muito bem pra nós que precisamos, não pode parar.
G.	Sim é muito bom.
H.	Sim, mais longo.
I.	Sim, pois em grupo nós nos ajudamos.
J.	Sim. Porque assim como eu e as mães ou pais aqui presentes encontramos apoio, certamente outros viram. Se acabar de onde virá o apoio?
K.	Sim.
L.	Sim.
M.	Sim, acho que é muito importante os pais verem que não são culpados de tudo o que acontece.
N.	Sim, gostaria que todos os que passam por essa dificuldade viessem a estes encontros que são maravilhosos.
O.	Sim, muito bom.
P.	Sim.
Q.	Indico a continuidade e participaria.

Embora esta seja uma questão diretamente ligada à anterior (para a qual também definimos a necessidade de reformulação), observamos nas repostas que 100% dos pais/responsáveis concluem que o trabalho é importante e recomendável. Ressaltamos que alguns deles dão indicação do aspecto mais relevante para a existência do trabalho, utilizando de palavras como “aprender”, “fazer bem”, “ajudar”, “apoio”. Essas palavras selecionadas pelos pais/responsáveis para expressar suas opiniões são palavras-chave que conduzem e motivam a Escola de Pais. É fundamental que o próprio grupo certifique esse trabalho e sua importância durante o processo de aplicação da medida socioeducativa e da possibilidade de ampliação, para atendimento a outros pais/responsáveis nas mesmas condições. De nossa parte, inferimos que, pela demanda social existente, há uma urgente necessidade de continuidade e ampliação do projeto.

8. VOCÊ TERIA ALGUMA SUGESTÃO PARA A MELHORIA DESTES PROGRAMAS?	
Pais/Resp.	Respostas
A.	Convidar mais pessoas, mesmo que não tenham filhos presos ou em LA.
B.	Tudo muito bom. Eu encontro uma grande paz quando estou aqui, Deus abençoe a todos.
C.	Não.
D.	Bom, se tivesse algumas coisas de atividades com a gente.
E.	Eu sugeriria que o programa continuasse e que Deus abençoe cada vez mais a vida de todos do grupo e que melhore cada vez mais, boa sorte para todos vocês e que Deus derrube muitas bençãos na vida de todos vocês.
F.	Olha, pra mim eu acho que está tudo bom, vocês sempre falam de tudo pra mim, está tudo ótimo não acho que falte nada, as conversas os temas colocados está tudo ok.
G.	A minha sugestão é continuar este programa.
H.	Não, do jeito que está, está ótimo.
I.	Os temas foram muito bons, o tempo para tratar de certas coisas é que é muito pouco.
J.	Bom, na minha opinião seria bom se os adolescentes e até mesmo os pais quando necessário tivessem acompanhamento psicológico. E ao menos uma vez por mês um encontro de pais e adolescentes. Porque acredito que nem sempre os adolescentes sabem como os pais (mães) se sentem.
K.	Não, tá muito bom assim.
L.	Eu acho que do jeito que o programa está. Tá ótimo.
M.	Sim, acho que em algumas atividades deveriam unir os pais com os filhos. Fazer um encontro de união entre pais e filhos. Que algum psicólogo participe para dar alguma sugestão para os pais, como melhor lidar com o adolescente.
N.	Minha sugestão é que fosse bom que nosso encontro fosse junto com nossos filhos, filhas e netas.
O.	Eu gostaria que os pais e mães pudessem acompanhar juntos com esta equipe, eu acharia muito bom.
P.	Sem resposta.
Q.	Sem resposta.

Nesse item observamos que embora dois dos respondentes tenham se omitido na resposta (P, Q), a maioria (53%), está satisfeita com o trabalho do modo como se apresenta e não sugerem nada além do que já está sendo feito (B, C, E, F, G, H, I, K, L), ou seja, não têm, talvez, uma visão mais ampla do que necessitariam em sua formação como pais/responsáveis. Essa característica se dá, possivelmente, em razão do nível socioeconômico dos respondentes. Caberá à equipe profissional utilizar de sua experiência e das demais respostas ao todo do questionário para elaborar as melhorias necessárias.

QUADRO 3 – CATEGORIZAÇÃO DO DISCURSO DE PAIS/RESPONSÁVEIS – CREAS 2016

QUESTÃO	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADES DE SENTIDO	CATEGORIA	FREQUÊNCIA
1 - Como você chegou para o Grupo de Pais?	Direcionamento (o que os levou ao encontro do grupo) Fundação Casa CREAS	Fundação Casa (ordem judicial)	Ordem superior	4
	Cheguei sem rumo [...] Cheguei triste abatida [...] Cheguei muito triste, arrasada [...] Cheguei desanimada [...] ... triste sem noção [...] ... sem rumo [...] Cheguei mal [...] Estava muito triste Cheguei deprimida [...] Sentindo vergonha [...]	Triste, sem rumo, sem noção, deprimida, vergonha, desânimo	Fragilidade	10
	Com muita curiosidade Como tudo pela primeira vez, a gente tem muita curiosidade [...]	Curiosa	Curiosidade	2
	Não sabia como agir (com a filha)	Não sabia como agir	Insegurança	1
	Cheguei feliz por achar importante o grupo	Feliz	Confiança	1
	2 – Quais eram seus sentimentos e expectativas?	Sentimentos e expectativas (na chegada à escola de pais) Triste, desorientada, sem rumo. Muito nervosismo, medo, aflição Desanimada e triste Não tinha esperança Me sentia derrotada Triste (3x)	Tristeza Desorientação	Desamparo
Sentimento de estar aprendendo melhor minha relação com meu filho Mudança Expectativa que alguém me ajudasse Contando para que tudo dê certo nas nossas vidas Querer encontrar uma solução		Mudança, Aprendizado	Esperança	5
Vergonha pela situação Muita vergonha Me sentia culpada Culpa, decepção, sofrimento Raiva e vontade de bater		Vergonha, decepção, raiva, culpa	Fragilidade	5

3 – O que você achou dos encontros, dos temas e de como foram abordados?

Opinião (sobre os encontros) Foram maravilhosos Muito bom (11x) Ótimo Superou minhas expectativas Estou muito feliz	Feliz, superou expectativa, muito bom	Satisfação	15
Me ajudaram muito (2x) Vi que meus problemas perto dos outros são poucos	Ajudaram	Percepção	4
Hoje me sinto realizada, contente e alegre Aprendi a lidar com meus filhos Perdi a vergonha	Aprendi, realizada, contente	Transformação	3

4 - Quais mudanças ocorreram com você no decorrer os encontros?

Avaliação (mudanças em si) Muitas mudanças boas Algumas coisas boas Me sinto fortalecida Mudou até o comportamento do meu filho	Mudanças, coisas boas, fortalecida	Transformação	4
Aprendi a compartilhar e lidar com pessoas Comecei a ver os problemas de outra forma Não só eu passo por essa situação Vi que errei muito	Aprendi, vi que errei, compartilhar	Consciência de si e do outro	4
Aprendi a ouvir o meu filho Fiquei menos tímida Observo mais minhas atitudes Fiquei mais calma (2x) Aprendi a ouvir antes de falar Fiquei mais paciente	Aprendi, observo, paciente	Autocontrole	7

5 - Que mudanças você sentiu em relação ao seu filho?

Avaliação (mudanças no filho) Mais diálogo (4) A gente conversa, sorri, se abraça Conversamos mais abertamente Conversamos Comecei a entender meu filho	Diálogo, conversamos, entender	Compreensão	8
Ele está mais próximo de mim e da família Eu me sinto uma mãe realizada com ele Sou ainda mais carinhosa	Próximo, carinhosa	Ternura	3

8 – Você teria alguma sugestão para a melhoria deste programa?

Ele está mais calmo, mais atencioso Ela mudou muito, hoje me obedece, meu ouve (ele) está estudando	Atenciosos, obedece, estuda	Transformação	3
Sugestão Convidar mais pessoas (mesmo sem filhos) Mais algumas atividades Atividades unindo pais e filhos Encontros junto com os filhos Pais e mães juntos	Mais pessoas e atividades	Expansão	5
Está ótimo (2) Está bom assim (2x) Não (não tenho sugestões) (2x)	Ótimo	Satisfação	6
O tempo é pouco Acompanhamento psicológico para os adolescentes	Tempo pouco, acompanhamento	Aprofundamento	2

Fonte: Elaboração própria a partir da Íntegra da Avaliação do Projeto CREAS 2016 (Apêndice B)

Nota: As questões 6 e 7 não constam desse quadro em razão da constatação já comentada acima sobre a necessidade de sua reformulação, abrindo mais as possibilidades de melhor e mais livre expressão dos respondentes.

Finalizando a análise do questionário acima demonstrado, chamamos a atenção para o aspecto da questão social, levantada por alguns dos respondentes em vários pontos do questionário. Na questão 8, especificamente, observamos uma abordagem direta sobre a necessidade de convívio, reunião de membros da família e de atividades desenvolvidas em grupo. Essas questões são bem assinaladas por alguns (30%) dos respondentes (A, D, M, N, O), indicando uma vez mais que as reuniões em grupo organizadas pela Escola de Pais são de grande ajuda na tarefa de educar seus filhos, assim como no desenvolvimento do autoconhecimento e da autoestima – fatores essenciais para a formação daquele que está no papel de formar seus adolescentes para a sociedade. Dois dos pais/responsáveis, ainda, indicaram que a presença de um psicólogo como apoio pessoal/familiar seria de grande ajuda no processo de ligação, ou religação, entre pais e filhos.

A partir da avaliação do Projeto Piloto CREAS 2015 (Quadro 2) e da avaliação do Projeto CREAS 2016 (Quadro 3), destacamos duas grandes categorias das respostas dos questionários: Fragilidade e Necessidade de Reflexão.

A fragilidade afetiva-emocional dos pais/responsáveis se apresentou desde o início dos encontros da Escola de Pais. Seus relatos traziam a dificuldade que encontravam em lidar com uma gama de sentimentos disparados no momento em que seus filhos, adolescentes, receberam ordem judicial para o cumprimento de medida socioeducativa.

A constatação da necessidade de reflexão, de busca por soluções e respostas às suas fragilidades, surge dos diálogos grupais no decorrer dos encontros, do acolhimento que ali que percebe, da possibilidade de serem ouvidos e das trocas de experiências que geram aprendizado e transformação nas relações dos pais/responsáveis com seus filhos. O vínculo que se instala no grupo, segundo aponta Gayotto (1998), é de intensa reciprocidade.

A partir do estabelecimento do vínculo, que é para Pichon-Rivière (1998), importante elemento da construção grupal, observamos um desenvolvimento nesta estrutura complexa que inclui um sujeito (os pais/responsáveis) e um objeto (medida socioeducativa) com sua mútua inter-relação nos processos de comunicação e aprendizagem. No decorrer dos encontros grupais, os pais/responsáveis percorreram o caminho da fragilidade afetiva-emocional à

percepção da necessidade de reflexão, guiados pela comunicação e levados à aprendizagem postulada por Pichon-Rivière (1998)

Esta categorização nos sinaliza alguns conhecimentos específicos que podem ser incorporados à matriz curricular dos cursos superiores de formação de professores, para que esses possam atuar na Escola de Pais. Os grupos operativos fundamentados nessa concepção de aprendizagem, apropriação crítica e criativa da realidade e em constante investigação, como pontua Pichon-Rivière (2000), compõe e acrescenta conhecimentos à formação de professores.

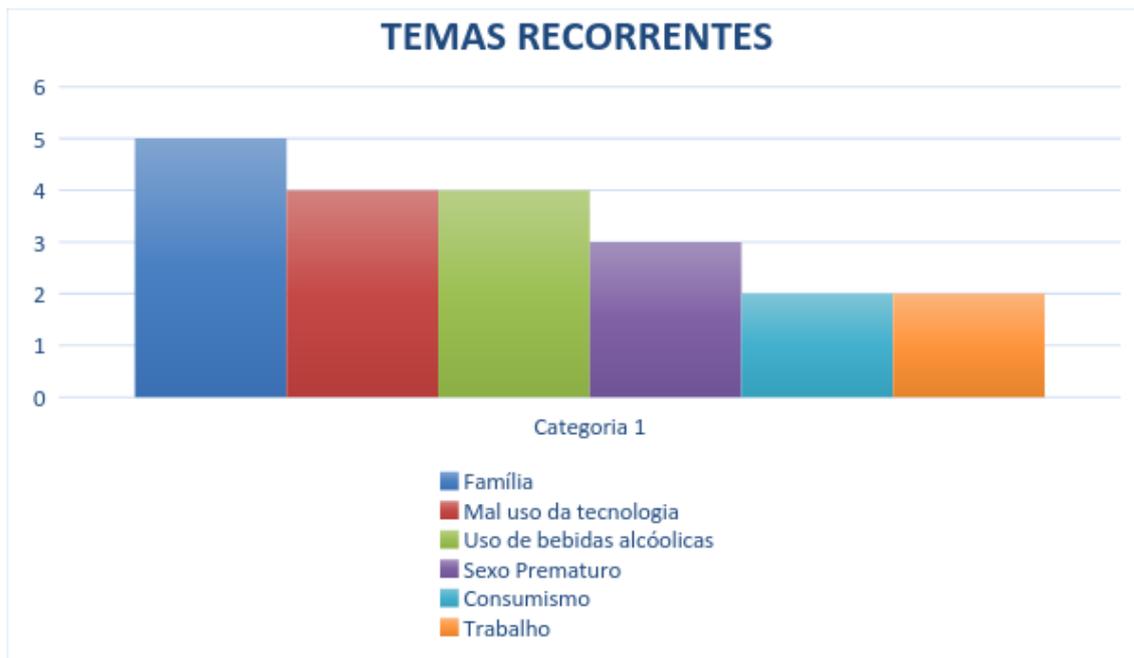
Tarefa e vínculo, como organizadores que compõem os grupos operativos são elementos importantes de análise e reflexão para o educador, podendo ser importantes instrumentos na compreensão das relações afetivo-emocionais entre pais/responsáveis e seus filhos.

É de fundamental importância que o educador nesta empreitada de compreensão das fragilidades e necessidades dos pais/responsáveis seja um indivíduo reflexivo, crítico, atuante, em constante diálogo com o cotidiano que o cerca, aponta Gadotti (2003).

Trazemos aqui uma tarefa que foi realizada em um dos encontros de pais/responsáveis, que gerou um gráfico, e partir do qual uma análise inicial perpassa nossa pesquisa como um todo.

Na Escola de Pais realizada no ano de 2016, em uma das atividades desenvolvidas em pequenos grupos (como descrito no item 3.3 Encontro VII), sob o tema Família ideal e Família real, levantamos os assuntos mais relevantes. Cada grupo era composto por, em média, seis pais/responsáveis. Num total de 6 trabalhos realizados pelos grupos em painel de papel kraft, recorte, colagem e escrita, levantamos as questões que mais apareceram nas apresentações dos pais/responsáveis, como mostra o Gráfico1.

Gráfico 1 – Temas recorrentes na abordagem do Encontro VII – “Família ideal - Família Real”, 2016



Esse gráfico nos aponta um panorama dos assuntos mais comumente discutidos. A família aparece em cinco dos seis grupos, sendo todo o tempo a família vem à tona quando são discutidas as relações afetivo-emocionais. A relação com os filhos; a relação com a casa e suas atividades diárias; a composição parental entre outros assuntos.

O “mau uso das tecnologias” foi o termo que os pais/responsáveis utilizaram para expressar o uso que fazem os adolescentes e jovens das tecnologias. Tal expressão, apontando uma crítica negativa, aparece em segundo lugar nos painéis apresentados. Muitos pais/responsáveis fazem críticas severas aos celulares, aos jogos de computadores, ao tempo que seus filhos dependem com as mídias. Muitos pais/responsáveis não compreendem e não fazem uso de eletrônicos, o que os faz sentirem-se, por vezes, distantes de seus filhos e inferiorizados prejudicando sua autoestima. Cabe dizer aqui que a maioria deles não completou os estudos e alguns são analfabetos.

O tema das bebidas alcoólicas aponta para uma questão mais ampla, não simplesmente pelo uso que dela fazem os adolescentes e jovens, mas pelo uso muitas vezes pelos próprios pais/responsáveis, sendo disparador de brigas e desentendimentos.

O sexo prematuro a que os pais/responsáveis se referem diz respeito à idade muito precoce em que adolescentes e jovens iniciam suas relações sexuais. Famílias mais religiosas apresentam maior resistência à aceitação de um diálogo sobre a sexualidade. Poucos pais/responsáveis compartilham ou apoiam seus filhos quanto a esse assunto, seja orientando quanto a prevenção de doenças ou gravidez, seja na abertura para a discussão sobre o assunto, sobre as dúvidas dos jovens.

O consumismo perpassa as discussões no grupo, pelo discurso que os pais/responsáveis trazem, ou seja, de que seus filhos não ficam satisfeitos com as coisas que eles podem oferecer e têm condições financeiras de adquirir e comprar. É comum pais/responsáveis dizerem que deram tudo para o filho, que se sacrificaram para dar coisas caras e que não tiveram nenhum reconhecimento deles. Este é um fato derivado da sociedade capitalista de consumo.

A questão do trabalho que pais/responsáveis trazem aqui diz respeito aos adolescentes não poderem trabalhar antes dos dezesseis anos. Fazem uma crítica severa à lei que impede as atividades remuneradas, com o argumento de que não há vagas para a maioria deles em programas como jovem aprendiz, de estágios etc. A maioria dos pais/responsáveis que frequentam a Escola de Pais do CREAS contam que iniciaram no trabalho muito cedo, sendo para eles de suma importância para a formação do caráter. Podemos inferir que o trabalho, como os pais/responsáveis apontam, seria parte dessa formação, já que poderia ocorrer uma identificação com a história de vida de várias gerações passadas desses adolescentes e jovens.

Todas as questões que emergiram dessa atividade se interligam, se interlaçam e nos fazem pensar em esferas maiores nos campos social, econômico e político, o que não cabe neste texto ser explorado, mas que merece ser expandido.

4.2.3 Da experiência na instituição à proposta para a escola

Os grupos socioeducativos que desenvolvemos nos anos de 2012 a 2014 na instituição, nos implicaram a tal ponto que partimos em busca de uma maior compreensão destas questões. No ano de 2015 iniciamos o processo de pesquisa com o intuito de ampliarmos e levarmos para a escola os grupos operativos, como uma das possibilidades de promovermos um diálogo entre os pais/responsáveis e seus filhos.

A Escola de Pais, que desenvolvemos inicialmente nos grupos socioeducativos na instituição, ampliou-se para a escola no ano de 2016, visando a intervenção e a prevenção nas relações afetivo-emocionais dos pais/responsáveis e seus filhos.

Na escola, o desenvolvimento deste projeto, ainda que iniciando, possibilitou pensarmos possíveis ações na área da Educação, mais especificamente para a Educação infantil e Ensino fundamental I.

Como nos aponta Charlot (2001), uma educação como um direito universal, que mesmo sendo secundariamente um instrumento para o desenvolvimento econômico e social, deve ser defendida como tal, posto que está ligada à própria condição humana. Uma educação como possibilidade de promover transformações, nas produções e relações sociais.

Ela é fundamentalmente um triplo processo através do qual, de forma indissociável, “a cria do homem” torna-se um ser humano, o membro de uma sociedade e de uma cultura em um momento e um lugar particulares, um sujeito com sua história pessoal. É movimento de hominização, socialização, subjetivação. (CHARLOT, 2001)

Podemos pensar a Educação como uma das possibilidades de reintegração e de pertencimento desses adolescentes e jovens após o cumprimento da medida socioeducativa. Como podemos pensar também em uma das possibilidades da Educação ser um fator de prevenção às crianças em processo de formação.

Charlot (2001) propõe repensarmos e, se possível, transformarmos as práticas pedagógicas atuais, não apenas em defesa da escola pública, mas como possibilidade de uma transformação profunda, alterando o lugar de fracasso das crianças que pertencem às camadas sociais, comunidades e culturas mais frágeis:

O direito à educação não é meramente o direito de ir à escola, é o direito à apropriação efetiva dos saberes, saberes que fazem sentido e não simples informações dadas pelo mestre ou encontradas na Internet. É o direito à atividade intelectual, à expressão, ao imaginário e à arte, ao domínio de seu corpo, à compreensão de seu ambiente natural e social, é o direito a uma orientação que permite construir suas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo. (CHARLOT 2001, p. 8)

A experiência, a vivência da Escola de Pais suscita em nós um desejo de transformação profunda, como afirma acima Charlot (2001), como possibilidade de alteração do lugar de fracasso das crianças e adolescentes, cedendo lugar

ao crescimento e desenvolvimento intelectual, à expressão, ao imaginário, à arte, ao domínio do corpo.

Para que essa transformação possa ocorrer, tornar-se viável, os professores precisam estar implicados em um investimento na relação família e escola e por uma educação que vá além dos muros, que permita à criança e ao adolescente ampliar suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

4.3 Avaliação do Projeto Escola 2016

Como descrito nos encontros, alguns percalços atravessaram os grupos com os pais/responsáveis na escola onde desenvolvíamos o projeto de pesquisa. Mantivemos os dez encontros em registro, mas efetivamente trabalhamos com os pais/responsáveis em seis deles. Pudemos sentir a Escola de Pais brotando, ainda que tímida.

Quando iniciamos o projeto de pesquisa na escola municipal, estávamos cientes de que enfrentaríamos desafios. Primeiro pela adaptação deste projeto, que por alguns anos estava sendo realizado na Instituição, como descrito, e segundo pela adesão dos pais/responsáveis ao projeto Escola de Pais.

Quanto à adaptação do projeto da Instituição para a Escola, o que pontuamos, e que foi experienciado com os pais/responsáveis, seriam algumas alterações de ordem prática: encontros semanais, ao invés de quinzenais, para fortalecimento do vínculo; um número de oito encontros, ao invés de dez, concluídos em dois meses, proporcionando mais agilidade e a possibilidade de um número maior de pais/responsáveis participarem durante um ano letivo; reforço do convite aos pais/responsáveis através dos meios de comunicação da escola.

Observamos nas descrições iniciais dos pais/responsáveis, acerca das expectativas da Escola de Pais (Apêndice F), um interesse em participar. Percebemos diferenças de motivação e percepção, do que seriam os encontros. Alguns pais/responsáveis vieram para o encontro pensando que falaríamos sobre o desempenho de seus filhos na escola:

Me interessei em participar do projeto por entender que é de extrema importância que nós, os pais dos alunos deste colégio, estejamos inteirados no que acontece de novo dentro dele, para melhorar em diferentes aspectos a vida escolar dos nossos filhos. Acredito que o diálogo e a participação de todos oportunizam o enriquecimento de atividades e atitudes que auxiliam as crianças a serem melhores cidadãos. A.

Outros vieram atendendo ao convite da escola, mesmo sem ter muita compreensão do que seria tratado, mas motivados pela possibilidade de participarem da vida escolar de seus filhos.

A princípio não entendi muito bem a proposta do projeto, mas como gostaria de participar mais da vida do meu filho na escola decide vir, pois muitas vezes não tenho oportunidade de participar de reuniões, festas, por conta do horário do serviço. Agora conhecendo a proposta, me identifiquei bastante, pois sempre temos questões que não conseguimos lidar direito e as reuniões poderão me ajudar muito. J.

Alguns dos pais/responsáveis comentaram sobre ter dúvidas com relação à educação e formação de seus filhos, paciência, culpa, convivência familiar.

Meu interesse por participar do grupo é saber se o que estou fazendo, está correto, esclarecer dúvidas internas, saber se meus problemas são iguais as outras famílias. Me baseio na educação que recebi, e de coisas que meus pais fizeram, que não quero repetir. Mas por ser geração diferente tenho dificuldade. Percebo também que tenho menos paciência que minha mãe, e me sinto culpada. O meu objetivo é sair com maior conhecimento em relação a educação. F.

Quando recebi o convite desses encontros, ache de grande importância essa aproximação de pais (mãe e pai) junto a escola, para poder identificar onde podemos melhorar na formação de nossos filhos. Iniciativas como esta ajudam na convivência familiar, escolar, trazendo benefícios em nossa sociedade. D.

Percebemos pais/responsáveis preocupados com seu desempenho, com as novas configurações familiares, buscando possibilidades de atualização de suas ações e a confirmação de estarem no caminho certo ou não.

O que me trouxe aqui foi como saber abordar uma situação de uma pessoa separada. Como sou pai e minha relação é dividida com minha ex-cônjuge, queria saber como posso aproveitar melhor o tempo de convívio com meu filho, pois sei que é muito difícil para uma criança ter duas convivências diferentes. Gostaria de aproveitar melhor o tempo com ele, e participar da educação dele da melhor forma possível. M.

Me interessei pelo projeto, pela oportunidade de aprender, compartilhar e saber lidar com a educação de meu filho que hoje tem 04 anos, com mudanças que aconteceram em sua vida. Também porque acho importante a relação dos pais com a escola, sendo ela qual for a finalidade. Acredito que tendo a orientação de um profissional e experiência de outras pessoas, fica mais fácil delimitar e conduzir a criação. F.

Nos depoimentos dos pais/responsáveis havia uma disposição em participar dos encontros da Escola de Pais. Em nossa avaliação, os fatos ocorridos, descritos nos encontros, impossibilitaram a formação do vínculo

necessário para que todos os pais/responsáveis seguissem. Obstáculos gerados no processo interferiram sem que tivéssemos controle. “O grupo se constrói pelos vínculos entre seus integrantes e a partir da realidade do mundo interno de cada um”, pontua Gayotto (2008, p.78).

Pudemos observar que, apesar de um número reduzido de pais/responsáveis nos encontros, o grupo continuou operativo, pois, como afirma Gayotto (2008, p.78), “nos grupos que se tornam operativos, cada integrante se enriquece com os demais, e juntos vão construindo uma dinâmica intensa que viabiliza ações planejadas e criativas”.

Na avaliação final dos encontros pedimos aos pais/responsáveis que descrevessem seu percurso. Transcrevemos a seguir trechos da avaliação feita pelos pais/responsáveis V. e E., que relataram suas expectativas, surpresas, vivências e aprendizados nos encontros grupais.

...para mim foi muito importante pois estávamos falando sobre o que é o limite, e puxou coisas que eu nem poderia imaginar, que poderiam aparecer, e o quanto tudo isso fez sentido.

Estava conversando com uma amiga sobre o grupo, ela me perguntou o porquê dos outros terem desistido e eu disse que deve ser difícil para os pais, pois, primeiro eu acho que acharam que era “fazer terapia”, segundo, o processo que vocês fazem de falar sobre a criança que a gente foi, e como a gente é hoje com os nossos filhos, para quem não está preparado é pesado.

E a semana passada eu fiquei muito mexida com tudo aquilo que aconteceu. E foi muito bom o encontro.

Para mim, aquela fala dos limites fez todo sentido... e mais do que isso é entender o quanto isso é importante para a gente... minha criação foi totalmente diferente do meu filho, mas do mesmo jeito, inconsciente, do jeito que eu fui educada eu trago alguma coisa para ele.

...esses valores que a gente falou sobre questões familiares, como as atividades que a gente fez, as gravuras que a gente fez, a família feliz. Tudo isso só nos aproxima dos filhos da gente, pois olhar para o passado nos faz olhar como a gente conseguiu chegar até aqui.

Deveria ter continuidade e não apenas seis meses, deveria ser um pouco maior, para que isso se tornasse ainda mais envolvente. V.

...eu vim com uma ideia totalmente errada da Escola de Pais, foi uma surpresa inesperada. Eu imaginava que era ficar por dentro das atividades escolares do meu filho, vendo as notas dele, os trabalhos que ele realizava em sala, eu achei que era nesse sentido.

...foi uma surpresa e tanto, o grupo de pais é extraordinário. Primeira coisa foi a gente buscar quem foi na infância, poder falar o que você teve de bom e o que você está trazendo para os seus filhos.

...teve a parte de conhecer o seu filho em uma figura, e eu achei bem interessante, pois faz a gente perceber se está realmente observando o nosso filho, a gente consegue perceber se está dando atenção ou não, o que é importante para gente ou não é... A importância de estar participando da vida deles, de estar brincando junto, de estar criando um vínculo.

Achei interessante a gente resgatar a nossa relação com os nosso pais, como que os nossos pais foram com a gente... Devemos prestar atenção na nossa família, que é a coisa mais importante que a gente tem na vida. Não é nosso trabalho, entre coisas.

...falamos sobre limites, que a gente deve orientar os nossos filhos, que a gente precisa tomar cuidado para ver se não estamos exagerando, colocando limites que são mais superficiais.

...estou levando muitas coisas boas, foi uma experiência para mim que eu nunca imaginava que iria ter. E.

Notamos nas declarações acima o apontamento da importância do estabelecimento de limite na relação com filhos, das dificuldades de enfrentamento de si mesmos para participarem do grupo, das diferenças dos valores herdados, da importância da participação ativa nas atividades e na vida dos filhos, e da busca por si mesmos e do reconhecimento de seus filhos.

Através desses relatos dos pais/responsáveis que participaram da Escola de Pais, podemos visualizar a metáfora de Gayotto (2003), que descreve o teatro da vida, cujo palco é o grupo, no qual o ser humano atua no cotidiano, enfrentando desafios e sobrevivendo por conquistas.

Observamos, contudo, através da convivência com pais/responsáveis, através de nossos diálogos, das dificuldades apresentadas por eles, etc., que o preparo das equipes encarregadas de dar continuidade ao projeto, melhorando-o, ampliando-o e atualizando-o a cada nova temporada deve ser bem definido. Há que se unir prática à teoria, há que se observar movimentos paralelos em outros lugares no mundo – considerando que a realidade da delinquência juvenil não é privilégio do Brasil - e a equipe, aquela que se propõe a atuar como uma equipe de professores orientadores, deve estar afinada com as questões cotidianas da realidade mundial e da realidade local, incluindo questões políticas, sociais e econômicas e seus efeitos práticos e psicológicos sobre os pais e responsáveis pela formação de jovens e pela preservação de valores relevantes à sociedade em que vivem conjuntamente.

4.4 Formação de professores com perfil de orientadores

4.4.1 A realidade da formação de profissionais da educação de base no Brasil

Gatti (2010) apresenta em seu trabalho uma realidade relativa à formação do pedagogo e profissionais do ensino infantil, fundamental e médio no Brasil. Abordando aspectos desde a origem sociocultural desses profissionais (elementos apresentados em gráficos que sugerem uma origem bastante humilde e de pouca ou nenhuma base acadêmico-cultural familiar) até o conteúdo programático dos cursos de formação.

A autora questiona se as bases sobre as quais o profissional é formado são suficientemente sólidas para que o futuro professor saiba planejar e ministrar suas aulas, assim como desenvolver as atividades do ensino e avaliar tanto seus resultados e seus alunos. Segundo seus estudos, Gatti (2010) traz a constatação de que a formação é claramente insuficiente para o desenvolvimento da atividade de professor.

Além desses aspectos, a autora analisa ainda o material utilizado pelos alunos de licenciaturas, material esse que se resume a: “apostilas, resumos e cópias de trechos de livros”. Sobre os instrumentos de avaliação desses alunos “predominam os trabalhos em grupo (50,4%), seguidos de provas escritas discursivas (31,7%)”. Gatti (2010) traz ainda a constatação de que “metade dos alunos de Pedagogia provavelmente não passa por experiências de avaliação individual nos respectivos cursos”.

Embasados nas constatações de Gatti (2010), observamos que a formação do profissional da educação de base no Brasil (a exemplo de profissionais de muitas outras áreas), carece de uma revisão em seu alicerce – conteúdo, avaliação, experiências, etc.

Contudo, defendemos a ideia de que, na proposta de “uma escola voltada para a construção de cidadãos de bem, de pessoas felizes que contribuam para o desenvolvimento social de sua comunidade e, por extensão, da nação”, é de vital importância que na formação do profissional de ensino estejam incluídas noções e práticas de projetos de interação com a família do aluno do ensino infantil, fundamental e médio. O modo como isso pode ser incluído, na Matriz Curricular densa e com diversas disciplinas dos cursos de pedagogia e das licenciaturas, deve ser estudado e testado. Acreditando que a sociedade só tem a se beneficiar com uma sensível relação família-escola, na educação,

sugerimos a integração de noções básicas como parte do currículo geral de formação do professor e a possibilidade de disciplinas optativas para formar “professores com perfil de orientadores”.

4.5 Avaliação de programa

Analizamos os critérios pertinentes às experiências vividas pela Escola de Pais em Sorocaba e Itapetininga, entre os anos 2015 e 2016. Salientamos, contudo, que por terem sido apenas duas experiências, em ambientes distintos, a avaliação carece de mais profundidade e extensão no pós-atividades, que avaliariam aspectos sequencias à aplicação do projeto.

Retomando a medida de desempenho de programas, segundo o manual da Unicef (1990 apud COSTA; CASTANHAR, 2003, p. 973) temos os seguintes itens:

1. Eficácia: Na escola, o objetivo geral da Escola de Pais é possibilitar transformações através de ações que aproximem a família da escola, visando a educação integral de crianças e adolescentes. Em instituições como o CREAS, o objetivo da educação integral permanece, porém, a abordagem é familiar. O projeto então visa a aproximação de pais/responsáveis e seus filhos, na busca de transformação e emancipação desses, o que lhes possibilita ter uma visão mais clara das questões de relacionamento, facilitando o convívio, as trocas, a afetividade e, conseqüentemente, a formação do adolescente. Considerando ambos os casos, o projeto atingiu seu objetivo, conforme documentado nas falas dos pais/responsáveis nos questionários e durante os encontros gravados.

2. Impacto (ou efetividade): Com base nas declarações prestadas pelo pais/responsáveis, tanto de modo espontâneo durante os encontros (material gravado em vídeo), como em declarações expressas por escrito, em respostas aos questionários, os efeitos positivos observados pelos próprios pais/responsáveis estão na melhora do relacionamento familiar e do comportamento dos filhos. Essa melhora tenderá a reverberar na sociedade, contudo, esse índice não pode ainda ser medido adequadamente.

3. Sustentabilidade: Uma vez que há transformações positivas, comprovadas dentro de um ambiente familiar em razão da transformação de comportamento e conscientização, os efeitos benéficos têm projeção social em grande escala e a longo prazo, após a conclusão do trabalho.

4. Satisfação do beneficiário: Neste quesito temos as respostas aos questionários preenchidos pelos participantes da Escola de Pais indicando um bom nível de satisfação, embora há que se considerar que a participação nessa avaliação não foi da maioria dos participantes.

5. Equidade: A Escola de Pais é ainda uma proposta, um projeto sendo apresentado neste trabalho. A questão da equidade deverá ser discutida na implantação do projeto nas escolas e instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola de Pais, na perspectiva da relação família e escola, buscou identificar nas relações afetivo-emocionais de pais/responsáveis e seus filhos as dificuldades na orientação destes, que se apresentaram durante os encontros grupais, tanto na instituição como na escola, quais sejam: distanciamento afetivo, diferença entre as gerações, ausência de diálogo, questionamentos sobre como educar, ensinar e cultivar o respeito mútuo.

Cabe ressaltar que durante a realização desta pesquisa observamos a diferença entre a participação dos pais/responsáveis nos encontros ocorridos enquanto seus filhos se encontravam em liberdade assistida, quando são convocados para o trabalho da Escola de Pais, e os pais/responsáveis participantes do projeto na escola, quando eram convidados. Os primeiros responderam positiva e assiduamente, enquanto os últimos compareceram em menor proporção. Consideramos que os pais/responsáveis das crianças nas escolas, por ainda não vivenciarem o dilema de terem seus filhos em situação de risco eminente, talvez não pudessem compreender a importância do desenvolvimento do vínculo familiar para a situação de aprendizagem.

Nesse sentido, reiteramos a relevância deste trabalho como possibilidade de capacitação de professores com o perfil de orientadores de pais/responsáveis, demonstrando o valor da construção do conhecimento respaldado nos vínculos afetivos. Para esse fim, o estudo da teoria de Pichon é de grande relevância nas disciplinas de psicologia nos cursos de formação de professores (psicologia da aprendizagem, psicologia do desenvolvimento). Uma alternativa à incorporação desse estudo às disciplinas de psicologia já existentes, seria a criação de uma matéria específica para a teoria pichoniana

Vislumbramos nos grupos operativos, (PICHON-RIVIÈRE, 1975, 2000; LEMA, 1995; GAYOTTO, 1995,203; KAËS, 1977) através das vivências e troca de experiências entre os pais/responsáveis, a possibilidade de reforço dos vínculos afetivo-emocionais com seus filhos. Ao se depararem com seus próprios sentimentos puderam reconhecer o distanciamento afetivo-emocional entre eles. Esse reconhecimento pode ser a base para a retomada do vínculo e o impacto que a Escola de Pais tem provocado nos pais/responsáveis pode ser avaliado pelas mudanças que são relatadas pelos participantes.

A autoscopia, utilizada nas reuniões dos pais com o intuito de fazê-los ver e ouvir a si mesmos, trouxe benefícios para o grupo, no sentido de enriquecer a troca de diálogos e propiciar a percepção dos sujeitos com relação ao seu pensar e agir além de, tecnicamente, ajudar a atar os laços entre um tema e outro nas reuniões. Essa abordagem poderá contribuir significativamente na formação de professores e em pesquisas posteriores, uma vez que seu efeito na provocação de reação e compreensão dos movimentos internos do grupo é efetivo e positivo.

A partir do progresso obtido com pais/responsáveis na Escola de Pais, propomos uma ampliação deste projeto, realizando a intervenção como medida preventiva, ou seja, investindo de modo preciso e em larga escala na primeira infância. Levar este projeto para as escolas, atendendo às famílias, ainda quando suas crianças são pequenas, oportunizaria a aproximação nas relações afetivo-emocionais.

Reforçamos a necessidade de um acompanhamento mais prolongado às famílias assistidas, no sentido de verificar os efeitos em longo prazo surgidos a partir da participação dos pais/responsáveis na Escola de pais. Há que se medir com precisão esses efeitos, a fim de podermos configurar com crescente qualidade e eficácia as abordagens e o projeto de apoio aos pais/responsáveis, tanto no caso de se tratar de crianças em idade escolar, como de jovens adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas. Além disso, uma avaliação positiva dos resultados agregaria valor ao trabalho, propiciando sua multiplicação.

A consistência, insistência e permanência deste projeto não podem ser avaliadas apenas pelo programa que desenvolve, mas os relatos dos pais/responsáveis em cada encontro que realizamos tornam-se essenciais. Muitos pais/responsáveis cujos filhos cumpriram medida socioeducativa relataram mudanças significativas no comportamento dos adolescentes e jovens atendidos concomitantemente às reuniões do grupo de pais/responsáveis. O acolhimento que os pais/responsáveis relatam sentir na Escola de Pais é um grande diferencial no percurso da medida socioeducativa.

As estruturas familiares sofrem influências de fatores econômicos, tecnológicos, globalização, entre outros, provocando mudanças de valores e comportamento de diversos aspectos. A escola e a instituição formadora de professores refletem diretamente toda essa complexidade, pois têm presenciado, experimentado essas mudanças. A escola reflete essa complexidade, pela

ligação direta com os alunos e suas famílias de onde emergem as relações conflitivas. A instituição formadora, pela responsabilidade na preparação dos profissionais que irão atuar nas escolas, mediarão tais conflitos.

Os desdobramentos que se apresentaram nos levaram a pensar em um investimento na Educação, qual seja a inserção do projeto Escola de Pais nas redes de escolas públicas, municipais e estaduais, como uma possibilidade de mudança na condição de vida das crianças, adolescentes e jovens e, por conseguinte, as famílias poderão ser beneficiadas - um trabalho preventivo, que poderia, em alguns anos, contribuir para diminuição na demanda das aplicações de medidas socioeducativas. Uma pequena mudança com impacto significativo para o futuro.

Para isso, necessitamos pensar na possibilidade de uma formação de professores específica para lidar com essas questões nas escolas, de onde esses adolescentes e jovens muitas vezes evadem sem concluir seus estudos. Um aprofundamento para uma posterior pesquisa poderia ser sobre a evasão escolar, com bases em questões familiares, de adolescentes e jovens e as dificuldades de reinserção durante e após o cumprimento da medida socioeducativa.

Nossa proposta de inserção da Escola de Pais na matriz curricular dos cursos de formação de professores no ensino superior poderá auxiliar na ampliação de grupos de discussão sobre a temática: pais-filhos, a relação família-escola; voltando à tríade família/escola/instituição formadora.

Para tanto, a construção de conhecimento nos cursos de formação necessita de práticas pedagógicas que auxiliem também os professores no desenvolvimento de conceitos e atitudes a serem trabalhados para atuarem na Escola de Pais.

Algumas habilidades e atitudes necessárias para trabalhar com a Escola de Pais incluem:

- a) habilidades como: organizar os encontros grupais, definir os temas a serem discutidos e as tarefas a serem desempenhadas;
- b) capacidade de leitura para além da fala que um grupo pode trazer, sem julgamentos prévios e sem preconceitos; ouvir e argumentar sem julgar;
- c) atitudes como: questionar, analisar e sintetizar
- d) competências, tais como ser empático, criativo e tolerante.

Os professores poderão vivenciar, registrar e analisar os encontros da Escola de Pais a partir de suas próprias experiências, para isso se faz necessária uma formação que aproxime os conhecimentos da psicologia social.

O projeto Escola de Pais tem como propósito ampliar o atendimento a pais/responsáveis em escolas públicas, municipais e estaduais, com vistas à prevenção. Este trabalho que realizamos há alguns anos no CREAS e o início dele na escola municipal nos apontou a necessidade de um olhar atento ao ensino infantil e fundamental, que, se inserido, poderá ter sua função ampliada.

Questionamos se haveria necessidade de uma formação diferenciada para professores que vão atuar em escolas da periferia, por exemplo. Diferentes contextos sociais representam necessidades diferenciadas.

Outra pesquisa a ser realizada, que poderíamos apontar como relevante, diz respeito à teoria de Pichon-Rivière nos cursos de formação de professores. Constatamos que essa não faz parte do estudo, assim, seria necessário que a área da educação se aprimorasse nesse relevante conhecimento.

Tem sido uma motivação compreender formas de atuação e colaboração com as questões sociais, culturais, econômicas e políticas, para dirimir desafios na educação contemporânea. A relação com projetos sociais que mantivemos ao longo da pesquisa motivou esse aprofundamento e a busca por um aporte teórico e metodológico adequado que ora buscamos apresentar nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

- ALA-HARJA, M.; HELGASON, S. Em direção às melhores práticas de avaliação. **Revista do Serviço Público, Brasília**, v. 51, n. 4, p. 5-59, out./dez. 2000.
- ALDRIDGE J. et al. **Blame the parents?** Challenges for parent-focused programs for families of gang-involved young people. 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1099-0860.2009.00282.x/abstract>>. Acesso em: 21 out. 2017.
- BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.
- BARBOSA, R. **Sinto vergonha de mim**. Obras completas de Rui Barbosa, v. 41, t. 3, 1914.
- BHERING, E.; BLATCHFORD, I. S. A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. **Cadernos de Pesquisa**, n. 106, p. 191-216, mar. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15741999000100010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 fev. 2016.
- CAVALCANTE, R. C. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 2, n. 2, p. 153-159, 1998.
- CHARLOT, B. Texto apresentado no II Fórum Social Mundial pelo Fórum Mundial de Educação, 2001. Disponível em: <paje.fe.usp.br/~mbarbosa/cursograd/charlot.doc>. Acesso em: 12 out. 2016.
- COSTA, F. L. da; CASTANHAR, J. C. Avaliação de programas públicos: desafios conceituais e metodológicos. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 5, p. 969-92, 2003.
- CUNHA, C. G. S. **Avaliação de políticas públicas e programas governamentais: tendências recentes e experiências no Brasil**. Rio Grande do Sul: Secretaria de Coordenação e Planejamento, 2006.
- FARIA FILHO, L. M. de. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo Perspec.** v.14 n.2 São Paulo, abr/jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200007>. Acesso em 10 jan. 2016.
- FELIPPE, W. C. et al. (orgs) Extensão das instituições comunitárias de ensino superior: referenciais para a construção de uma Política Nacional de Extensão nas ICES. **Encontro Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições Comunitárias**, 20. FOREXT 2013. Disponível em: <<https://www.unochapeco.edu.br/static/data/portal/downloads/2585.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.
- FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Brasília: Liber Livros, 2012.
- FREIRE, P; PICHON-RIVIERE, E. **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Riviere**. São Paulo: Vozes, 1985

- FREUD, S. O ego e o id, 1923. In: _____. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-72. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 20 out. 2017.
- GAYOTTO, M. L. C. (org). **Liderança II**: aprenda a coordenar grupos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- _____. **Liderança**: aprenda a mudar em grupo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- KAËS, René. **El aparato psíquico grupal**. Barcelona: Juan Granica, 1977.
- KOERICH, M. S. et al. Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 11, n. 3, p. 717, 2009. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v11/n3/v11n3a33.htm>. Acesso em: 03 maio 2016.
- LEMA, V. Z. **Conversaciones con Enrique Pichón Riviére sobre el arte y la locura**. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1995
- MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções **Educação por escrito**. Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014
- OLIVEIRA, C. B. E de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, jan-mar, 2010.
- PALMER, A. **The only way to stop youth crime is to help the parents**. Daily Telegraph. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/comment/7530902/The-only-way-to-stop-youth-crime-is-to-help-the-parents.html>>. Acesso em 24 out. 2017.
- PEREIRA, R.V.V.E.S. Pais e Escola: Construindo pontes a partir da teoria sistêmica. **Yumpu**. 2014. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/14386776/pais-e-escola-construindo-pontes-a-partir-da-teoria-sistemica>>. Acesso em 10 nov. 2016. Acesso em: 5 dez. 2016.
- PEREIRA, E. L. R.; WEILEVSK, A. M.; SOUZA, C. C. de. A participação da família na realização das tarefas escolares do 2º e 3º anos do ensino fundamental da Escola Estadual Vinicius de Moraes. **Nativa**, v. 5, n.1, 2016. Guaratã do Norte, MT. Disponível em: <<http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/295>>. Acesso em: 03 mar. 2017.
- PICHON-RIVIÈRE, E.; QUIROGA, A.P. **Psicologia de la vida cotidiana**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2012.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **El proceso grupal**. Buenos Aires: Nueva Vision. 1975.
- _____. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SADALLA, A. M. F. A., & LAROCCA, P. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, p. 419-433, 2004.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia** (Campinas), p. 33-41, 2005.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Anual da ANPEd, realizada de 16 a 20 de outubro de 2008, em Caxambu (MG). **Revista Brasileira de Educação**. v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

SCHENINI, F. Interação entre pais e escola é fundamental para o ensino. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36393>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

SOARES, S. R.; CUNHA, M.I. **Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade** [online]. Salvador: EDUFBA, 2010. 134 p. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/cb/pdf/soares-9788523206772.pdf> >. Acesso em: 15 maio 2016.

TEIXEIRA, C. M. F. S. Vivência com pais de adolescentes: uma proposta de curso que facilita o relacionamento. **Rev. latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, p. 73-85, julho 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v4n2/v4n2a06.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

TREVISAN, A. P. VAN BELLEN, H. M. Avaliação de políticas públicas: uma revisão teórica de um campo em construção. **Revista de Administração Pública**, v. 42, n. 3, p. 529-550, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v42n3/a05v42n3.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

VIEIRA, V.M. de O. **Escola de tempo integral: buscando evidências de um ensino de qualidade**. Dissertação (Mestrado em Formação de Professores) Universidade de Uberaba. Uberaba/MG, 2003. Disponível em: <<http://www.uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000011816.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2016.

VINHA, T. P.; MENIN, M. S. de S. **Projeto escola para pais**. São Carlos, SP, 2008. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/Home/Pesquisa/EducacaoMoral/Relatorio_ProjetoEscolaDePaisSaoCarlos.pdf>. Acesso em: 30 set. 2016.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

**APÊNDICE A - ÍNTEGRA DAS DESCRIÇÕES DOS
PAIS/RESPONSÁVEIS, ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS
DURANTE DA ESCOLA DE PAIS, EM 2015**

- ✚ No momento que aconteceu com meu filho ir pra a fundação casa eu fiquei muito nervosa, foi quando a Laura ligou na minha casa falando pra mim vir na Reunião e de tanto eu estava nervosa eu pensava que era uma bobice vir nesta reunião, mas eu vim pela primeira vez e gostei e vi que foi bom para mim estar junto com todas as pessoas que também estão passando por momento difícil e hoje está fazendo 10 reunião e estou muito contente e espero que logo o meu filho esteja junto comigo. N. A.
- ✚ Esse grupo fez eu ver que não é só eu que tenho esse tipo de problema, e que infelizmente tem pior do que o da gente e que um dá força pro outro. Hoje eu tenho força e muita esperança de melhoras na minha vida e também na do meu filho, aprendi como ser forte pra poder ajudar ele. Foi muito bom a convivência com todos hoje estou muito bem. (não quis se identificar)
- ✚ Eu cheguei através do meu filho. No encontro o assunto é exatamente o que acontece na minha vida da família, o que precisamos melhorar par educar o nosso filho, lidar com o adolescente, no encontro falava sobre limite. P. F. G.
- ✚ Eu V. cheguei aqui muito nervosa revoltada com meu filho ter aprontado comigo nunca esperava isso dele. Mas comecei vir aqui e foi passando essa revolta minha contra ele. Comecei ser mais amiga dele e ele começou a ficar mais calmo. Não me conformava de ter visto ele algemado daquele jeito, pra mim o meu mundo desabou. Esperava que meu filho nunca fosse fazer isso comigo por ter sofrido tanto pra criar ele, foi bastante doente, fui mãe e pai. Agora graças ao meu esforço meu filho está estudando e trabalhando. Só tenho agradecer a Deus e ao colegas da reunião aprendi muito aqui.
- ✚ Quando cheguei aqui cheguei muito bem e contente. Durante estes 6 meses que eu estive aqui gostei muito do grupo. Valeu muito eu vir. No grupo. Só que hoje é a última reunião que eu estou aqui. Ontem foi o último dia do B. de estar aqui. (não quis se identificar)
- ✚ A primeira vez que eu cheguei eu era uma pessoa muito triste em casa, porque meu filho era desobediente e eu não me segurava xingava ele por tudo. Eu vivia chorando de tristeza por brigar com eles. E agora eu sei lidar com ele eu agrado digo que é errado e que o amo e aos poucos ele foi mudando comigo. E até o meu marido era bruto e anda mais calmo agora estou mais feliz em casa. E. F.
- ✚ Então, no primeiro dia que cheguei aqui fiquei um pouco assustada achei que seria diferente do que eu imaginava. Pois como o lugar é sobre os adolescentes achei que seria sobre “adolescentes”. Hoje é a terceira vez que frequento e posso dizer que estou gostando muito pois conheci pessoas diferentes com os mesmos propósitos, integrar os adolescentes na sociedade e até mesmo na própria família. É isso que esse grupo de apoio nos ajuda a compartilhar. E a incentivar todos a viver em uma família feliz. L.
- ✚ No primeiro dia que eu vim na reunião eu não gostei, mas na segunda reunião eu achei bastante importante porque eu aprendi coisas interessantes, coisas bonitas porque a gente até esquece de alguns problemas. ” M. de M. P.
- ✚ Eu T. cheguei aqui com muita tristeza e agonia no coração por ter um filho preso e uma filha injustiçada eu não se conformava como caiu meu chão deste jeito até hoje, pois estou conformada com tudo pois fiz novos amigos e vi que tem gente pior do que eu e hoje sou mais feliz e conformada e consigo fazer a diferença.

- ✚ Desde quando comecei a participar desse grupo aqui com a técnica Veronica eu gostei muito da interação entre todos os seus participantes, as brincadeiras, as discussões sobre todos os temas relacionados a nós e a nossos filhos. Foi um ótimo aprendizado para mim e com certeza para todos os meus colegas, desde já agradeço muito primeiro a Deus que me permitiu estar aqui e depois a todos os técnicos Veronica, Rafael, Janine, entre outros, Deus abençoe a todos nós. N.
- ✚ O objetivo da minha participação no grupo foi, sobre minha neta que se encontra morando em minha casa juntamente com minha esposa, como eu não estava preparado para cuidar de uma adolescente de 15 anos entrei em pânico, mas com a terapia familiar ministrada por pessoas competentes estou assimilando bem a mensagem. J. R. M. S.
- ✚ O primeiro encontro foi com uma obrigação. Mas eu achava estranho mais gostei de frequente o grupo. No segundo dia eu fiquei mais tranquilo. E gostei cada vez mais e aprendi a conviver com os problemas da vida agora presto mais atenção nos meus filhos. (não quis se identificar)
- ✚ Então estou aqui pela segunda vez – e gostei muito de todos aqui. Agora voltei porque me senti a vontade de diante de todos os meus novos amigos. Estou aqui por um motivo muito especial para mim. Tenho uma filha de coração A. P. que está na fundação casa em São Paulo Chiquinha Gonzaga. E também me sinto muito bem com a psicóloga Veronica, muito simpática, desejo a ela e a toda sua família um feliz natal e um abraço com carinho. Agradeço por tudo e pelo carinho de todos Deus abençoe a todos. R. G.

APÊNDICE B - INTEGRA DAS DESCRIÇÕES DOS PAIS/RESPONSÁVEIS, ACERCA DAS EXPECTATIVAS DO INÍCIO DA ESCOLA DE PAIS, EM 2016

- ✚ Meu nome é D., pai do G., que cumpre liberdade assistida por ser detido com cocaína. Apesar de todo sofrimento pelo qual passamos, devido a este fato nós nos aproximamos mais, pois percebemos que não existe nada mais importante que família. E tudo que pudermos fazer para melhorarmos nosso relacionamento nós faremos.
- ✚ Meu nome é V., sou mãe de F. Meu filho cumpre medida socioeducativa na Fundação Casa Esperança. Confesso que sofri muito no começo, mas pude repensar em nossa convivência e tentar achar os erros da nossa relação. Pude reconhecer a grande falta que ele me fazia e reencontrar o grande amor que estava escondido dentro de mim. Graças a Deus este sofrimento está acabando, quero aprender a lidar com o meu filho, quero aprender a dar suporte a ele, para que nunca mais ele precise passar por isso.
- ✚ D., mãe de W. Eu acho boa a reunião porque às vezes a gente precisa de opinião, porque críticas sempre tem, mas para ajudar são poucos e eu aprendi muitas coisas aqui pra passar pro meu filho, hoje eu acredito que ele mudou muito, estava na Fundação fez bastante curso e já vai fazer a prova do Enem, que eles mesmos lá arrumaram pra ele. Eu acho bom ali, a educação que eles dão na Fundação Casa Esperança, hoje meu filho vê um mundo com outros olhos e eu acredito que ele vai ser alguém na vida, juntos nós estamos fazendo que ele mude de vida, já mudou eu acredito nisso e agradeço a todos pelo apoio porque só quem passa por isso que nós passamos sabe que não é fácil superar tudo isso, mas com ajuda de Deus e de vocês a gente vence. Essa reunião faz as mães vê que nem tudo é responsabilidade nossa, mas sim de todos pra ajudar nós conversar com nossos filhos.
- ✚ Eu me chamo S., sou mãe do aluno M., eu quero participar do grupo para aprender como lidar com meu filho e para mim não passar por mais essa coisa tão chata e humilhante que todas nós mãe passa nesse mundo que estamos vivendo hoje. Nós tentamos ensinar o caminho certo, mas o que podemos fazer, os filhos estão sendo usados por pessoas que estão perdidos no caminho das drogas e bebidas. Numa igreja ninguém quer ir porque o caminho de Deus é difícil de seguir, o caminho do mundo para eles são melhor, uma mãe quer pegar e levar seu filho para casa de Deus, mas eles não querem seguir nós mais, o que podemos fazer, temos que pedir ajuda ao CREAS porque não sabemos mais para onde irmos, estamos perdendo nossos filhos e eles parece que não escutam mais o que os pais falam, o mundo lá fora para eles se tornam parece que melhor, perdem o amor nos pais e querem acompanhar pessoas errada na vida. Nós pais passamos por tudo isso pelo amor que temos neles, eles sofrem lá dentro e as nossas lagrimas caem aqui fora, é uma pena tantos filhos se perdendo no mundo não sabemos nem para onde corremos mais. Eu mãe, estou sofrendo até hoje pela dor que já passei e pelos traumas que ficou aqui dentro, preciso muito de ajuda e muito obrigada, espero ajuda de todos vocês, sou uma mãe.
- ✚ Eu, J., pai de J. Meu filho está em L.A por tráfico de drogas, único caso que pegou de surpresa eu e toda família. Sou separado e moro com meus filhos A. e J. há 6 anos. Por trabalhar a noite eu e meu filho tínhamos pouco dialogo, talvez por esse motivo levou ele a ir a esse caminho que graças a Deus já está se recuperando, de certa forma a internação dele serviu de lição fez com que ele enxergasse a realidade. Hoje ele está sendo acompanhado pela monitora do CREAS, que está sendo de bom aprendizado para ele, mudando o pensamento dele e forma de agir. Hoje posso falar que antes não podia, ele tem total liberdade de expressão, falar o que sente o que precisa, coisa que não acontecia. Fico feliz por esse acompanhamento, está dando

resultado, podendo mudar a cabeça dele e de certa forma a minha. Obrigado pelo apoio que estou tendo nesse momento.

- ✚ Meu nome é S., sou pai do L. de 17 anos, é a primeira vez que participo e espero que com ajuda de vocês eu possa colocá-lo no caminho certo, primeiramente estudo e trabalho pra ele ser aceito na sociedade, pra ele oferecer o que ele tem de bom.
- ✚ D., avó do M. Quero adquirir experiência de como lidar com ele [M.] e com os outros netos. Sempre busquei oferecer de tudo para ele, roupa, sapato, comida, amor e não sei responder a pergunta de onde eu errei. Apesar de tudo, percebo que a experiência na Fundação CASA ajudou ele a mudar muito. Ele está trabalhando, é um adolescente bom comigo. Tenho 16 netos e espero adquirir mais experiências.
- ✚ Eu me chamo V., mãe de W., que está na medida socioeducativa em liberdade assistida. Sou assistente social e antes de ser profissional “sou mãe”, e pretendo com certeza estar vindo aos grupos para ter novos conhecimentos e experiências dos outros pais.
- ✚ Aprender a conversar mais, porque é difícil dialogar e ter, as vezes que repreender sem gritos. Compreender mais, porque os dois já passaram pela Fundação Casa. O K. é mais rebelde e é muito difícil falar com ele sem me responder e às vezes fica bravo e foge de casa. Quero aprender a compreender melhor eles. M., mãe de L. e K.

APÊNDICE C – ÍNTEGRA DA AVALIAÇÃO DO PROJETO PILOTO CREAS - 2015

1. Como você chegou para o grupo de pais?

S1 Através do meu filho F.

S2 Através do meu filho M. D.

S3 Eu cheguei para o grupo através de uma mãe de um colega do meu filho que me convidou a participar. Eu comecei a vir e achei muito importante a reunião.

S4 Meu filho não queria estudar.

S5 Foi bom.

S6 Através do próprio fórum.

2. Quais eram seus sentimentos e expectativas?

S1 Triste, desorientada sem rumo.

S2 Desanimada e triste.

S3 O sentimento de estar aprendendo muitas coisas que a gente sabe e ajuda a conviver com nossos filhos.

S4 Eu esperava melhorar minha relação com meu filho, queria que ele voltasse estudar.

S5 Mudança.

S6 Já tinha frequentado um grupo em outros lugares.

3. Quais mudanças ocorreram com você no decorrer dos encontros?

S1 Muitas, fiquei mais calma. Estou cada vez mais sabendo lidar com meus filhos.

S2 Comecei a dar mais atenção e escutar o meu filho.

S3 Eu fiquei mais despreocupada com os problemas.

S4 Aprendi a ouvir, falar baixo, conversar.

S5 Dar atenção ao filho e carinho.

S6 Melhoras.

4. Quais mudanças você sentiu na relação com seu filho (a)?

S1 Agora eu consigo ser mais atenciosa, mais amorosa e aberta.

S2 Nós temos mais diálogo e aprendi a ser mais amorosa.

S3 Achei que ele também melhorou, mas a maneira de eu tratá-lo também.

S4 Comecei a conversar mais com meu filho, isso melhorou nossa relação.

S5 Nós aprendemos a conversar mais.

S6 Mais amor e compreensão.

5. O que você achou dos encontros? Os temas? A maneira como foram abordados?

S1 Ótimo. Eu gostei de todos. Gostei muito das Tarefas que me ajudaram muito.

S2 Bom, me ajudou bastante, gostei da maneira que foram aplicados os temas.

S3 Eu achei muito bom.

S4 Eu gostei, aprendi muito, minha relação com meu filho e marido melhoraram. Eu parei de gritar e aprendi a dizer "eu te amo".

S5 Bom que aprendi a visualizar as coisas.

S6 Super legal, aprendemos muito mais com os testemunhos das mães e pais.

6. O que você achou do desempenho da equipe de trabalho?

S1 Muito maravilhosa, com esse trabalho eu consegui me expressar mais e pensar mais ao tomar uma atitude.

S2 Está de parabéns.

S3 Achei muito importante cada um deu a sua opinião.

S4 Eu gostei, eles me ajudaram muito.

S5 Bom.

S6 Muito eficiente e legal.

7. Você indicaria a continuidade deste programa?

S1 Sim. É uma autoajuda para pais desorientados.

S2 Sim.

S3 Sim.

S4 Sim, é importante.

S5 Sim.

S6 Sim.

8. Você teria alguma sugestão para a melhoria deste programa?

S1 Não, porque assim para mim está muito bom.

S2 Não.

S3 Acho que está bom.

S4 Dar continuidade.

S5 Não, é só continuar o grupo.

S6 Não, acho que a equipe está bem informada e preparada.

APÊNDICE D– CARTA CONVITE**Secretaria da Educação****E.M. PROF^a “MARIA DOMINGAS TÓTORA DE GÓES”**

AL. LAURINDO DE BRITO Nº 180 – VILA CAROL – SOROCABA
CEP18070-295 – 15-3211.4660 / 3232. 9568 – e-mail: apmmdtg@ig.com.br

CARTA CONVITE

Prezados pais ou responsáveis, nossa escola estará realizando uma parceria no Projeto Escola de Pais, cujo objetivo é reunir pais de alunos e alunas para compartilhar um espaço de formação e reflexão sobre importantes temas da vida e da educação das crianças. Serão realizados nove (9) encontros, quinzenalmente, com duas horas de duração cada um.

A ideia é oferecer duas opções de horário para o desenvolvimento do projeto, que se realizará sempre às quartas-feiras, um grupo no período da manhã e outro no período da noite.

A participação dos senhores é muito importante no sentido de que acreditamos que o trabalho em parceria pode contribuir para o sucesso de seu/sua filho/a e de cada um/a dos/as senhores/as no dia-a-dia.

Realizaremos o primeiro encontro no dia 9/3 (nove de março), das 8 às 10 horas da manhã e das 19 às 21 horas da noite.

Contamos com a participação dos senhores e senhoras, mesmo que em períodos diferentes.

Sem mais para o momento e certos de vossa prestimosa atenção, apresentamos votos de estima e consideração.

Sorocaba, 16 de fevereiro de 2016.

Solicitamos que esse espaço seja recortado e enviado pelo caderno de recados de seu/sua filho/a, confirmando a presença ou não, até o dia 22/2 – próxima segunda-feira.

() Sim, participaremos do projeto. () Não participaremos do projeto.

Período que melhor atende a sua organização (se cada um vir em um período assinalar as duas alternativas):

() Manhã

() Tarde

APÊNDICE E – ÍNTEGRA DAS DESCRIÇÕES DOS PAIS/RESPONSÁVEIS, ACERCA DAS EXPECTATIVAS DO INÍCIO DA ESCOLA DE PAIS NA ESCOLA MUNICIPAL, EM 2016.

Escola de Pais / Grupo da Manhã

- ✚ Me interessei em participar do projeto por entender que é de extrema importância que nós, os pais dos alunos deste colégio, estejamos inteirados no que acontece de novo dentro dele, para melhorar em diferentes aspectos a vida escolar dos nossos filhos. Acredito que o diálogo e a participação de todos oportunizam o enriquecimento de atividades e atitudes que auxiliam as crianças a serem melhores cidadãos. A.
- ✚ Bom, a princípio, quero agradecer por essa oportunidade desse grande projeto, pois para algumas pessoas podem não ter muita importância pois acham que sabem de tudo. Hoje como mãe me interessei por este trabalho a fim de poder ajudar meu filho no convívio tanto na escola como nos outros lugares. Sei que com a ajuda desse projeto poderei aprender muito mais a lidar com algumas dificuldades que às vezes fico perdida e não sei como agir. Quero também com o pouco que sei poder ajudar de alguma forma. E ainda gostaria que este projeto crie forças para chegar em bastantes escolas que vai ajudar na melhoria das nossas crianças e principalmente dos próprios pais. Porque a maioria das vezes os nossos filhos são apenas nossos reflexos. J.
- ✚ Meu interesse por participar do grupo é saber se o que estou fazendo, está correto, esclarecer dúvidas internas, saber se meus problemas são iguais as outras famílias. Me baseio na educação que recebi, e de coisas que meus pais fizeram, que não quero repetir. Mas por ser geração diferente tenho dificuldade. Percebo também que tenho menos paciência que minha mãe, e me sinto culpada. O meu objetivo é sair com maior conhecimento em relação a educação. F.
- ✚ Eu, D., resolvi participar da escola para pais com o objetivo de participar mais da educação das crianças, me reciclar e automaticamente me atualizar enquanto pai e que, sabe colaborar para um projeto que possa ser útil e utilizado na melhoria das escolas e vida social da comunidade.
- ✚ Me interessei em vir ao encontro pois como muitos pais visou dar a melhor educação possível em se tratando de construção social. Também para ter uma ajuda a mim mesma, pois sempre fico em dúvida se estou fazendo direito, será que sou dura demais? Será que sou mole demais? Será que estou fazendo com que minhas filhas se sintam amadas? Em fim acredito que basicamente todos viemos pelo mesmo motivo. Precisamos de ajuda. D.
- ✚ Hoje vim pra conhecer como seria o projeto, o que seria abordado, a princípio vim mais porque tenho dificuldades com a educação com meu filho mais novo. E como tratar a diferença de meninos e meninas, porque minhas filhas sempre reclamam que faço mais por ele do que por elas. Acredito que irei aprender muito nesse projeto, fico feliz por ele ser apresentado nas escolas. S.
- ✚ O que me trouxe aqui foi como saber abordar uma situação de uma pessoa separada. Como sou pai e minha relação é dividida com minha ex cônjuge, queria saber como posso aproveitar melhor o tempo de convívio com meu filho, pois sei que é muito difícil para uma criança ter duas convivências diferentes. Gostaria de aproveitar melhor o tempo com ele, e participar da educação dele da melhor forma possível. M.

- ✚ Meu interesse em participar é aprender com o grupo cada vez mais. E saber como ajudar com o meu bisneto, e ajudar como se fosse meu filho para educação dele. C.
- ✚ Estou participando para melhorar cada vez mais na educação dos meus filhos, fiquei feliz de saber que tem esses ensinamentos educativos para completar mais a base da educação dos filhos em tudo, geral mesmo. Como meu esposo trabalha a noite e não tem como participar, dorme durante o dia, realmente me interessei em conhecer e ver tudo o que possa a respeito desse ensinamento sobre os filhos e educação. Tenho dois filhos um se chama: V. de 9 anos e estuda no 4º ano, o mais novo se chama o W. de 6 anos e estuda já seu 1º ano com a professora Juliana, o W. faz seus tratamentos desde seus 3 anos de idade que corro com esse menino. Alguns médicos já deram suas altas a ele. Mas continua com dois médicos ainda um é o fono e o outro da parte de psiquiatria. Graças a Deus melhorou muito mesmo, bastante, mas tem que melhorar cada vez mais e mais. Os dois filhos meus são muito espertos, inteligentes em tudo mesmo, mais mesmo assim tem que se aperfeiçoar mais ainda. Meu nome é T., tenho 44 anos, sou casada há 10 anos, dois filhos lindos mesmo que Deus me deu de presente. Amo muito mesmo minha família.
- ✚ Eu não quero passar para os meus filhos e netos os mesmos erros que a minha mãe está passando prá mim. Hoje com tudo o que está acontecendo eu quero explicar tudo o que é certo e errado. Sofro muito com tudo que estou passando hoje. M.R.

Escola de Pais / Grupo da Noite

- ✚ Eu me chamo A., eu quis participar desse grupo por eu ser muito apegada com o meu filho e isso prejudica muito ele. Eu não consigo deixar ele com ninguém e por isso ele já sofreu síndrome do pânico e por isso que eu preciso de tratamento.
- ✚ Interessei-me pelo projeto tanto como mãe, como professora. Atualmente, estou passando por um processo de separação, o qual tem afetado meu relacionamento, com minha filha de 5 anos. Acredito que o compartilhar de experiências, trará benefícios para a melhoria dessa relação com a minha filha, além da relação também, com meus alunos, que muitas vezes, acabam projetando as figuras parentais, nas relações da escola. C.
- ✚ Meu nome é S. tenho 29 anos, 2 filhos, o F. (aluno) 4 anos e a C. (5 meses), topei participar do projeto, pois quero melhorar, a minha maneira de lidar com toda a situação que estamos passando: separação, volta para casa dos meus pais, nascimento 'da' bebê, etc. Achei um projeto muito interessante.
- ✚ Estou aqui nesse projeto de pais para aprender e ter novas experiências em relação com as outros pais e pedir ajuda na educação e aprendizado de minhas filhas e principalmente na família e contribuir em casa. L.
- ✚ Compareci nesta reunião de pais, por que acho que estou perdida e preciso me encontrar. Não estou conseguindo lidar com as idades dos meus filhos. M.
- ✚ Me interessei pelo grupo, pelo fato de ter me separado recentemente e isso ter influenciado na vida do meu filho P. de 5 anos, e aprender como ajudá-lo a entender a nossa decisão (pais) e também para eu aprender a lidar com a separação (mãe e filho). L.
- ✚ Eu me interessei porque acho que vai ser bom para o meu filho e para mim e para a mãe também. D.

- ✚ Eu acho que vai ser bom para mim lidar com meu filho, até comigo mesmo só que tenho dificuldade de falar. S.
- ✚ Achei importante participar das reuniões para saber lidar melhor com os meus filhos. Tenho um menino de 5 anos E. e uma menina de 1 ano J. Está sendo muito difícil para mim, meu filho está muito teimoso e a bebê fica prestando atenção em tudo que ele faz. Com a ajuda de vocês, espero saber melhorar a educação deles. S.
- ✚ A minha expectativa com esse encontro, foi curiosidade, ouvir sobre o que é ser pai e mãe, adquirir mais conhecimento no processo de desenvolvimento infantil. E mais que tudo dedicar esse momento para mim em prol do meu filho. V.
- ✚ Estou participando deste projeto para aprender. Todos estamos sujeitos a qualquer situação e saber lidar com elas é importantíssimo. Eu quero ter a possibilidade de oferecer aos meus filhos um caminho\ educação para serem bons cidadão e ter discernimento ao fazerem suas escolhas durante a vida. Apesar de ser estudante de pedagogia muitas vezes me sinto despreparadas para educar meus filhos. Quero aprender só isso. A. P.
- ✚ Quando recebi o convite desses encontros, ache de grande importância essa aproximação de pais (mãe e pai) junto a escola, para poder identificar onde podemos melhorar na formação de nossos filhos. Iniciativas como esta ajudam na convivência familiar, escolar, trazendo benefícios em nossa sociedade. D.
- ✚ A princípio não entendi muito bem a proposta do projeto, mais como gostaria de participar mais da vida do meu filho na escola decide vir, pois muitas vezes não tenho oportunidade de participar de reuniões, festas, etc.... por conta do horário do serviço. Agora que conhecendo a proposta, me identifiquei bastante, pois sempre temos questões que não conseguimos lidar direito e as reuniões poderão me ajudar muito. J.
- ✚ Eu, C. estou aqui para aprender a lidar com o meu jeito de educar a minha filha, eu já queria passar em um psicólogo, pois estou tendo problemas em meu casamento que acaba afetando a minha filha, tenho que aprender a me aceita como estou, e a lidar com o crescimento da minha filha, acredito que participar da “escola de pais” será um aprendizado para mim.
- ✚ Me interessei pelo projeto, pela oportunidade de aprender, compartilhar e saber lidar com a educação de meu filho que hoje tem 04 anos, com mudanças que aconteceram em sua vida. Também porque acho importante a relação dos pais com a escola, sendo ela qual for a finalidade. Acredito que tendo a orientação de um profissional e experiência de outras pessoas, fica mais fácil delimitar e conduzir a criação. F.
- ✚ Eu resolvi participar deste grupo, porque acho a Psicologia muito importante pra gente entender a nossas duvidas, e qual o melhor jeito para lidar com o nosso emocional e aí poder ajudar a conviver e ensinar os filhos e os netos de melhor maneira. Para que eles sejam felizes e bem resolvidos. E vai ajudar muito nós que estamos de alguma forma educando os netos já que os filhos estão criados. V.
- ✚ Quando eu recebi o convite do projeto, achei muito interessante, achei bem legal este espaço aberto aos pais, pois estar se encontrando com especialistas “psicólogo” para poder aprender a tirar dúvidas dos relacionamentos dos filhos com os pais. Espero aprender muito com o projeto, com a psicóloga com os outros pais também a melhor forma de convívio com nossos filhos. Espero que, os temas sejam bem interessantes, os encontros sejam bem aproveitados. Gostei muito da ideia estou aqui para melhor aprender com todos. A.

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE SOROCABA



Secretaria da Educação

Ofício SEDU-DAGP nº 565/2015

Sorocaba, 09 de novembro de 2015.

Assunto: Autorização para pesquisa em Instituições Educacionais da Rede de Ensino Municipal

A Secretaria da Educação de Sorocaba autoriza VERONICA MARTINS HOFFMANN, R.G.: 16187371-6, aluna do Programa de Pós Graduação (Stricto-Sensu), da Universidade de Sorocaba (UNISO), a pesquisar, em um grupo de pais da *Escola Municipal Maria Domingas Tótora de Góes*, com expressa autorização do Diretor da Instituição, Eder Proença. A pesquisa possui como objetivo identificar as competências, habilidades e atitudes que os professores precisam para trabalhar na Escola de Pais.

O trabalho compõe a dissertação de Mestrado, em andamento, desenvolvida pela pesquisadora que tem como título: **"A ESCOLA DE PAIS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO SÉCULO XXI"**, sob orientação da Profª Dra Maria-Alzira Pimenta.

Flaviana Agostinho de Lima

Secretário da Educação

ANEXO B - AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA NA ESCOLA MUNICIPAL/SOROCABA



**Prefeitura de
SOROCABA**

Secretaria da Educação

E.M. PROFª "MARIA DOMINGAS TÓTORA DE GÓES"

AL. LAURINDO DE BRITO Nº 180 – VILA CAROL – SOROCABA
CEP18070-295 – 15-3211.4660 / 3232. 9568 – e-mail: apmmdtg@ig.com.br

Sorocaba, 22 de fevereiro de 2016.

AUTORIZAÇÃO

Eu, Eder Rodrigues Proença, portador do RG 24.951.138-1 SSP/SP e CPF. 254.180.028-21, diretor da Escola Municipal "Professora Maria Domingas Tótora de Góes", situada à alameda Laurindo de Brito, 180 – Vila Carol, CEP 18070-295, nesta cidade de Sorocaba/SP, estou ciente da pesquisa que será realizada nesta unidade escolar, no período de abril a setembro de 2016, com o seguinte tema: "A escola de pais e suas implicações para a formação de educadores do século XXI", realizada pela aluna de mestrado em educação, Verônica Martins Hoffmann, cuja orientação está a cargo da Profª. Dra. Maria Alzira de Almeida Pimenta, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Sorocaba – UNISO.

Autorizo a realização da coleta de dados.

Sem mais,


Eder Rodrigues Proença
RG: 24.951.138-1
Diretor De Escola

ANEXO C - AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA NO CREAS/ITAPETININGA



PREFEITURA do MUNICÍPIO de ITAPETININGA

=====ESTADO DE SÃO PAULO=====

Secretaria Municipal de Promoção Social

CREAS Centro de Referência Especializado de Assistência Social

Rua João Evangelista, nº 416 – Centro - Itapetininga/SP - CEP: 18.200-055 TEL: (15) 3272-2679.

E-mail: creas@itapetininga.sp.gov.br

Itapetininga, 18 de Outubro de 2015.

AUTORIZAÇÃO

Eu, Clélia Ramos da Silva, Coordenadora do CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social, da cidade de Itapetininga, SP, portadora do RG nº 15.342.500-3 e CPF nº 021.262.418-07, estou ciente da pesquisa que será realizada nesta unidade de atendimento, no período de Outubro à Dezembro de 2015, sobre o tema: "A Escola de Pais e suas implicações para a Formação de Educadores do Século XXI", realizada pela aluna de mestrado Verônica Martins Hoffmann e orientada pela Profa. Dra. Maria Alzira de Almeida Pimenta, da Universidade de Sorocaba – UNISO.

Autorizo a realização da coleta de dados.

Sem mais,

Clélia Ramos da Silva

Coordenadora do CREAS

Clélia Ramos da Silva
Assistente Social
CRÉSS 43.161